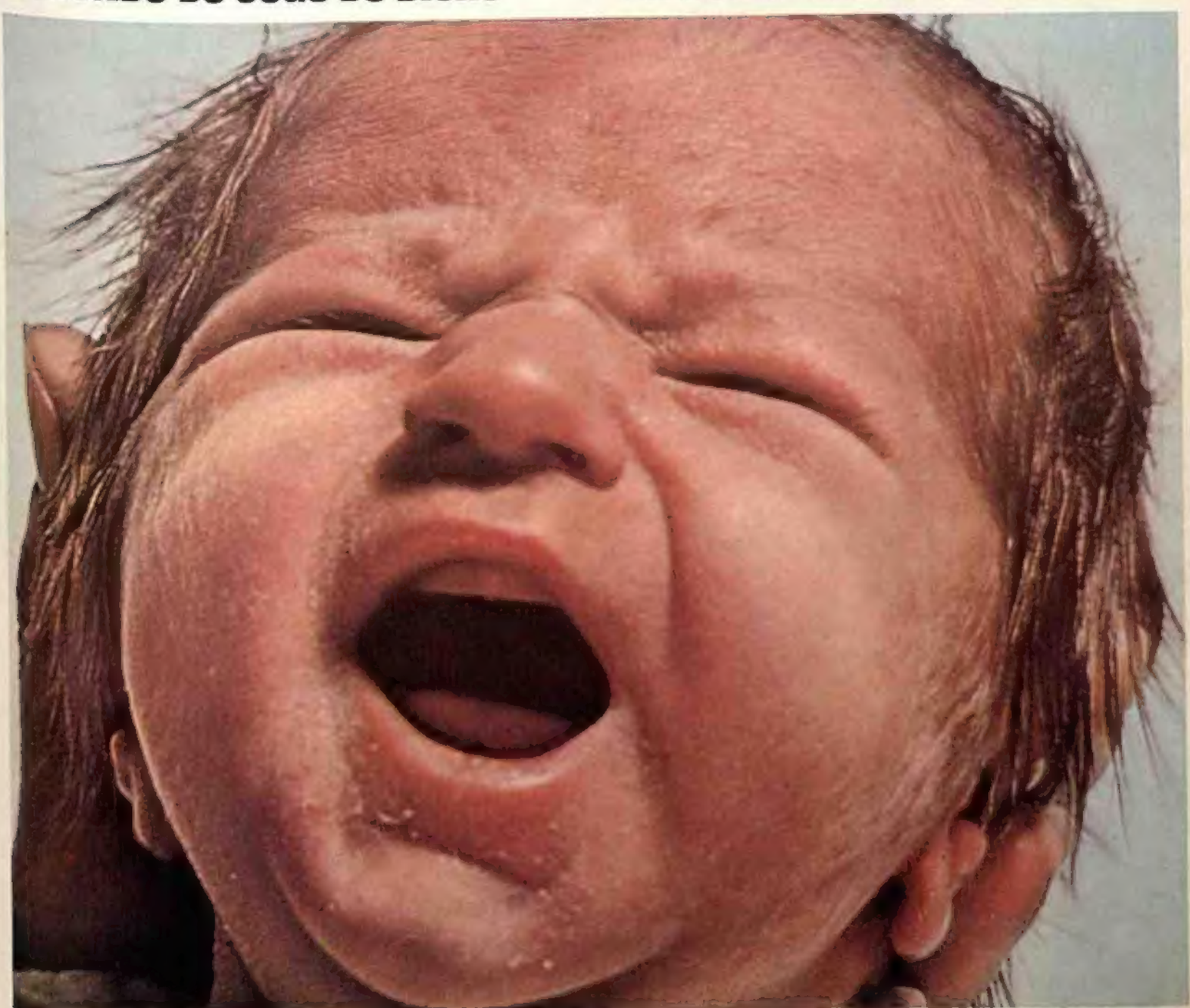
REALIDADE

JUNHO 1966 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL Cr$ 700

A NOVA "GUERRA" DO PARAGUAI
RECEITA DA MULHER IDEAL
O MUNDO DO JÔGO DO BICHO
NÃO TENHA MÊDO DO CÂNCER
A FÁBULA DE JOÃO XXIII
NÉLSON RODRIGUES E A COPA



O primeiro ano da nossa vida: 30 fotos a côres

Cognac Brésilien de Catégorie Internationale

UM PRODUTO DE E. MOSELE S.A. - VINHOS - CHAMPANHES - CONHAQUES - CAXIAS DO SUL - R.G.S.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 3 — JUNHO 1966

BIBLIOTECA NACIONAL
I00000 22306 DL
2,058,01,01
er 8789es B. 213659

Capa		Um fotógrafo inglês, Robert Freson, montou seu estúdio numa maternidade e passou três semanas tirando fotos de bebês. Começou pelo chôro.
Política	18	**Está aberta a sessão.** Um passeio por dentro do Congresso Nacional, contando o que é o Legislativo e como vivem os deputados e senadores.
Internacional	28	**A nova "guerra" do Paraguai.** Um repórter e um fotógrafo foram a Assunção e Sete Quedas para ver o lado paraguaio da disputa de fronteiras.
Aventura	36	**Olha o avião.** Pilotando um teco-teco, na cabina de um DC-3 ou atrás dos comandos de um jato, há sempre um homem capaz de contar boas histórias.
Medicina	44	**O câncer tem cura.** Mas é preciso descobri-lo ao primeiro sintoma. E tratá-lo. A ignorância e o mêdo até do nome da doença também matam.
Perfil	52	**Êste é o Humberto.** Quem é o homem que se esconde atrás do presidente da República? Em menino êle só pensava numa coisa: um dia ser capitão.
Documento	60	**A vida começa aqui.** Do primeiro grito até conseguir ficar de pé sem nenhuma ajuda — na 52.ª semana — o bebê descobre o mundo em sua volta.
Mulher	74	**Receita de mulher.** Para Otto Stupakoff, não foi difícil ilustrar a poesia de Vinícius de Morais Bastou achar Paula Pritchett, a mulher da receita.
Religião	84	**A fábula do Papa João.** Quando êle morreu, sua alma escapou devagarinho do corpo e percorreu mansamente os lugares que lhe eram mais queridos.
Jôgo	92	**Que bicho deu hoje?** Há mais de setenta anos esta pergunta se repete todos os dias no Brasil. A resposta faz milionários e também desilusões.
Futebol	98	**O drama das sete Copas.** Nélson Rodrigues conta, com aquêle jeito que só êle sabe, a história de Copa Mundial desde 1930. E reza pela próxima.
Crime	108	**O tira.** Onde vivem os criminosos, lá está o policial. Perseguindo um assaltante êle corre o escuro mundo dos marginais, em sua dura caça ao homem.
Humor	118	**A arte da cantada.** Cantar mulher transformou-se em hábito para o latino. O brasileiro, então, é especialista, capaz de se disfarçar. Até de anjo.

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, José Hamilton Ribeiro
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figueroia, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprim, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrella
Sucursal, Rio: Alessandro Porro, Milton Coelho, Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Luiz Celso Ferraz do Amaral, Pérsio Pisani, Sílvio Fernandes

Representantes, Rio: Kleber V. Buhr
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Edison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor de Publicidade: Paulo Funke
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, São Paulo / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146. Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 700. Assinatura semestral Cr$ 4.200. Assinatura anual Cr$ 8.400. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.

As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Quanto tempo vai durar esta "geral"?

Você tinha razão: esta lubrificação Marfak não dura apenas dois ou três dias. Valeu a pena mudar para Marfak - meu carro permanece mais macio e silencioso até a próxima "geral"!

O trabalho que recai nas articulações da suspensão é pesadíssimo. Marfak forma uma película resistente e durável que "agarra" firmemente aos mancais e pontos de atrito.

O chassi sofre verdadeira "lavagem" pela água espirrada pelos pneus, além do "bombardeio" incessante da poeira. Marfak protege o chassi com uma camada impermeável e impenetrável, graças à excepcional qualidade dos óleos minerais e ingredientes que o compõem.

Marfak é um lubrificante de chassi que, devido às suas características incomuns, permite que seu carro permaneça mais silencioso até a próxima lubrificação - mesmo sob o frio ou o calor mais intenso.

PEÇA UMA LUBRIFICAÇÃO MARFAK HOJE MESMO E RODE MACIO POR MAIS TEMPO

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco - o melhor amigo do seu carro!

TEXACO BRASIL S. A.

cartas

CORRERIA PARA COMPRAR

Sr. Diretor: Não imagina que correria precisei fazer para comprar o segundo número da revista. Só o consegui porque encomendei ao jornaleiro com antecedência.

Márcia Maria

Jacareí — SP

— A tiragem foi aumentada de nôvo. Neste número, REALIDADE chega aos 350.000 exemplares.

TEMPO PERDIDO

Sr. Diretor: Meus pêsames. REALIDADE gastou tempo, bom papel e trabalho gráfico perfeito para tratar do mais pernicioso e nefasto demagogo que já tivemos. Que Jânio continue sua "vida ascética" em Guarujá e deixe o Brasil em paz.

Aldo Machado

Limeira — SP

O PROBLEMA NÚMERO UM

Sr. Diretor: Acabo de ler a preciosa reportagem sôbre o problema número um da Humanidade, a explosão populacional. Oportuníssima, embora pouco incisiva. Seria melhor se pintasse em côres vivas o panorama nacional.

R. P. Silveira

Rio — GB

— Aguarde, chegaremos lá.

DISFARCE DE ESQUERDA

Sr. Diretor: Tenho a impressão que REALIDADE é francamente antiamericana e anti-religiosa, aparecendo nas suas páginas os mesmos disfarces esquerdistas de todos os tempos.

Davi Carlos Reis

Rio — GB

— REALIDADE não é nem de esquerda, nem de direita. É pela democracia, pela livre iniciativa, por um Brasil mais próspero e mais feliz.

A BENÇAO, SENHORA!

Sr. Diretor: Quero esclarecer que o sr. João de Deus, citado na reportagem "A Bênção, Senhora!", pertence ou pertencia a um movimento estranho à Assembléia de Deus.

Nílson L. Rocha
Assembléia de Deus

Belém — PA

GUARDAR E COLECIONAR

Sr. Diretor: Sugiro o lançamento de encadernação para que os leitores possam guardar melhor e colecionar os exemplares de REALIDADE.

Luís C. Wendeing

Petrópolis — RJ

— A fabricação de capas de couro para os colecionadores da revista já está sendo estudada.

ROBERTO CARLOS

Sr. Diretor: Tôdas as reportagens estão no mesmo nível: são colossais. Até aquela sôbre Roberto Carlos, tema constante em várias revistas dêste País.

Ademir M. Novi

São Paulo — SP

COM IPM NAO PODE

Sr. Diretor: Peço-lhes que tenham o mais absoluto critério na escolha de seus colaboradores. O deputado César Prieto (que respondeu ao "Brasil Pergunta" do número 2) está indiciado em IPM.

L. Bealdnil

São Paulo — SP

— As questões da seção "Brasil Pergunta" não são respondidas por colaboradores, mas sim por duas personalidades com pontos de vista claros e contrastantes. Uma das questões fundamentais da democracia é a sua disposição de ouvir tôdas as opiniões.

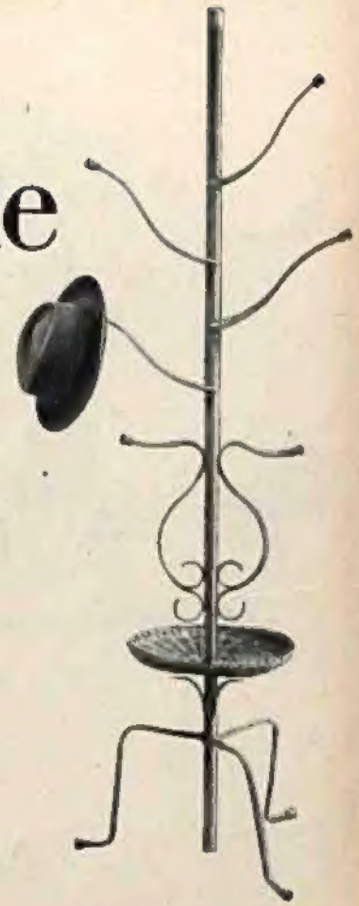
PARA DAR SORTE

Sr. Diretor: Achei REALIDADE formidável.

SEGUE

Biorene

não foi feito para quem usa chapéu



O RESTAURADOR

O FIXADOR

Claro! Biorene é usado por aquêles que sabem que os cabelos precisam de "ar-livre". E êsses, usam Biorene, porque:

Nos homens, Biorene *fixa naturalmente o penteado, sem engordurar ou empastar.*

Elas... usam Biorene *para restaurar cabelos queimados e quebradiços.* Biorene *dá nova vida... um nôvo brilho aos cabelos!*

Biorene

2 TAMANHOS

Biorene Biorene

Agora, com CETIÓL - *uma vantagem a mais para os cabelos.*

PRODUTO niasi

GRÁTIS-
PARA QUEM VAI ASSISTIR À COPA DO MUNDO
(na Inglaterra ou pelo Vídeo-Tape)

A repercussão do folheto "Inglaterra 66", publicado em Quatro Rodas de Maio, foi tão grande, que a Shell decidiu distribuí-lo também nos seus postos de serviço.
É mais um brinde SHELL. Um belíssimo folheto, ilustrado a côres, destacando o que deve ser visto no verão britânico. Mapa de Londres e suas atrações históricas e turísticas. Os acontecimentos importantes e festividades que vão de Junho a Agôsto.
E mais a tabela da Copa Jules Rimet com todos os jogos, datas, estádios e locais, para V. que vai torcer pelo TRI, na Inglaterra ou pelo Vídeo-Tape.
Vá a um pôsto SHELL e peça o folheto INGLATERRA - 66.

Uma oferta do seu revendedor

SHELL

cartas

A única reportagem que destoou foi "Brasil, Tricampeão". Isto não é realidade e, pelo próprio nome da revista, não deveria ter sido publicado.

Elvira A. Bandecchi

São Paulo — SP

— REALIDADE se reserva o direito de torcer pelo Tri e faz votos que a reportagem seja confirmada em julho.

CONTRA AS SUECAS

Sr. Diretor: Aplaudo uma revista do porte de REALIDADE. Que venha para construir. Mas, por amor de nossa Pátria e dos nossos, que não venha veicular assuntos como o de "As suecas amam por amor", publicado no número 1.

Padre José Stringari
Reitor da Faculdade de Filosofia de Lorena.

São Paulo — SP

Sr. Diretor: Qualquer livro sôbre educação sexual para principiantes poderia ter evitado tanto "trabalho de pesquisa" pré-conjugal à atriz Ingrid Thulin. Protesto, como jornalista, mulher, espôsa, mãe e avó, contra a reportagem "As suecas amam por amor".

Giselda Moura Ferreira

Rio — GB

Sr. Diretor: Na qualidade de mulher e médica faço ressalvas ao artigo sôbre o amor na Suécia. Sinceramente, não sei porque o brasileiro tem a mania de confundir realidade com imoralidade e usar o sexo como assunto de cartaz.

Maria de Lurdes Morais

Santos — SP

Sr. Diretor: Em nome da mulher paranaense e cristã, vimos protestar contra a reportagem sôbre uma cínica atriz sueca.

Maria Helena L. Ribeiro
Dalila de Castro Lacerda
Gláucia M. Pimentel

Curitiba — PR

A FAVOR DAS SUECAS

Sr. Diretor: Como uma jovem normal, que trabalha, estuda e luta em pé de igualdade com os homens, achei excelente a reportagem sôbre o problema sexual na Suécia. É um crime e uma farsa, nos países latinos, a maneira como êste problema é encarado. Por favor, continuem abordando êste tema. Com êste pedido estou expressando o pensamento de talvez 90% das jovens brasileiras, embora muitas não tenham coragem de demonstrar o que sentem.

Ângela Fernandes

Rio — GB

Sr. Diretor: Gostei muito da entrevista com Ingrid Thulin, "As suecas amam por amor", do número 1 de REALIDADE. Ela está certa, certíssima. Mas digna de nota mesmo é a carta de protesto do leitor Gilberto A. Domingues, publicada no número 2. Ela reflete bem como são estúpidos, retrógrados, injustos e inflexíveis os conceitos da nossa sociedade sôbre o sexo.

João Carlos Reis

Rio — GB

Sr. Diretor: Empolgou-me muito a reportagem sôbre a mulher e o sexo na Suécia. Artigos como êste devem ser publicados em benefício do grande público brasileiro.

Sérgio Costa e Silva

Rio — GB

Sr. Diretor: Com a presente, vimos nos congratular com REALIDADE. A reportagem "As suecas amam por amor" foi amplamente discutida pelos jovens desta igreja, motivando ainda sermão do nosso pastor.

Dátames A. Egg
Primeira Igreja Presbiteriana Independente

Curitiba — PR

FIM

FOX prop.

Senhores LOJISTAS E COMPRADORES que ninguém nos ouça: mas os modêlos da COLEÇÃO VERÃO-66 LE MAZELLE estão "uma coisa"!

Nosso cliente nos pediu segrêdo.
Alegou que êste ano desejava surpreender seus freguêses com uma coleção inédita e excepcional para o verão de 1966.

Nos disse, particularmente, que até já havia contratado para criar sua coleção, uma das mais famosas criadoras de modas femininas — **DONA IRENE MORAIS MAFFI**

Prometemos manter os modêlos em segrêdo, mas não prometemos deixar de dar aos lojistas e compradores esta notícia em primeira-mão. Entre nós, se vocês estão pensando em vender muito mais no verão de 1966, oferecendo às suas clientes mais bom gôsto, qualidade e originalidade, peçam desde já a visita do representante **LE MAZELLE.**

(Mas, por favor, não comentem com os nossos concorrentes o que viram!)

LE MAZELLE

LE MAZELLE é produzido por
MAJER ZEMEL S/A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Al. Cleveland, 707 - 713 — Fone: 52-3383

panorama

televisão

Marlon Brando aprendeu português

Marlon Brando, blusão de couro prêto, botinhas, entra no bar seguido de seus companheiros transviados, encosta no balcão e pede à mocinha:

— Me dá um café, ó belezoca!

No começo a dublagem soava muito mal. Mas depois o público foi se acostumando e hoje não há outra saída, pois o Govêrno resolveu tornar obrigatória a dublagem de filmes estrangeiros para a televisão.

Parece que o público saiu ganhando com isso, já que as legendas tinham grave defeito: ou não davam boa leitura ou, quando davam, tinham as últimas palavras cortadas no vídeo. Mas quem ganhou mais com o decreto foram os artistas e técnicos da televisão e do rádio. De um dia para o outro surgiram oito firmas especializadas em dublagem, com um capital superior a um bilhão de cruzeiros e colocação para centenas de técnicos e artistas.

No início, alguns resultados chegavam ao ridículo, mas com o tempo a técnica foi se aperfeiçoando. Atualmente quase ninguém estranha que Charles Boyer fale tão bem português e que Sofia Loren, em vez de dizer "Vengo subito, mamma!", diga "Já vou já, mamãe!".

A técnica de dublar não tem mistérios: numa sala de acústica, com tela para projeção de filmes e microfone ultra-sensível, ficam o diretor de estúdio e os dubladores, êstes com os diálogos decorados. Na mesma sala, mas separados por uma parede de vidro, estão um gravador especial, o projetor de cinema e os operadores.

O filme é cortado em **anéis** curtos que são projetados uma primeira vez para que o dublador estude os movimentos dos lábios dos atôres e calcule o tempo de duração de cada fala. Essa operação é repetida tantas vêzes quanto necessário, antes que seja ordenada a gravação. Tudo pronto, o diretor põe o gravador em movimento e o pessoal, em silêncio absoluto, olhos presos no filme, começa a trabalhar. Por maior que seja a experiência dos dubladores, sempre há um pouco de tensão na hora de gravar. Passado algum tempo, no entanto, o nervosismo desaparece, pois a dublagem de um filme de longa metragem leva mais ou menos 30 horas.

Em muitos filmes, o mesmo artista dubla mais de um personagem. Pode ser o caso de Valdir Guedes, por exemplo. Por sua conta, estão Frederic March, Charles Boyer, Peter Lorre, Danny Kaye e Fred Flintstone, entre os mais importantes.

Assim, Pato Donald, Dr. Kildare, William Holden, Kim Novak, Brigitte Bardot, Marcello Mastroianni, todos os heróis e vilões ganharam uma segunda personalidade para quem gosta de televisão. Ou uma terceira, pois muitos dos próprios galãs e estrêlas do cinema já vêm dublados em suas línguas originais.

Valdir de Oliveira dubla William Holden

Helena Samara dubla Marlene Dietrich

Borges de Barros dubla Pateta

Isaura Gomes dubla Suzanne Pleshette

As dez leis da telenovela

Quarenta meses depois do lançamento da primeira novela pela televisão brasileira, a 100.ª foi para o ar com uma novidade: em **Almas de Pedra,** a heroína é um travesti. Os psicanalistas dizem que as telenovelas são chicletes emocionais: no começo têm um sabor adocicado de hortelã ou tuti-fruti; depois de algum tempo viram uma borrachinha que se mastiga por simples hábito. O **tuti-fruti** de **Almas de Pedra** é Glória Meneses vestida de homem. E o segrêdo das telenovelas sempre estêve nesse sabor adocicado do início, capaz de levar o público a mastigar os capítulos seguintes.

No começo, as telenovelas eram meio improvisadas, correndo livre a imaginação do autor. Mas como nem sempre isso dava resultado, os patrocinadores organizaram departamentos de pesquisas destinados a descobrir de que os telespectadores mais gostam, a fórmula infalível do sucesso. Assim nasceram os modelos para as novelas.

Com o mapa da mina na mão, os produtores lançaram-se ao mercado e até agora já apresentaram mais de 100 experiências. E quase tôdas que fizeram sucesso seguiram a mesma receita com 10 itens: 1) amor, se possível, impossível até o último capítulo; tudo é contra êsse amor — destino, pai, madrasta, preconceitos, honra, religião; 2) contradições físicas e morais entre os personagens — casados que amam solteiros, velhos que amam moços, maus que amam bons, feios que amam bonitos, aleijados que amam inteiros, pobres que amam ricos; 3) choque de gerações, de mentalidade, de ambições, além de um segrêdo monstruoso que serve para chantagens afetivas ou financeiras; 4) personagens que sabem de tudo — os vilões — contra personagens que não sabem nada — os heróis; 5) sofrimento profundo dos bons e alegria dos maus: isso, entretanto, até o penúltimo capítulo, quando tudo se inverte; 6) um personagem misterioso, que interfere na história constantemente sem ninguém saber por que, nem o que está pretendendo até o último capítulo, quando tudo se esclarece; 7) mortes, muitas mortes — não dos heróis, é claro — principalmente dos que têm segredos ou que foram muito cruéis ou estão atrapalhando o autor para concluir a história; 8) beijos secretos, cartas anônimas, diários íntimos, padres que não podem revelar confissões, médicos com segredos profissionais, famílias que se odeiam, operações graves, suicídios, torturas, polícia, envenenamentos, tiros, cenas eróticas, cegueira e mudez passageiras, ladrões e presidiários, tudo isso e

Tarcísio Meira e Glória Menezes

mais alguma coisa só para manter o suspense; 9) música melosa para fazer as mulheres chorar e outra violenta para ensurdecer o telespectador nos momentos decisivos da história; 10) casamento no último capítulo, com morte ou conversão dos que o tentaram impedir.

De posse da fórmula, o autor precisa, antes de mais nada, conhecer um pouco de cálculo combinatório, para não cometer a gafe indesculpável de copiar uma novela anterior — um pouco de plágio é até bom, mas fazer uma história exatamente igual é imperdoável. As combinações podem ir ao infinito, no que diz respeito ao tuti-fruti. O problema é o cansaço que sente o espectador de mastigar a borrachinha.

Quando isso começa a acontecer, entretanto, qualquer recurso é válido. Até aquêle utilizado por Oduvaldo Viana quando apresentou a novela **Fatalidade** pelo rádio. A intriga desenvolvida ficou tão complicada que os ouvintes se desinteressaram. Isso levou o patrocinador a pedir o fim urgente da novela. Oduvaldo, porém, não podia num capítulo só resolver todos os problemas. Sobrou uma única alternativa: colocou todos os que atrapalhavam e complicavam a história num automóvel com uma bomba no porta-mala. Morreram todos e o mocinho e a mocinha puderam enfim casar e viver felizes para todo o sempre.

Con noi vi sentite giá in Italia

"Conosco é como se estivessem já na Italia"... é o que acontece estando num avião da Alitalia. É aquela sensação de prazer, de comodidade... de gôsto de viver. Ao deixar o nosso DC-8-Jet o passageiro já tem idéia das satisfações que o aguardam na Italia. Viajar Alitalia, no mundo inteiro, é uma questão de preferência, algo que vale a pena experimentar. Três milhões de passageiros fizeram esta experiência em 1966. Gostaram

ALITALIA

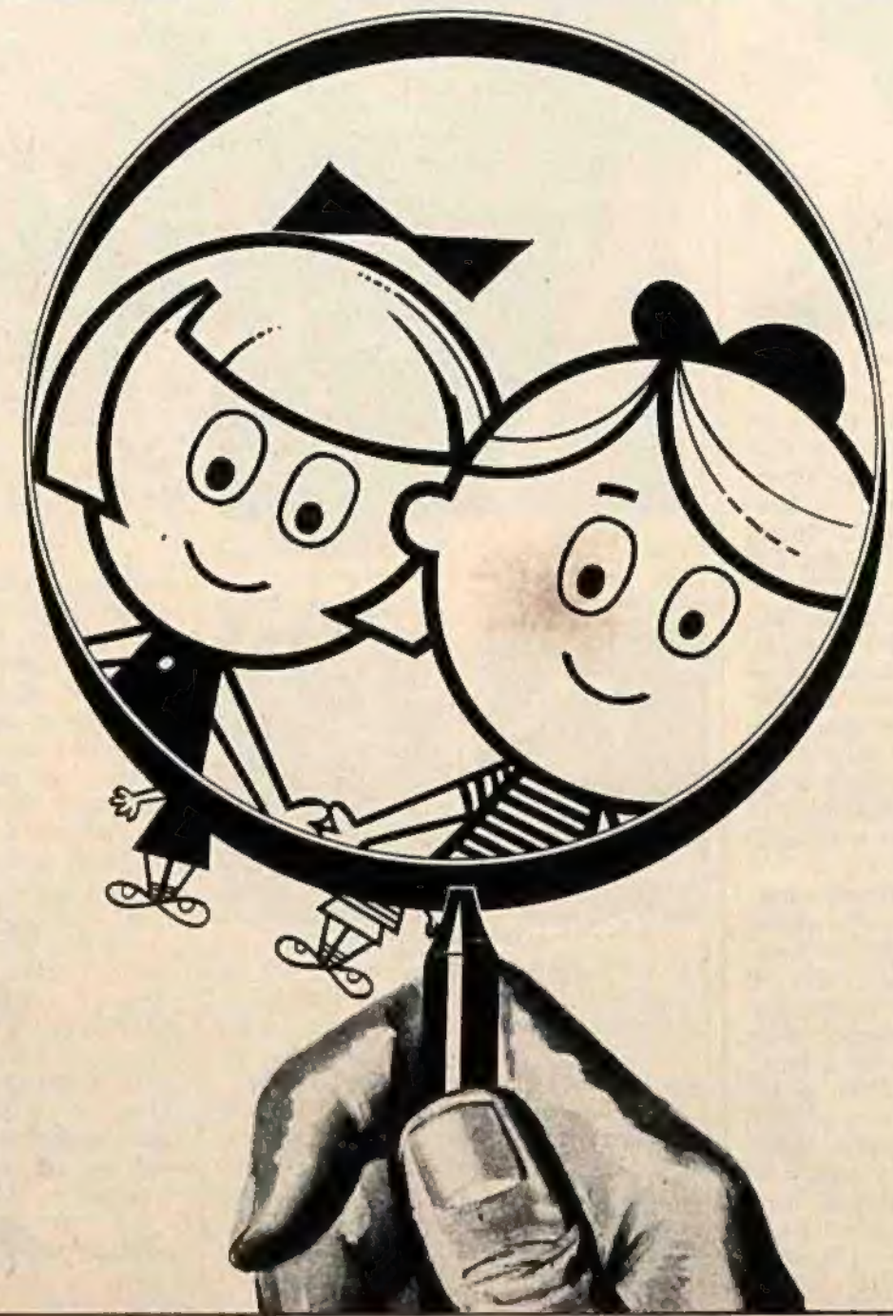
quem nos conhece, conhece bem

Dia a dia, graças as muitas estações retransmissoras que se fazem construir por êste Brasil a fora, nossa imagem vai mais longe. E aonde vai, vai bem, muito melhor, com nitidez. É assim que a programação, campeã de audiência, da TV Excelsior Rio-S.Paulo, é sucesso aqui e lá longe. Estamos dispostos a ir sempre em frente. Com o apôio, o prestígio e a simpatia dos telespectadores, nos municiamos para um futuro brilhante.

TELEVISÃO EXCELSIOR CANAL 9

COBERTURA TV EXCELSIOR - SÃO PAULO

TV excelsior - canal 9 - são paulo TV vila rica - canal 7 - belo horizonte TV excelsior - canal 2 - rio de janeiro
TV triângulo - canal 8 - uberlândia TV gaucha - canal 12 - pôrto alegre



TVT

panorama

teatro

Estudantes ensinam a lição

Em três ocasiões nos últimos 15 anos, os universitários modificaram a história do teatro brasileiro. Em 1951, com o Teatro do Estudante do Brasil; em 1958, com o Teatro do Estudante de Pernambuco; e em 1966, com o Teatro da Universidade Católica de São Paulo. As três peças foram: **Hamlet,** de Shakespeare; **Auto da Compadecida,** de Ariano Suassuna; e **Morte e Vida Severina,** de João Cabral de Melo Neto.

Até 1950, o nosso teatro era feito à base de nomes conhecidos. Tudo girava em tôrno dêles: Dulcina, Procópio, Jaime Costa e outros. O elenco não aparecia, apenas apoiava os grandes nomes. Os cenários eram simplesmente indicativos e a direção pràticamente não existia. Ia-se ao teatro para ver, rir ou chorar com êste ou aquêle autor. As próprias peças eram escolhidas em função de personagens e intrigas que satisfizessem as divas e os astros.

Enquanto isso, na Europa e na América o teatro ganhava características de maior aprofundamento psicológico de um lado e, de outro, integração de todos os elementos do espetáculo: cenário, atôres, iluminação, direção e o restante.

Depois de viver na Europa, Pascoal Carlos Magno trouxe para o Brasil a nova visão teatral. E fundou o Teatro do Estudante do Brasil, montando **Hamlet.** Com essa única apresentação, o TEB revelava um ator universitário que ficaria muito famoso. Sérgio Cardoso.

O impacto dessa experiência provocou o aparecimento de **Os Comediantes,** no Rio, e do **Teatro Brasileiro de Comédia,** em São Paulo. Começou-se a pensar também na formação de atôres e nasceram as escolas de arte dramática.

Em Pernambuco, onde êsse nôvo tipo de teatro ainda não existia, surgiram dos meios universitários, sete anos mais tarde, dois autores que contribuiriam para uma grande mudança no rumo do nosso teatro: Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna. Com o **Auto da Compadecida,** Suassuna criava uma nova dramaturgia brasileira, baseada na pesquisa do comportamento social e nos conflitos nas áreas política e religiosa.

Descendo para o Rio e São Paulo, os estudantes nordestinos plantaram idéias e confirmaram outras, visando um nôvo tipo de espetáculo popular. Ao mesmo tempo, estimulavam o aparecimento de outros autores. Sem aparente semelhança com Suassuna, os dramaturgos do Teatro de Arena e Jorge Andrade estreavam com obras que mostravam a mesma preocupação e características nacionalistas contidas no **Auto da Compadecida.**

Apesar de sua riqueza cultural, êsses espetáculos foram de fôlego curto. Além disso, surgiam as montagens de musicais, tipo **My Fair Lady,** atraindo grande público. Mas, não podendo enfrentar o alto custo de suas produções, estas companhias também entraram em crise. Para superá-la era preciso encontrar uma nova fórmula no campo do musical. E os estudantes da Universidade Católica de São Paulo a descobriram. Com seu espetáculo **Morte e Vida Severina,** de João Cabral de Melo Neto, trazem a poesia de volta à cena, inventam a música popular brasileira teatral, criam plasticidade original, simplesmente à base da figura humana. E alcançam, com baixo custo de produção, um elevado nível artístico atraindo grande público.

Quais as conseqüências dessa experiência?

No plano internacional já veio a resposta: o primeiro prêmio no Festival Mundial de Teatro Universitário, na França. E participação, ao lado dos melhores conjuntos profissionais de todo o mundo, no Festival das Nações, em Paris.

Foi a primeira vez que o Brasil ganhou um prêmio internacional de tamanha repercussão neste setor. Mais uma vez, são os estudantes trazendo renovação e apresentando soluções para o desenvolvimento do teatro no Brasil. Parece ser uma vocação histórica.

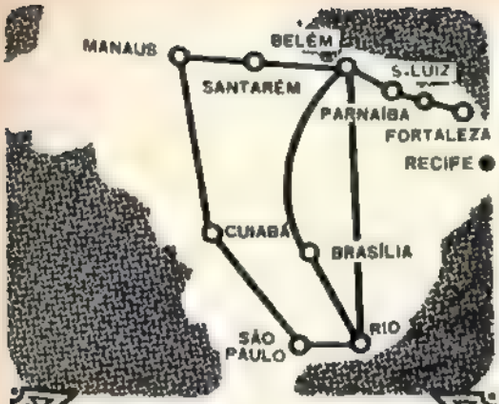
Vida e Morte Severina

45% menos que os jatos -é o preço da PARAENSE

45% menos é uma diferença que conta. É o luxo que Você suprime. É dinheiro vivo que Você "embolsa", para aproveitar melhor a viagem, fazer mais compras e desfrutar o prazer de um hotel melhor. E as viagens nos possantes Quadrimotores Douglas da sua Paraense são confortáveis mesmo, e quase tão rápidas - êles pousam no Santos Dumont (Rio) e em Congonhas (SP), ganhando tempo e dinheiro para Você também em terra! Vá, e volte, pela Paraense!

PARAENSE

- boa viagem em boa companhia.



Belém
- Rua 13 de Maio, 228 - Tel. 4547

Santarém
- Rua Siqueira Campos, 413 - Tel. 523

Manáus
- Rua Guilherme Moreira, 312 - Tel. 2563

Pôrto Velho
- Rua Jose de Alencar, 2230 - Tel. 251

Rio Branco
Rua do Estado S/N, Distrito

Cuiabá
- Rua Padre Celestino, 72 - Tel. 2951

Campo Grande
- Rua Pernambuco, 284 - Tel. 3409

São Paulo
- Rua Xavier de Toledo, 137 - Tel. 32-0880

Rio de Janeiro
- Av. Beira Mar, 406-C - Tel. 42-4933

Brasília
- Av. W 3 Quadra 6-B, Loja 6 - Tel. 2-7679

São Luiz
- Praça Benedito Leite, Loja 1 - Tel. 2100

Parnaíba
- Av. Presidente Getúlio Vargas, 106 - Tel. 1330

Fortaleza
- Rua Duque de Caxias, 354 - Tel. 11-589

Recife
- Rua Siqueira Campos, 279 - loja 27 - Tel. 4-1559

VISITE BELÉM NO SEU 350.º ANIVERSÁRIO
vá, e volte, pela
PARAENSE
boa viagem em boa companhia

MENDES 6028

panorama

livros

Bola na estante

"Futebol no Brasil é uma função da alma, uma função que se enreda em todos os ramos da grande árvore psíquica: o amor, o ódio, o mêdo, a bravura, a solidariedade, a piedade, o sadismo, o senso estético, o sentimento da solidão e da morte". A definição do escritor Paulo Mendes Campos falta uma coisa: é também um esporte. Mas isto, de fato, é o que tem menos importância no que o futebol passou a significar para os brasileiros. E por causa disso e mais o noticiário da imprensa, os estudos técnicos, sociais e econômicos, apareceu no Brasil a literatura futebolística, com forma e estilo próprios. Surgiu até um humanismo do futebol, do qual Mário Filho, flamenguista dos bons, é um dos principais representantes. Êle procurou definir as relações que unem um torcedor ao seu clube:

"Escolhe-se um clube como se escolhe uma mulher. Para tôda a vida ou até que Deus separe. É mais difícil deixar de amar a um clube do que a uma mulher. Amor ao clube é como o de lua-de-mel: violento, absorvente, exaustivo. Não leva à tísica, mas dá enfarte".

A bibliografia sôbre nosso futebol é volumosa e antiga. O primeiro livro parece ser o de Odilon Penteado de Amaral, escrito em 1920: **Cousas de Futebol — conselhos, máximas, observações, técnica, tática, truques, leis, regulamentos, seu critério, sua aplicação.** De história, há vários. O mais completo — de 1894 a 1950 — foi escrito por Thomaz Mazzoni. Porém quem escreveu mais foi o próprio Mário Filho: **Copa Rio Branco, 32** (o prefácio é de José Lins do Rêgo, um flamenguista fanático); **História do Flamengo (paixão, humor, lágrimas); o Negro no Futebol Brasileiro** (estudo sociológico dos mais importantes); **Romance do Futebol, Copa do Mundo de 62, Nos Subterrâneos do Futebol e Viagem em Tôrno de Pelé.**

Os estrangeiros também escreveram sôbre o futebol brasileiro. Jules Rimet, falecido presidente da FIFA, deixou um testamento futebolístico importante em que o Brasil aparece várias vêzes: **A Maravilhosa História da Copa do Mundo.** E o juiz de futebol espanhol Pedro Escartin Morán trata da participação do Brasil nos campeonatos mundiais. Explicando seus dramas e justificando atitudes dos árbitros, existem mais dois livros: o de Paulo Garcia, o de Carlos Gomes Potengy.

A medicina tem muitas obras dedicadas ao futebol. E na consulta aos livros nota-se como variaram, em importância, com o tempo, a apendicite, a água no joelho, as artroses. Os dois livros mais conhecidos de medicina futebolística são o de José Miguel Beraldo — **Aspectos Médicos Esportivos do Futebol** — e o de Paulo de São Tiago — **Medicina Esportiva e o Futebol.**

Na psicologia, o livro mais útil e interessante é o de Mira y Lopes e Athayde Ribeiro da Silva (o **Freud** da Copa de 58). Num trecho da obra, Athayde repele a expressão **acasalamento** para o jôgo de equipe, explicando sua discordância assim: "Para o quadro de futebol, o nome correto será entrosamento, eis que êste requer figuras de sexo oposto. Todavia o mecanismo psicológico é o mesmo: o grupo futebolístico se une para propiciar o nascimento do Messias Salvador. No acasalamento, o filho; na equipe, o gol".

Os trabalhos recentes mais importantes para o levantamento histórico e social do futebol como expressão de um período da vida brasileira são: **Drama e Glória dos Bicampeões** (Armando Nogueira e Araújo Neto); **Gigantes do Futebol Brasileiro** (Marcos de Castro e João Máximo); **Eu Sou Pelé** (Edson Arantes do Nascimento e Ruy Barbosa).

O último livro publicado sôbre o assunto poderá prestar excelentes serviços de divulgação sôbre o nosso futebol no exterior. É o livro **Brasil Futebol Rei,** com texto de Araújo Neto, fotos de Jorge Torok e desenhos de Aldemir Martins. Carlos Drumond de Andrade e Tristão de Athayde o consideram a mais bela obra já realizada sôbre o futebol brasileiro.

Mas, apesar de tudo isso, às vésperas do tricampeonato, ler sôbre futebol, entre nós, só mesmo em bibliotecas, pois as tiragens esgotadas há muito tempo não foram renovadas e não há quase nada à venda nas livrarias. Hoje, é tão difícil ler sôbre futebol quanto entrar nos estádios em dias de grandes jogos.

Desenho de Aldemir Martins — Brasil Futebol Rei

ENCERADEIRA
E
ASPIRADOR
COMERCIAL
BANDEIRANTE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PERMANENTE
NA MATRIZ E FILIAIS

Com os mapas de Quatro Rodas você pode viajar apenas nesta pequena área:

Deseja viajar de carro pelo Brasil?

Consulte as coleções da revista Quatro Rodas.

As equipes que elaboram os mapas rodoviários de Quatro Rodas já percorreram milhares de quilômetros de estrada de norte a sul do Brasil. Visitaram vilas e cidades, pesquisaram centenas de hotéis. Outro tanto de restaurantes. E paisagens. E atrações turísticas. E festas regionais.

Quem tem bôca vai a Roma. Mas, no Brasil, é muito mais seguro confiar nos mapas que Quatro Rodas publica todos os meses.

Não perca nenhuma edição de Quatro Rodas!

panorama

cinema

Cheiro não garante sucesso

Sessão de Cinerama. Na tela gigante, imagens coloridas de um jardim na Espanha. Rosas em primeiro plano. O espectador desprevenido espanta-se: sente, forte, o cheiro das rosas. Olha para o vizinho com vontade de perguntar se está sentindo a mesma coisa.

Muda a cena. Desta vez aparece um forno de cozinha sendo aberto. Lá dentro, um lindo guisado de vitela, pipocando, tostadinho. De água na bôca, o mesmo espectador quase perde a calma ao sentir o aroma da carne assada e de temperos exóticos, excitantes. Mas há alguma coisa atrapalhando. Êle descobre logo que é o perfume das rosas, ainda presente. Fica meio enjoado. Uma turma da primeira fila reclama.

O filme prossegue. Agora é mostrado o interior de um estábulo, com seus cheiros característicos. Êstes, misturados ao das rosas e da vitela, chegam a provocar náuseas. A essa altura os protestos são gerais. E muita gente resolve ir embora.

Foi essa, mais ou menos, a reação de quem assistiu a **Holiday in Spain,** há dois anos, em Nova Iorque. Filme colorido, em Cinerama e cheiroso. A introdução do cheiro no cinema, idéia de Mik Todd Jr., fracassava. Por uma razão: a impossibilidade de controlar o efeito dos odores no tempo, no espaço e nas narinas do espectador. Hoje o filme está sendo relançado, até com sucesso. Só que tiraram os cheiros.

Tudo começou pela concorrência com a televisão, nos Estados Unidos. Para que os espectadores perdidos voltassem aos cinemas, alguns produtores acharam que seria preciso fazer filmes de apresentação impossível na TV. A primeira tentativa foi a dos filmes em três dimensões, no final da década de 40: morcegos e facas voavam em direção à platéia e todo mundo baixava a cabeça; as mulheres chegavam a dar gritos. Mas, para sentir essas emoções, era necessário usar óculos especiais que o espectador comprava ou alugava na entrada do cinema.

O cinemascope, que veio a seguir, exigia apenas telas mais largas. E vieram as **telas panorâmicas.** Ao mesmo tempo, inaugurava-se o som estereofônico. O primeiro dêsses filmes — que em determinada cena apavorava o espectador com um estrondoso trovão — foi o **Manto Sagrado.**

Mais tarde viria o **Vistavision,** que contribuiu para melhoria e nitidez da imagem: o quadro filmado é maior que o normal, sendo depois reduzido no laboratório.

O **Technirama** e o **TOdd-AO** pareciam ter encerrado a série de modificações visando o espetacular, quando surgiu o **Cinerama** — três câmaras, três filmes, três projetores, tela gigantesca e um complicado sistema de sincronização, imagens e sons. Tudo procurando levar o espectador a participar da cena. Apenas documentários eram produzidos pela nova técnica: **As Sete Maravilhas do Mundo, Velas ao Vento** e outros. **Conquista do Oeste** fugiu à regra, mas no Brasil acabou sendo exibido em tela panorâmica mesmo, pois sòmente São Paulo tem uma sala apropriada para o Cinerama — o cine Comodoro.

Nas cidades do interior, porém, alguns proprietários de cinemas espertos resolveram aproveitar a publicidade não só do **Cinerama** mas de todos os novos processos lançados pelos americanos. E trocaram a tela comum pela panorâmica, conseguindo apenas a largura maior em prejuízo da altura. O público, então, passou a ver seus heróis apenas da testa para baixo, muitas vêzes até sem cabeça. E nos beijos em **close,** nada mais que os queixos.

fabula

O tatu e o côco

"Bom dia, compadre peludo — disse o tatu a um côco que encontrou no caminho. Vamos dar um passeio. Somos primos-irmãos e tenho muito que lhe contar."

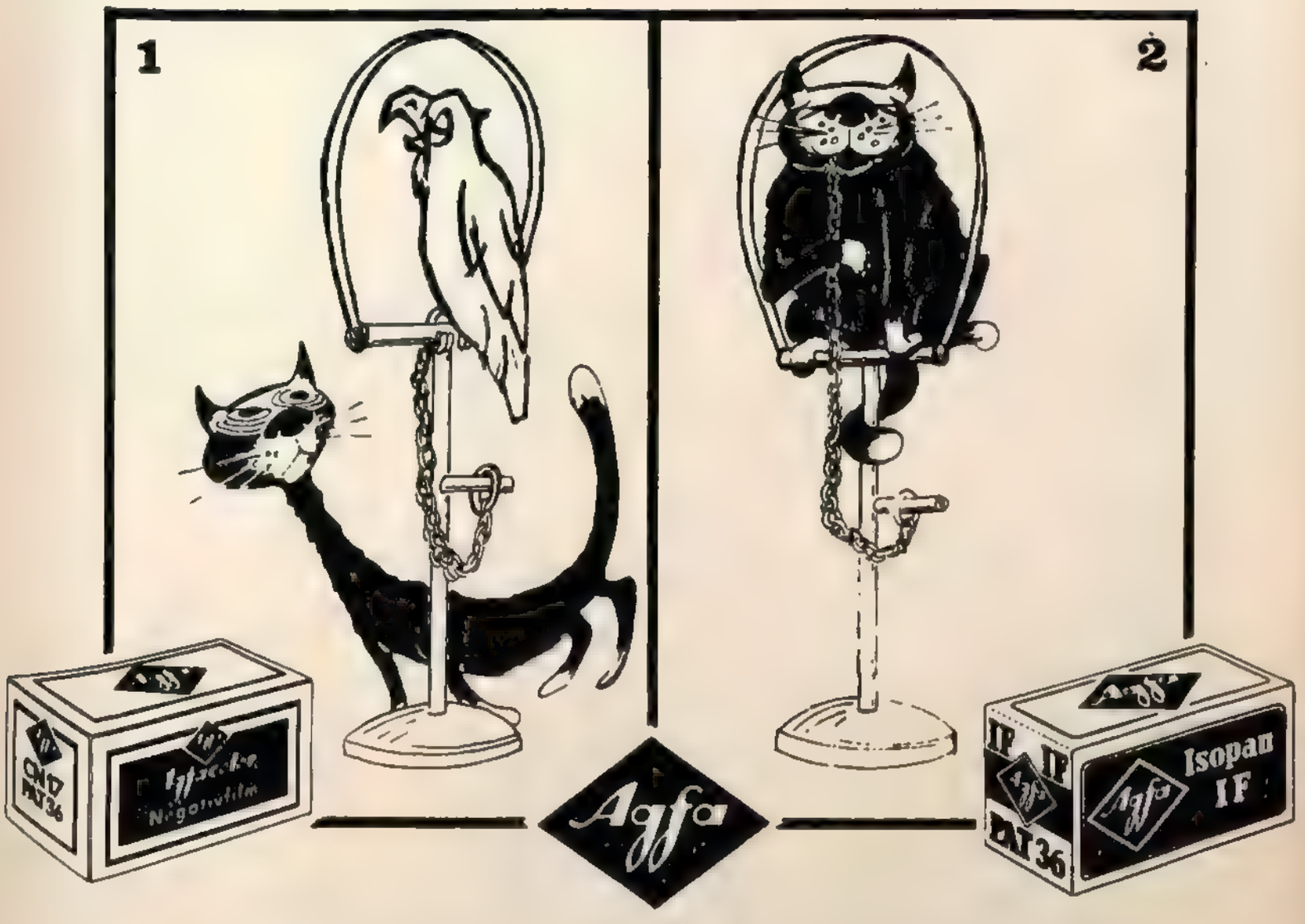
O côco não se mexeu.

"Ou você é surdo ou não tem educação" — gritou o tatu. E foi-se embora furioso.

Moral — As aparências enganam.

Gerda

...e agora tirar uma foto!!!

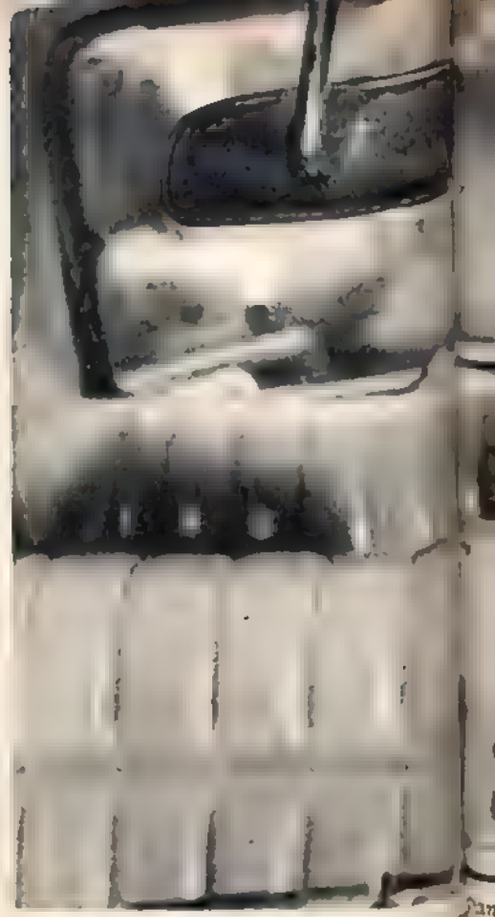


Para a cena numero UM, indicamos o filme Agfacolor, porque o papagaio é tão lindo em seu colorido.
Para a cena número DOIS, liquidado o louro, recomendamos o filme Agfa Isopan.
O prêto e branco do gato é sobremaneira bem reproduzido por êste filme!
Esteja sempre prevenido com um filme Agfa em sua câmara!

um produto da Agfa-Gevaert

Algo mais dos Revendedores Shell para você

7 tentativas que você mesmo deve fazer quando o seu carro não pega



Se o seu carro demora a pegar, não

MUITAS VEZES a solução para um problema de partida é surpreendentemente simples. Você não precisa de habilidade mecânica alguma para usar estas simples sugestões dos Revendedores Shell para que seu carro pegue. Só uma delas requer ferramenta.

Por que não guardar esta página no seu porta-luvas? Algum dia, uma destas 7 sugestões pode evitar-lhe aborrecimentos e economizar-lhe tempo e dinheiro.

Sempre que seu carro demorar a pegar, a primeira coisa a fazer é verificar o óbvio.

Por exemplo, o marcador de gasolina. É impressionante a frequência com que um tanque vazio é tudo o que impede um carro de funcionar.

De acôrdo com dados da "American Automobile Association" (EUA), mais de 5.000 carros por dia ficam sem gasolina.

Se você tem uma transmissão automática, certifique-se de estar usando o arranque com a alavanca em "N" e se a mesma está exatamente na letra. Um centímetro além ou aquém pode significar a diferença entre o motor dar partida ou não.

NOTA: Alguns carros podem pegar com a alavanca em "P" - ou posição de estacionamento.

O próximo passo é ler estas sete sugestões dos Revendedores Shell. Algumas delas podem ajudá-lo a dar partida no motor do seu carro.

1. DÊ PARTIDAS CURTAS NO ARRANQUE

Insistir muito em cada partida descarrega ràpidamente a bateria. Se o carro não pega na primeira partida, espere alguns minutos antes de tentar novamente. Isto deixa a bateria recuperar um pouco de carga para cada nôvo arranque.

---

2. SE O SEU CARRO TEM MUDANÇA MECÂNICA, EMPURRE A EMBREAGEM ATÉ EMBAIXO ENQUANTO V. DÁ A PARTIDA

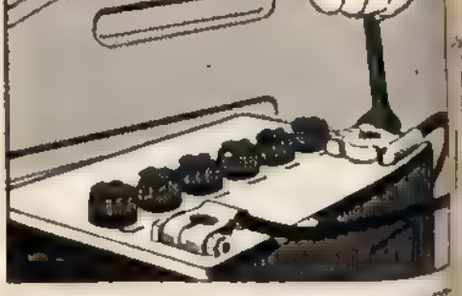
Isto ajuda a diminuir o desgaste da bateria, particularmente em tempo frio.

NOTA: Um motor em boas condições mecânicas deve pegar em 3 ou 4 segundos.

---

3. APERTE OS CABOS DA BATERIA

Se os cabos da bateria estão frouxos, você não pode contar com tôda a voltagem da bateria. Com a voltagem reduzida, o carro custa a pegar. Em alguns casos, o arranque fica incapaz de dar partida ao motor. Não há dificuldade para se apertar os cabos da bateria. Basta um apêrto conveniente; qualquer alicate fará isso. Se você tem frequentes problemas com o arranque, sua bateria pode estar sem carga. Mande verificá-la na primeira oportunidade.



Aperte os cabos da bateria para obter sua potência total, facilitando a partida. (veja item 3)

---

4. TIRE O MÁXIMO PROVEITO DO SEU AFOGADOR

Se seu carro tem um afogador automático, bombeie o pedal do acelerador antes de dar a partida. Isto coloca o afogador na posição correta - como deve estar para facilitar o arranque.

NOTA: Um pequeno ajuste no afogador automático pode muitas vêzes solver problemas de partida no tempo frio.

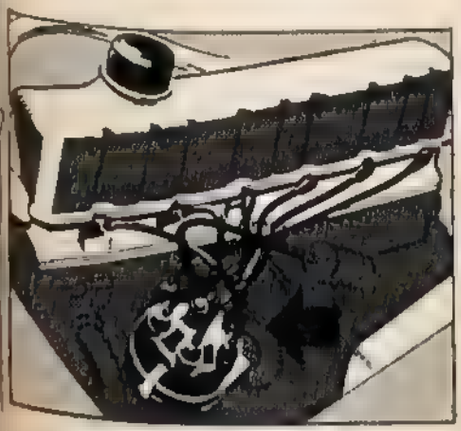
NOS POSTO

...anque prolongadamente nem fique bombeando o acelerador. Veja nos itens 1 e 7 as coisas certas a fazer.

Se o afogador fôr manual, lembre-se de usá-lo! Quando você puxa o afogador, você aumenta a proporção de gasolina na mistura ar-gasolina. Isso pode ser tudo de que o motor precisa para pegar. Depois do motor esquentar, não esqueça de desligar o afogador.

---

5. ELIMINE A UMIDADE DO DISTRIBUIDOR, CABOS DE IGNIÇÃO E DA PARTE DE CERÂMICA DAS VELAS
A condensação de umidade nestas partes pode prejudicar a partida. E a umidade pode ser um problema frequente em carros que são deixados na rua durante a noite.
NOTA: A seta na ilustração está apontando o distribuidor. O distribuidor pode estar localizado em vários lugares diferentes dependendo da marca do seu carro; mas sua aparência é sempre a mesma. Para achá-lo siga simplesmente os cabos de ignição – os fios vão das velas ao alto do distribuidor. Antes de limpar a umidade, certifique-se de que a ignição está desligada e de que ninguém usa o arranque.



---

6. DESLIGUE AS LUZES, RÁDIO, AQUECEDOR ETC.
Assim, não há gasto extra da bateria. Tôda a carga desta é usada então para dar partida ao motor.

---

7. NUNCA BOMBEIE O ACELERADOR SE VOCÊ SUSPEITA QUE O CARRO ESTÁ AFOGADO
Isto só faz afogar mais o carro. Em vez disso, experimente o seguinte: espere dois ou três minutos. Então, calque de uma vez o acelerador até o piso e conserve-o ali enquanto o arranque estiver funcionando. Quando o motor pegar, gradativamente deixe o acelerador retornar à posição inicial.

OS REVENDEDORES SHELL DERRUBAM UM MITO SÔBRE MANUTENÇÃO.

NÃO É VERDADE QUE VOCÊ TEM DE BAIXAR A PRESSÃO DOS PNEUS EM DIAS QUENTES

Os pneus são feitos, hoje em dia, de tal forma que podem receber a pressão adicional que se acumula quando você dirige em dias quentes. Por isso, **não baixe a pressão dos pneus em dias quentes** – ou, na manhã seguinte, poderá encontrá-los com a pressão baixa demais. Procure um Pôsto Shell para verificar a pressão dos pneus de seu carro, antes de uma viagem longa. A pressão correta diminui as possibilidades de problemas com pneus durante viagens longas em tempo quente – e aumenta a vida útil dos pneus. Esta é a verdade. Você pode contar com o seu Pôsto Shell para fatos reais e trabalho honesto. Visite-o regularmente.

SHELL ALGO MAIS PARA SEU CARRO E VOCÊ

Raul Pila.

Antônio Bresolin

Andrade Lima Filho.

Último de Co

Nas duas bacias plantadas na Praça dos Três Poderes, em Brasília, 475 parlamentares discutem, emendam, votam, tramam, negociam, discursam, sofrem e até fazem humor. Ali as coisas começam a acontecer quando o presidente da Mesa diz:

ESTÁ

São duas bacias: a menor é o Senado Federal e a maior é a Câmara dos Deputados. Juntas, ambas formam o Congresso Nacional e constituem o Poder Legislativo.

Há quem diga que a pequena está voltada para baixo a fim de resguardar o cochicho dos senadores, homens geralmente idosos, mestres em bate-papo ao pé do ouvido. Também se diz que a bacia grande está virada para cima porque é ali que os deputados, mais moços e mais barulhentos, lavam a roupa suja da Nação. Há quem repita, como o deputado cassado Leonel Brizola, que as duas bacias são um grande clube; como há quem acredite existir gente disposta a tampar uma bacia com a outra. E há até quem afirme, maldosamente, que se fecharem suas portas só quem estiver lá dentro é que vai perceber.

Mas apesar do que se diz, do que se disse e do que se dirá, é dominante êste conceito: o pior dos Congressos, abertos, será sempre melhor do que Congresso nenhum. E não que êste seja o pior. É certo que êle perdeu muita gente boa. Por morte, como é exemplo o professor Santiago Dantas; por cassação, como sucedeu ao deputado Sérgio Magalhães; ou por nomeação, como aconteceu com o baiano Aliomar Baleeiro — que foi para o Supremo — ou com o mineiro Bilac Pinto que agora é embaixador do Brasil na França. Mas também é certo que nunca houve Congresso em que se trabalhasse tanto, isto em razão dos prazos estabelecidos para tramitação dos projetos do Govêrno. É certo que êle se submeteu como nenhum outro ao Executivo. Mas também é certo que não lhe restava alternativa. É certo que êle tem defeitos. Mas também é certo que nenhum foi perfeito.

Vale a pena conhecer de perto o que se passa dentro das duas bacias plantadas na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Lá está funcionando o mais sofrido, o mais pressionado, o mais ferido e, sobretudo, o menos vigilante e o mais vigiado de todos os Congressos: a 5.ª Legislatura, que se instalou em 1963, que tem mais seis meses de vida pela frente e que — ao que se espera — dará lugar, no próximo ano, à 6.ª.

A nossa casa

Diante da imponência do Palácio do Congresso Nacional — as duas conchas e o bonito edifício de dois corpos e 28 andares — o homem comum se sente intimidado. Mas é só perder o mêdo, subir pela rampa de acesso até a portaria envidraçada e pedir para visitar suas dependências. O homem comum será bem recebido:

— A casa é sua — dirão.

E é verdade. O arquiteto Oscar Niemeyer construiu-o tão alto — é o maior edifício de Brasília — para simbolizar o maior dos poderes: o poder do povo.

A Constituição de 1824 estabelecia que aos parlamentares se devia dar o tratamento de "altos e poderosos senhores". Hoje, êles não são nem tão altos, nem tão poderosos. São simplesmente 409 deputados, representantes do povo, e 66 senadores, representantes dos Estados, divididos entre a ARENA (situação) e MDB (oposição). Se essa representação não tem a autenticidade a que sòmente a perfeição democrática poderá levar, possui, entretanto, a legitimidade indispensável. Êles foram eleitos e por isso estão aqui. Na nossa casa, a casa do povo.

É um casarão, onde, além dos 475 parlamentares, trabalham mais de 2.000 funcionários, funcionam 31 comissões permanentes — 15 no Senado e 16 na Câmara — e dezenas de comissões especiais, mistas e de inquérito. Há serviços taquigráficos, arquivos, bibliote-

Adauto Cardoso e Daniel Krieger

Necy Novais

Rui Carneiro

Moura Andrade e Raimundo Brito.

ABERTA A SESSÃO

Texto de Luiz Fernando Mercadante

cas — só a da Câmara tem 350 mil volumes — centros de informação legislativa e até um Instituto de Previdência dos Congressistas. Há polícia própria, proibida de carregar armas, serviços médicos completos, três agências bancárias, duas agências postais telegráficas, dois restaurantes, um bar, barbearias e engraxates, dois centros telefônicos — a Câmara tem 60 troncos e 650 ramais — e garagens; 60 jornalistas estão credenciados na Câmara e 15 no Senado. Um serviço irradia internamente e grava tôdas as sessões, enquanto outro imprime e distribui os discursos e debates uma hora após sua realização. O jornal de maior circulação é o **Diário do Congresso** que reproduz fielmente as sessões, atas e expedientes do Senado e da Câmara. Custa 2 cruzeiros: 1 cruzeiro o caderno do Senado e 1 cruzeiro o da Câmara. O Senado inaugurou em fevereiro do ano passado uma gráfica modernissima e vai imprimir seu jornal. Já está sendo montada a Rádio do Congresso. E uma usina geradora de eletricidade — instalada quando se prenunciou a crise de março de 1964 — será ampliada. É o senador Auro Soares de Moura Andrade, presidente do Senado há seis anos, quem diz:

— Um Congresso sem energia própria é um Congresso ameaçado: pode ser apagado a qualquer instante.

O Senado e a Câmara

O parlamentar apressado que vai entrando no Palácio do Congresso pode ser o deputado Eurico de Oliveira, da Guanabara, que apresenta ao menos um projeto por dia, geralmente inconstitucional, versando sôbre os mais diversos e curiosos problemas: da regulamentação da venda de jornais e revistas à caça de borboletas.

Mas também pode ser o senador Afonso Arinos, mineiro eleito pela Guanabara, autor — quando deputado — de uma lei que ficou conhecida com o seu nome, a Lei Afonso Arinos, que consagra a igualdade racial e regulamenta os direitos civis.

Senado e Câmara são vizinhos diferentes. O Senado, com seus 66 membros, é tranqüilo. A idade média dos senadores anda pelos 60 anos, seus mandatos se estendem por longos oito anos e a experiência mais a estabilidade lhes asseguram moderação.

Já a Câmara, com os seus 409 membros eleitos por quatro anos, é agitada. A idade média dos deputados oscila pela casa dos 45 anos e êles carregam indòcilmente seus planos pessoais de realização na vida pública.

Os senadores se elegem (três por Estado) graças a uma circunstância, composição ou acôrdo da política estadual. Enquanto os deputados, eleitos proporcionalmente à população de cada Estado, representam — ou deveriam representar — as tendências, interêsses e posições dos seus eleitores. Êstes, mais do que aquêles, refletem a opinião do eleitorado.

Porém a tranqüilidade do Senado não impediu que há dois anos o senador Arnon de Melo, de Alagoas, fizesse disparos no plenário contra o seu colega Silvestre Péricles, também de Alagoas, matando com um dos tiros José Kairala, do Acre. Da mesma forma, a agitação da Câmara não impede que um plenário apinhado de deputados ouça — como há três meses — num silêncio de igreja, o discurso em que o deputado gaúcho Raul Pila, de 72 anos, constituinte de 1946 reeleito sucessivamente até hoje, anunciou que no final dêste mandato se despedirá da vida pública. A razão da atitude do sr. Pila, recebida com respeito e até com emoção, foi uma só: desencanto.

SEGUE

Como se faz uma lei

O Senado Federal e a Câmara dos Deputados possuem três atribuições fundamentais: votar o orçamento, elaborar leis e fiscalizar a administração pública. O orçamento é a programação da receita e despesa da União para um ano de administração. Seu projeto deve ser encaminhado à Câmara pelo Presidente da República até 31 de julho. Se o Presidente não o enviar, a Comissão de Orçamento da Câmara o prepara e apresenta para que seja votado até o final do ano legislativo, 1.º de dezembro. Se isso não acontecer, entra em vigor no anô seguinte o orçamento do ano em curso. A iniciativa das leis, isto é, a apresentação de projetos, compete a qualquer membro ou comissão da Câmara ou do Senado e ao Presidente da República. Os projetos passam pela Câmara e pelo Senado, funcionando sempre uma Casa como revisora da outra. Êles são redigidos, apresentados em sessão e entregues à Mesa que preside a Casa. A Mesa os distribui pelo menos a duas comissões competentes. Essas comissões funcionam como pequenas Câmaras especializadas e tratam de assuntos específicos: Comissão de Constituição e Justiça, de Educação e Cultura, de Agricultura e Política Rural, de Saúde etc. Nas comissões são os projetos entregues a um relator que dá seu parecer. Depois, a comissão os vota e, eventualmente, os emenda. Das comissões retornam à Mesa que os incluí oportunamente na Ordem do Dia. Colocados em pauta, podem receber emendas, são discutidos e votados. Então são encaminhados para o Senado, quando partem da Câmara, e vice-versa. Na outra Casa seguem caminho semelhante. Podem voltar à Casa de origem, ou não, conforme forem aprovados ou emendados. Aprovados, por maioria absoluta dos presentes, passam uma última vez na Comissão de Redação e são encaminhados para a seção de autógrafos. Esta seção os prepara para receber a assinatura do Presidente que os sanciona ou não. Se o Presidente deixar passar 10 dias sem sancionar ou vetar o projeto, êle se transforma automàticamente em lei. Se veta, volta para apreciação do Congresso — Câmara e Senado reunidos — que pode derrubar o veto por maioria de dois terços. A ação fiscalizadora da administração se faz através de requerimentos de informação, convocação de ministros e autoridades para esclarecimentos e comissões de inquérito.

Onde estão êsses deputados invisíveis

Há uma espécie de competição entre o Senado e a Câmara. Antes, quando a Capital era no Rio e as duas casas funcionavam em palácios diferentes — o Monroe e o Tiradentes — a disputa era invisível. Em Brasília, entretanto, juntos no mesmo palácio, o espírito de concorrência tornou-se evidente. Agora mesmo o Senado lançou um documentário cinematográfico sôbre seu funcionamento e atividades. O roteiro para um documentário semelhante, sôbre a Câmara, já está na mesa do seu presidente deputado Adauto Lúcio Cardoso.

A Câmara inaugurou recentemente a sua biblioteca, dotada de cabinas individuais para leituras e com um acervo respeitável. É tão boa que muitos senadores são seus fregueses: o mineiro Milton Campos, por exemplo, não sai de lá. Para compensar, o Senado tem um Serviço de Informação Legislativa capaz de levantar ràpidamente um quadro de projetos e leis sôbre determinado assunto, acompanhado da legislação de diversos países e da bibliografia referente ao tema. Diversos deputados usam o Serviço e outro mineiro, o deputado Pedro Aleixo, vivia consultando-o antes de ir para o Ministério da Educação. Não é raro um deputado que vai procurar um serviço do Senado encontrar no caminho um senador que vem, justamente, procurar um serviço da Câmara.

— Veio filar nossa biblioteca, hein, Senador? Quanta honra — dirá o deputado.

Ao que o senador responderá:

— Pois não é que o senhor vai indo ao nosso Serviço de Informação Legislativa? Use e abuse. Mas não faça alarde, pois se os 400 deputados resolverem usá-lo, o Serviço entrará em colapso.

Os dois pulmões

Os plenários são os verdadeiros pulmões da Câmara dos Deputados e do Senado Federal: é ali que são discutidos e encaminhados para solução os grandes problemas nacionais: é ali que o povo e os Estados falam pela voz dos seus representantes; e é ali que são votadas as proposições e os vetos presidenciais. Tudo em sessões normalmente abertas ao público.

Embora os plenários sejam os lugares mais importantes do Senado e da Câmara, nem sempre é necessàriamente onde mais se trabalha. Ao visitante desprevenido, a visão do plenário da Câmara em algumas ocasiões poderá dar péssima impressão, com apenas 20 ou 30 deputados distribuídos em grupinhos enquanto o orador, da tribuna, dirige-se pràticamente para um único ouvinte: o presidente da Mesa.

Num dia assim, se encontrará o deputado Carvalho Sobrinho tramando com o deputado Paulo Lauro, ambos ademaristas de São Paulo, a melhor maneira de neutralizar a ação do deputado Arnaldo Cerdeira — ademarista convertido ao castelismo — junto às bases do antigo PSP. O Padre Nobre e o Pastor Levi Tavares estarão conversando sôbre o ecumenismo. Em uma roda maior, o deputado João Herculino contará vantagens de Sete Lagoas, sua cidade. E em mais cinco ou seis grupos, os outros estarão fazendo muitas coisas, menos acompanhar os trabalhos. A razão disso é que tudo já está feito: o assunto tratado pelo orador já foi estudado e a votação está decidida por antecipação. E se apenas 30 estiverem no plenário é possível que a lista de presença na portaria tenha anotado 240 presentes. Os 210 invisíveis estarão nas comissões, na biblioteca, nos gabinetes do partido, nos diversos serviços da Casa e até nos corredores atendendo a visitas.

Há realmente, alguns grandes ausentes que só aparecem na Câmara de seis em seis meses para salvar o mândato, já que só após seis meses de faltas consecutivas é que se perde o lugar. Entre êstes estão os deputados Adib Chamas, Hugo Borghi e Rui Amaral, todos de São Paulo, o fluminense Edilberto de Castro e o jovem Luís Fernando Freire (filho do senador Vitorino) que, como deputado, é um excelente compositor de bossa nova. Mas para cinco que aparecem pouco há 10 que não faltam nunca, ou quase nunca: Abel Rafael, Henrique La Rocque, Téodulo de Albuquerque, Hamilton Nogueira, Abrahão Moura, Cônego Medeiros Neto, Plínio Lemos, João Herculino, Antônio Baby e Nicolau Tuma.

A mesma falsa impressão de descaso nas sessões pouco concorridas pode ser extraída de uma votação concorrida. Principalmente quando as votações são simbólicas, e as bancadas votam através de seus líderes que, quase imperceptìvelmente, se levantam quando estão contra a proposição ou permanecem sentados quando estão a favor. A votação então é tão rápida que passará despercebida aos não iniciados. As votações podem ser ainda nominais ou secretas, em casos especiais. As se-

cretas são feitas com cédulas, colocadas em envelopes pardos. Geralmente, os parlamentares em fila recebem dos seus líderes os votos já prontos e se limitam a levá-los à urna. O Senado possui um aparelho eletrônico de votação. Sob a mesa de cada senador, ocultos da vista dos vizinhos e do público, estão três botões: um para o **sim**, outro para o **não** e o terceiro de abstenção. Apertados os botões, um placar sôbre a mesa da presidência acusa o resultado da votação.

Vida de deputado

Um deputado para valer é um homem que levanta cedo, deita tarde, almoça projetos, janta política e acha que ganha pouco para quem tem que ganhar muito. Se tiver 13 filhos, como o mineiro Abel Rafael, ou 9, como o, também mineiro, João Herculino, e não tiver a fortuna do paulista Herbert Levy, pai de 11 filhos, então o orçamento aperta mesmo. O subsídio médio de um deputado ou senador chega a 1 milhão e 500 mil cruzeiros mensais, contados o fixo — 590 mil cruzeiros — e o variável de 33 mil cruzeiros por comparecimento a sessão. Dizem que a única família que tem orçamento — proveniente de subsídio — folgado é a do deputado Manuel Novais, da Bahia: sua mulher, Necy Novais, também é deputada. Êles ganharam até o apelido de **casal 66**, pois quando comparecem recebem 66 mil cruzeiros. E há quem os inveje.

O deputado Djalma Marinho, do Rio Grande do Norte, vice-presidente da Comissão de Constituição e Justiça, acha que "o deputado deveria ser liberado através de um subsídio que atenda às despesas a que se obriga um representante do povo." Muitos acham que as coisas não andam muito bem para aquêle que vive exclusivamente do mandato: êle tem que manter uma casa em Brasília, outra no Estado que o elegeu. E ainda é obrigado a ir ao Rio freqüentemente para tratar de interêsses de sua região eleitoral junto à administração federal. Bom é a regalia de voar de graça de Brasília para o seu Estado ou para o Rio e vice-versa, enquanto sua mulher e os filhos têm um desconto de 50 por cento nas passagens. Trem, ônibus e navio também lhe dão essa regalia.

Se o deputado tem mulher e três filhos morando em Brasília vai gastar num mês: prestação do apartamento em que reside e que está adquirindo — 200 mil cruzeiros; alimentação, vestuário e uma empregada — 600 mil cruzeiros; colégio dos filhos — 200 mil cruzeiros; luz, água e gás — 50 mil cruzeiros; telefone — 50 mil cruzeiros de excesso sôbre os 30 mil cruzeiros cobertos pela Câmara; manutenção do automóvel — 50 mil cruzeiros; jornais, revistas e livros — 50 mil cruzeiros; extraordinários — 100 mil cruzeiros. Sobram, teòricamente, 200 mil cruzeiros com os quais, é claro, não mantém casa no seu Estado de origem nem pode se hospedar com muito confôrto quando está no Rio.

— O telefone de casa já deu **defeito financeiro** duas vêzes porque atrasei o pagamento — conta Djalma Marinho. Defeito financeiro é a represália da Telefônica contra os assinantes que atrasam o pagamento: o telefone passa a não chamar para fora. Apenas recebe ligações.

— Acontece que num mês de crise no Rio Grande do Norte minha conta subiu a 400 mil cruzeiros — explica o deputado. E o jeito foi atrasar uns dias...

Para um deputado sem fortuna pessoal, subsídio é tão importante como para o primeiro parlamentar inglês que se beneficiou dêsse auxílio: não tendo dinheiro nem para comprar roupas e pagar o transporte para comparecer às sessões, seus pares determinaram que lhe fôsse entregue, semanalmente, um barril de arenques. O produto da venda dos peixes foi o pai do subsídio parlamentar.

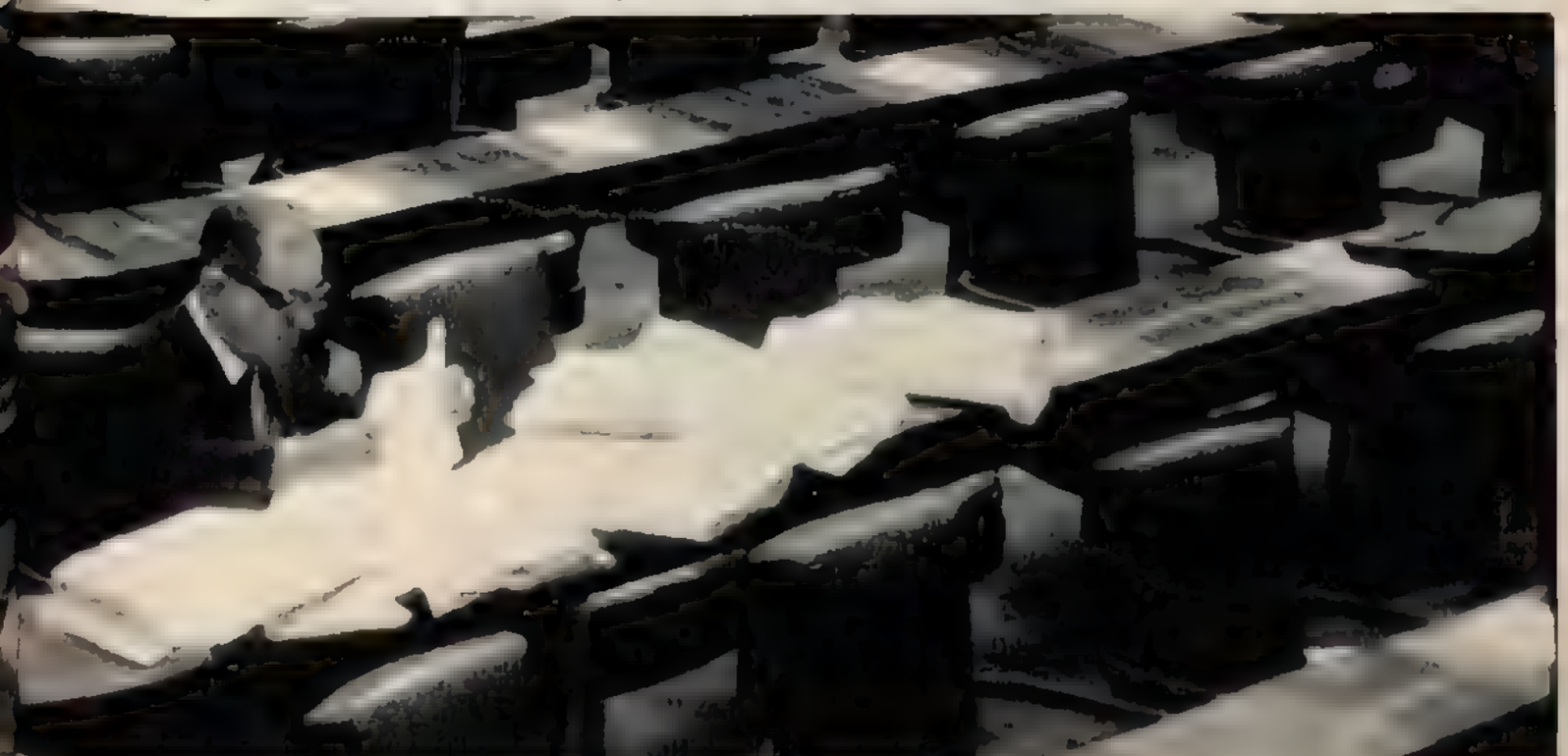
Dia de deputado

Se fôr um sábado, ou um domingo, o dia do deputado começará no Clube do Congresso — um belo clube, às margens do lago, que reúne parlamentares, funcionários e jornalistas do Congresso. Se o deputado se chamar Floriano Paixão, Geraldo Guedes, Unírio Machado, Mário Covas, Mário Piva ou Croaci de Oliveira, será encontrado jogando uma partidazinha de futebol. Athié Coury, presidente do Santos Futebol Clube, será o goleiro. Enquanto isso, Abel Rafael, Abrão Moura, Heráclio Rêgo, Luis Bronzeado, Mário Gomes e Osvaldo Zanello estarão pescando ou caçando. O organizador das caçadas e pescarias é o Geraldo, da Portaria, um dos homens mais importantes da Câmara. É êle quem marca a lista de presenças. No início de cada Legislatura os deputados fazem fila para se apresentar a Geraldo. Funcionário da Câmara desde 1934, Geraldo trata todos os deputados de **você**. Sôbre a habilidade dos caçadores e pescadores, Geraldo, bom mineiro, prefere não falar. Conta apenas que o deputado Abel Rafael "é o canhoto mais certeiro" que já viu com um revólver na mão.

— E o deputado Zanello? É um bom pescador?

— O Zanello é ótimo carregador de mochila — responde.

Não sendo sábado, nem domingo, deputado não brinca. Há dias duros, como sessão extraordinária das 9 ao meio-dia, sessão ordinária de 13,30 às 18,30 e sessão do Congresso de 21 horas a uma da madrugada. Quando tudo está calmo, há apenas uma sessão vespertina e mais as reuniões das comissões. AGOUR



O deputado Eurico de Oliveira tem duas manias: apresentar projetos diàriamente e comer bolachas no plenário.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Onde uma camioneta deve ter as portas?

Nós achamos que uma camioneta deve ter portas laterais, para carga e descarga.

E devem ser grandes. A ponto de 2 homens poderem passar juntos, segurando um caixote.

Nós também achamos que o compartimento de carga deve ser ao nível da calçada.

O que dispensa usar pranchas, subir degraus etc.

Esse compartimento deve ser bem grande.

O da Kombi Volkswagen mede 4,83 m³ e já vem coberto da Fábrica.

Alias, nós ainda achamos que a carga precisa viajar entre os eixos.

Se viajasse sôbre eixos iria recebendo solavancos.

Tudo isso parece óbvio.

Mas não é.

Porque existem camionetas que só têm porta atrás, para carga e descarga.

Aliás, a Kombi também tem.

Mais velho é Terra; mais môço, Guerra

Cada deputado é obrigado a pertencer a pelo menos uma comissão permanente e ser suplente em outra.

Ao meio-dia, o deputado poderá almoçar na própria Câmara. Mas se êle se chamar Amaral Neto, preferirá subir até o restaurante do senado, onde pedirá um **filé à Três Poderes**. Na Câmara, a **sala do café** estará movimentada. A **sala do café** é um amplo salão, à direita da Mesa, onde há desde um bom café oferecido gratuitamente pelo IBC, até 20 máquinas de escrever para uso dos deputados. As máquinas estarão quase tôdas ocupadas: parlamentares batem ali a sua correspondência, requerimentos e projetos.

A um lado estendem-se cabinas telefônicas. Do outro, há uma grande mesa para leitura de jornais. Os deputados do Govêrno preferem os jornais da Oposição; os da Oposição, os jornais governistas. Na primeira cabina há um deputado gritando: é o José Carlos Guerra, de 26 anos, o mais jovem de todos, falando com Pernambuco. Na cabina ao lado, um velho durão, nascido três meses antes da Proclamação da República, telefona também. Êle é o mais velho da Câmara, vai fazer 77 anos e se chama Marcial Terra, do Rio Grande do Sul, um dos maiores entendidos em gado do mundo, volta e meia convidado para presidir júris em exposições na Europa e EUA.

Nas noites livres, os deputados estarão trabalhando em casa ou politicando com os vizinhos. Há edifícios onde moram exclusivamente parlamentares. E já houve caso de deputado entrar e assistir a reunião errada. Nessas reuniões, corre uísque, quase sempre nacional. Depois do segundo, o senador Milton Campos será capaz de recitar poemas.

Às vêzes, há festas a que os parlamentares devem comparecer. O deputado Maurício Goulart deu uma tarde de autógrafos e bateu todos os recordes, vendendo 250 exemplares de seu livro **Joana** aos colegas. E quando as embaixadas oferecem recepções, tudo pode acontecer: numa delas o senador Benedito Valadares escorregou e arrastou consigo o diplomata Fouchet, caindo os dois na piscina da Embaixada da França. Não se falou em outra coisa naquela noite.

Suas excelências

Há deputados de muitos votos; outros de raros. O mais votado desta Legislatura e de todos os tempos foi o cassado Leonel Brizola: 269.384. Seguia-o o deputado Emílio Carlos, um dos melhores papos da Câmara, falecido há dois anos. Emílio teve 153.999 votos em São Paulo. O terceiro, atualmente líder na votação, é o deputado Amaral Neto, que teve 123.383 votos na Guanabara. Mas existe um negro ingênuo de Pernambuco, pintor de paredes por profissão, que, graças às vagas das cassações, chegou à Câmara. Seu nome é Luís Pereira da Silva e os seus votos foram 126. Sôbre êle correm histórias pitorescas. Dizem que uma vez, indo ao Rio, tomou um táxi no aeroporto e mandou tocar para o **Hotel Zero Quilômetro**. O motorista, depois de um grande esfôrço, conseguiu descobrir que êle queria ir para o **Hotel OK**. O mesmo Luís Pereira foi ao IBGE atrás de mapas do litoral, de Pernambuco ao Rio. Queria apresentar um projeto para a construção de uma **ferrovia litorânea**. Em outra ocasião, sorteado, Luís Pereira foi com uma comissão de parlamentares ao Canadá.

— Gostou do Canadá, deputado?

— Muito. A Polícia Montada é uma beleza...

Suas excelências fumam muito. Em média, dois maços por dia. Há os que preferem cigarros de palha. Bilac Pinto, hoje Embaixador na França, estava sempre preparando o seu. Hoje, fumando palha, há um grupo de que fazem parte José Richa, Adhauri Fernandes, Renato Azevedo, Aniz Badra e Osmar Grafulha.

Um outro grupo prefere os charutos: Arnaldo Cerdeira, Flôres Soares, Odilon Ribeiro Coutinho e Mendes de Morais. O gaúcho Flôres da Cunha, uma das melhôres figuras do Parlamento brasileiro em todos os tempos, foi, até a morte, um infatigável fumador de charutos. Com o seu chapelão e sua gravata borboleta, seus ditos espirituosos, resmungos e a inseparável bengala, Flôres da Cunha é lembrado com saudade por todos. Entre as melhores histórias que contam a seu respeito, está a seguinte: certa ocasião, no Rio, pediu no hotel para que não tocassem seu telefone pois queria dormir até as 10 horas. A telefonista chamou-o às oito. Êle esbravejou. Chamou-o às oito e meia. Êle disse nomes feios. Chamou-o às nove. Flôres da Cunha se levantou, tirou o revólver da gaveta e pregou um tiro no telefone. Depois deitou-se e dormiu até as 10.

Além dos cigarros de palha e dos charutos, no plenário há sempre quatro cachimbos fumegantes: dos deputados Daniel Faraco, Noronha Filho, Padre Nobre e João Herculino.

Quem prestar atenção pode ver o deputado Eurico de Oliveira comendo bolachas no plenário. Êle é o homem que apresenta torrentes de projetos. É também famoso adivinho. Leu a mão de João Goulart, quando Jango, vice-presidente, viajou para a China. E garantiu:

— O senhor vai voltar presidente.

Hoje, Eurico de Oliveira lamenta não ter lido a mão de Jango no começo de 1964. Faz pouco, êle leu a mão do deputado Mário Covas, um jovem engenheiro de 33 anos que se elegeu em Santos, e é, eleito pela crônica parlamentar, um dos melhores deputados em plenário, comissões e coordenação política. Eurico de Oliveira assegurou, após exaustiva leitura de mão, que Mário Covas será um dia governador de São Paulo.

Os três homens de olhos amendoados que estão no plenário são: Sussumu Hirata e Yukishigue Tamura, de São Paulo, e Miyamoto, do Paraná. Apesar dos nomes e dos olhos, êles são, como todos os parlamentares, brasileiros natos. A colônia japonêsa, de São Paulo e do Paraná, vota nêles maciçamente, é claro. Mas não são os descendentes de japonêses os mais numerosos: os sírios e os italianos ganham longe. Descendentes de italianos há até com sotaque. Lino Morganti, de São Paulo, quando fala mistura dois sotaques: o que sua família trouxe da Itália e o que êle adquiriu em Piracicaba, sua região. Certa vez, quando discursava, um deputado aplaudiu-o com um sonoro **molto bene**. Morganti imperturbável replicou:

— **Grazie.**

Padres e pastôres

Hoje, no Senado, só se encontra um padre: Calazans, de São Paulo, apontado pelas funcionárias como o senador mais bonito. O outro padre senador, Monsenhor Walfredo Gurgel, está ausente: foi eleito governador do Rio Grande do Norte.

Na Câmara, há mais: o Padre Nobre, de Minas, o Padre Godinho, de São Paulo, o Cônego Medeiros Neto, de Alagoas e o Monsenhor Arruda Câmara, de Pernambuco. Monsenhor usa batina; os outros aderiram ao traje civil com colarinho eclesiástico. Padre Nobre conta muitas histórias dos padres. Uma é esta: certa vez, Monsenhor Arruda Câmara queixou-se ao Cônego Medeiros Neto: SEGUE

Enquanto o almôço chega, o cearense Flávio Marcílio usa a sala do café assim.

...E AGORA 4 VÔOS SEMANAIS PARA OS EE.UU.

TERÇA-FEIRA

pa RIO	20:30
pa SÃO PAULO	22:05
ch LIMA	00:34
ch MIAMI	06:40
ch NEW YORK	11:25

QUARTA-FEIRA

pa RIO	18:00
pa SÃO PAULO	19:35
ch LIMA	22:04
ch GUAYAQUIL	00:55
ch PANAMÁ	03:15
ch MIAMI	06:30
ch NEW YORK	11:25

SEXTA-FEIRA

pa RIO	20:30
pa SÃO PAULO	22:05
ch LIMA	00:34
ch MIAMI	06:40
ch NEW YORK	11:25

DOMINGO

pa RIO	18:00
pa SÃO PAULO	19:35
ch LIMA	22:04
ch GUAYAQUIL	00:56
ch PANAMÁ	03:15
ch MIAMI	06.30
ch NEW YORK	11:25

Partindo do Rio ou de São Paulo, você pode jantar conosco a bordo — tirar um cochilo — e almoçar em qualquer cidade dos Estados Unidos, através de Miami.

A Braniff tem agora quatro convenientes vôos semanais para os Estados Unidos — tôdas as terças-feiras, quartas-feiras, sextas-feiras e domingos, à noite.

De São Paulo, serviços de conexão Braniff/Sadia, entre os aeroportos de Congonhas e Viracopos, para todos os vôos, gratuitamente.

E mais: Nós o convidamos a voar pela mais bonita frota aérea do mundo ! Nós fizemos nada menos que 17.543 inovações !

Sim, tudo é nôvo na Braniff, exceto 38 anos de experiência em vôo.

BRANIFF INTERNATIONAL
SOUTH AMERICA MEXICO UNITED STATES

Colesterol subindo é crise na certa

— Cônego, o senhor que é um homem feliz, vive sendo convidado para celebrar casamentos e batizados. Eu aqui, com os meus cabelos brancos, só me convidam para enterros ou missas de sétimo dia. Eu o invejo Cônego.

— Inveja nada, Monsenhor. Inveja a gente deve ter do Godinho. Só o convidam para banquetes e coquetéis.

O homem alto, forte, de óculos escuros e colête elegante que vai entrando na sala do café é o deputado mineiro Pedro Vidigal. Antes êle era o deputado Padre Vidigal. Mas pediu licença ao Papa, afastou-se do ministério sacramental e casou-se com sua secretária.

— Veja só a elegância do Vidigal — comenta o Padre Nobre. O casamento foi muito bom para êle. Está mais calmo, moderado e muito elegante. O único problema que teve no casamento foi o enxoval. Estava tudo marcado com as iniciais dêle, Pedro, e da Rute: PR. e o PR (Partido Republicano) sempre foi o grande adversário do Vidigal em Minas...

No Senado há, também, um pastor protestante: Aurélio Viana. E na Câmara, os deputados Levi Tavares e Adrião Bernardes. Seguem religiões protestantes: Lauro Cruz, Aurino Valois, Daso Coimbra, Geremias Fontes, Tufy Nassif, Floriano Rubin e Paulo Freire. E o deputado Campos Vergal é líder espírita de grande prestígio.

Em ambas as Casas, o Presidente da Mesa está sob um crucifixo, e na Câmara abrem a sessão com estas palavras: — A lista de presença acusa o comparecimento de 70 Srs. Deputados (o número mínimo é 41, 10 por cento). Está aberta a sessão. Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos.

Além dos católicos, protestantes e espíritas, três dos parlamentares professam a religião judaica: o senador Aarão Steinbruch e os deputados Emanoel Waismann e Abrahão Sabbá.

Colesterol e crise

No segundo andar do prédio da Câmara há um homem capaz de prever com segurança a eclosão das crises políticas. É o médico Renaud Matos Ribeiro, chefe do Serviço Médico da Câmara dos Deputados. Para saber a quantas anda a situação política, o doutor Renaud pede apenas os últimos exames de sangue dos deputados. E pronto. Quando a taxa de colesterol sobe é prenúncio de crise. Da primeira vez, o médico pensou que o laboratório tivesse enlouquecido: todos os parlamentares examinados naquela semana estavam com a contagem de colesterol altíssima. Uma semana depois estourou uma grave crise política. Passada a tempestade, o colesterol parlamentar voltou aos níveis normais.

Doutor Renaud revela que o Serviço Médico da Câmara tem mais trabalho que o Serviço do Senado.

— Acontece que os senadores, sendo mais velhos, já chegam a Brasília com as suas doencinhas diagnosticadas e seguindo o tratamento adequado. Os deputados, em geral, não. São mais moços e, talvez por isso, cuidem muito menos da saúde. Assim, há mais surpresas aqui do que lá

O mal mais comum dentro da Câmara, como do Senado, é a arteriosclerose. Mas o doutor Renaud já tratou de tudo: até da malária de um deputado do Pará. O médico da Câmara diz que ali se tem um quadro completo das doenças regionais.

Um deputado vai deixando o consultório. Outro entra. Quem está saindo é o deputado Epílogo de Campos, do Pará. Quem vai entrando é o deputado Vingt Rosado, do Rio Grande do Norte. O primeiro, Epílogo, deveria ser o último filho de uma família de nomes curiosos. Mas veio uma irmã depois dêle e recebeu o nome de Errata. O irmão mais velho se chama Prólogo. Os outros: Soneto, Verso, Estrofe e Poesia. O outro parlamentar, Vingt, é irmão do senador Dix-huit Rosado. Seu irmão, Dix-sept, já foi governador. Eram 18 irmãos, 11 dos quais vivos. Pela ordem: Tertius, Quinto, Sexta, Sétima, Oitava, Nono, Décima, Onzième, Duodécimo, Trezième, Quatorzième, Quinzième, Seize, Dix-sept, Dix-huit, Dix-neuf, Vingt e Vingt-un. Todos receberam, também, os homens o nome do pai, Jerônimo, e as mulheres o nome da mãe, Isaura.

Táquigrafia não mente

Em 3 de junho de 1822, quando se expediu decreto convocando uma Asesmbléia de Representantes das Capitanias do Brasil, José Bonifácio, depois Patriarca da Independência, tratou de organizar o serviço de apanhamento taquigráfico dos debates da nova corporação. De lá para cá, tôdas as Câmaras organizaram serviços taquigráficos, indispensáveis para o bom andamento dos trabalhos parlamentares. Câmara e Senado dispõem de excelentes serviços de taquigrafia que funcionam nas sessões e nas comissões. Para Alcy Gomes da Fonseca, chefe do Serviço Taquigráfico da Câmara, os três mais perfeitos oradores que já passaram na Câmara foram Otávio Mangabeira e Santiago Dantas, falecidos, e Prado Kelly, hoje ministro do Supremo. Um outro ministro do Supremo, Baleeiro, era dos mais difíceis. O mais difícil, hoje em dia, é o senador Sigefredo Pacheco, do Piauí. Na Câmara, o deputado Adauri Fernandes, do Estado do Rio. E, em todos os tempos o mais rápido, porém muito claro, o senador Afonso Arinos, com 170 palavras por minuto, seguido de perto pelo deputado Abel Rafael. O normal é de 100 a 120 palavras por minuto.

Um dos taquígrafos está fazendo uma coletânea de frases engraçadas que escapam de discursos. Pretende publicar um livro. Entre as melhores, mais recentes, êle anotou:

— John Kennedy foi prematuramente assassinado.

— Uma vaca, com esfôrço sôbre-humano, produz quatro litros de leite por dia.

— Ficamos ilhados em Brasília. Não existem sequer calçadas para nossas famílias fazerem o **trottoir.**

Estas três foram pronunciadas respectivamente pelos deputados Carlos Werneck, Antonio Bresolin e Pinheiro Brisola.

Outras têm a autoria encoberta pelo taquígrafo colecionador. Mas são tão boas, ou melhores:

— Na transfusão de sangue, no século IX, muitas vêzes **nada acontecia:** ou o indivíduo melhorava extraordinàriamente, ou então morria.

— Os batalhadores da independência norte-americana, após sua morte, tiveram a satisfação de ver reconhecidos os seus méritos.

— Fiz uma viagem que durou 23 horas só durante a noite.

— O problema será examinado no quadriênio 65/66.

— Brasília ainda não dispõe de condições mínimas de confôrto. O Rio, por exemplo, tem o mar. Brasília ainda não conta com êsse melhoramento.

Mas não são apenas os parlamentares que cometem gafes. Um taquígrafo, uma vez, anotou: precisamos acabar com o macaquismo no Brasil, quando o orador queria acabar com o **macarthismo.**

O tio e o sobrinho

Êles se tratam de tio e sobrinho. E se tornaram grandes amigos.

João Herculino, mineiro de 7 Lagoas, é um jovem carregado de filhos e idéias.

Aparte vai da jumentice até o pipi

O mais velho é uma das maiores expressões culturais e humanas da câmara; o mais nôvo é um parlamentar combativo, uma das boas figuras do plenário. Um tem 66 anos; o outro, 37. O mais velho é o fluminense Hamilton Nogueira, eleito pela Guanabara; e o mais nôvo o mineiro João Herculino.

— A bênção, meu tio.

— Deus te abençoe, meu sobrinho.

Êles não têm parentesco. Mas até gostariam. Hamilton Nogueira, udenista apaixonado há 20 anos, sofreu muito com a extinção dos partidos. Rasgou seu lenço branco em tiras e entrou no MDB. Fora da Câmara, com Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto, forma um primeiro time avançado de intelectuais católicos. Hamilton Nogueira mora permanentemente em Brasília, onde exerce seu mandato de deputado, depois de já ter sido senador. Catedrático de Medicina e profundo conhecedor de Teilhard de Chardin — cientista e pensador da Igreja Cotólica — Hamilton pretende acrescentar à obra de Chardin um complemento no campo da Biologia. Aos 60 anos começou a estudar hebraico e hoje conhece tão bem êsse idioma que para êle traduziu os principais poemas de Manuel Bandeira. Aos 65 anos começou a aprender chinês e a pintar. Está com 69 anos e tem uma alma adocicadamente boêmia. Gosta de receber amigos à noite para um papo e um uísque. Então vai buscar no guarda-roupa um brinquedinho japonês com o qual se distrai: um bonequinho que agita coquetéis, serve-se num copinho, bebe, fica de cara vermelha e solta fumaça pelas orelhas.

João Herculino, o **sobrinho,** não sabe hebraico, nem chinês, nem pinta. Seu tempo está dividido entre a Câmara e a grande família, 9 filhos. Como bom mineiro, tem histórias para tudo. Diz que batizou o filho mais velho com o nome de Pio, para homenagear a Igreja. O segundo, com o nome de Getúlio, para homenagear o Estado. E a terceira, com o nome de Elisabete Regina, para homenagear a nobreza.

João Herculino começou a vida humildemente, varrendo o chão e lavando os sanitários no Círculo Operário de Sete Lagoas. Com muito esfôrço estudava nas horas vagas. Quando era mocinho um deputado pediu ao prefeito de sua terra que indicasse um rapaz fino para ser nomeado escrivão na coletoria. O prefeito indicou-o.

— Eu era muito fino: pesava 50 quilos.

Trabalhava na coletoria quando saudou Getúlio Vargas em um banquete na região. Getúlio gostou dêle e disse:

— Você vai ser prefeito da sua terra, menino.

Não pensou duas vêzes. Candidatou-se com o apoio de Getúlio e foi eleito. Era, então, uma espécie de Jânio Quadros de botinas rangedeiras. Depois foi para a Câmara Estadual e de lá para a Federal. Chegou indócil, dando coices para todos os lados, mas foi melhorando, e hoje é um deputado eficiente.

— Aprendeu até a falar — diz Hamilton Nogueira.

João Herculino está no 3.º ano de Direito em Uberaba e tem muita vontade de vencer.

— Então você vai acabar governador de Minas, Herculino?

— Vou, irmãozinho. Acho que não vai ter outro jeito, não.

Apesar das nove crianças, a casa do deputado João Herculino é uma ordem só. A criançada brinca, mas com muito jeito. Ninguém grita com ninguém.

— Aqui é assim — conta Herculino. Filho meu só apanha uma vez na vida. Mas apanha tanto que é pra vida inteira. Por isso são bem comportados. É a lembrança da surra que é única mas é para valer.

Hora de trabalhar

Na hora de trabalhar, trabalhar. No ano passado, a seção de autógrafos da Câmara enviou 439 projetos ao Senado e à sanção presidencial. Êste ano, já enviou 128. A sessão legislativa vai de 1.º de março até 1.º de dezembro, com um mês de recesso (julho). Mas pode haver convocações extraordinárias.

Hoje, o Senado Federal está estudando o Acôrdo Atômico com os Estados Unidos, o Fundo Nacional de Telecomunicações e acaba de aprovar o Código de Trânsito. O Código é um trabalho do deputado Nicolau Tuma, de São Paulo, que começou sua vida como locutor de rádio — era conhecido como **espíquer metralhadora** — passou para o jornalismo e se elegeu vereador na cidade de São Paulo. Da Câmara Municipal pulou para a Federal. Como cuida de muitos assuntos municipais, ganhou o apelido de **vereador federal.** Gosta dêle.

Na Câmara, os mais importantes projetos em estudo são o que institui o Código Civil, o que estabelece o Código Comercial de Obrigações, o que dispõe sôbre aval do Tesouro Nacional para operação de crédito no exterior e o que cria a Justiça Federal de Primeira Instância.

Velhas histórias

Por hoje, as sessões das duas Casas terminaram. As bandeiras nacionais, hasteadas em frente às suas bacias já foram arriadas. Ambas desceram. O Sol no céu de Brasília bem em frente ao Palácio do Congresso. O presidente do Senado, senador Moura Andrade, vai deixando a Casa no seu Chevrolet, modêlo 57, chapa verde-amarela n.º 3. É um homem de pulso, responsável pelos muitos melhoramentos da Casa. Seu carro se detém e deixa passar um Aero-Willys 64, chapa verde-amarela n.º 5. No seu interior está um homem de cabelos muito brancos, terno azul-marinho e gravata de muito gôsto. É o presidente da Câmara. Um acena para o outro. O Senado e a Câmara se cumprimentam. São velhos parlamentares, homens afeitos à vida que escolheram, ambos grandes executivos, ambos cultos e ambos cientes de suas grandes responsabilidades.

O homem que vai saindo agora é o Saraiva. Mário da Fonseca Saraiva, mais antigo funcionário da Câmara. Hoje é Diretor do Serviço de Comunicações. Mas começou há 40 anos como auxiliar de secretaria. Ganhava 250 mil réis. Êle conta histórias antigas como a do senador Almino Afonso, avô do deputado cassado de mesmo nome, que deu um aparte antológico:

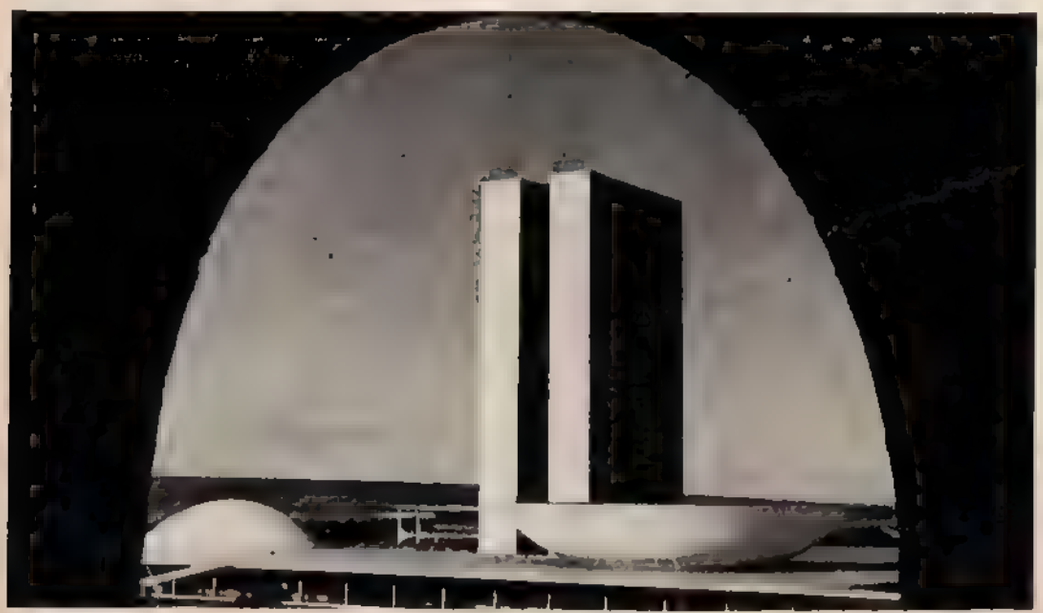
— Não sou obrigado a quadrupedar com a jumentice alheia.

Ou aquela história do então deputado Carlos Lacerda, que da tribuna ao ser aparteado pelo também deputado Elói Dutra, deteve-se e ficou a escutar os sons ininteligíveis que Elói, engasgado e nervoso, não conseguiu transformar em palavras:

— Pi-pi-pi-pi-pi-pi-pi — engasgava Elói.

Ao que Lacerda disse:

— Meu nobre colega, eu lhe dou todos os direitos, menos o de fazer pipi no meu discurso. FIM



São duas bacias: a menor é o Senado Federal e a maior é a Câmara.

impassáveis

camisas Rhodianyl

Bem... se você quiser passar a ferro as Camisas Rhodianyl, conseguirá. Mas isso é absolutamente desnecessário. As Camisas Rhodianyl podem ser lavadas à noite — e usadas na manhã seguinte. Sem passar a ferro. Impassáveis... e impecáveis. Procure pela etiquêta Rhodianyl. Ela se encontra nas melhores marcas de camisa. É a sua garantia!

RHODIANYL

Compre com tôda confiança!

A NOVA "GUERRA" DO PARAGUAI

Cem anos depois, Brasil e Paraguai estão novamente em desacôrdo. E a razão da disputa são os saltos de Sete Quedas.

Quando percebeu que aquêle pano que estava sendo queimado por alguns moços lá na rua era a bandeira do Brasil, o funcionário do consulado brasileiro em Assunção desceu correndo as escadas. Furou o grupo exaltado dos estudantes paraguaios e chegou em tempo de salvar pelo menos metade da bandeira. Mas não conseguiu segurar os *coquetéis molotov* jogados contra as vitrinas da representação comercial brasileira, no andar térreo do prédio do consulado.

Era dia 27 de novembro do ano passado, e desde o dia 22 os estudantes andavam escrevendo nas paredes da embaixada e da missão militar brasileiras, com carvão e batom, coisas como "Paraguay si, bandeirantes no". E bandeirante, lá, é nome feio. Daí em diante os protestos cresceram e hoje, ao lado dos estudantes, os jornais chamam os brasileiros de "invasor", "imperialista", "mameluco".

Êstes homens, perto da divisa, são a ocupação *de que os paraguaios reclamam. No Colégio Paraguai-Brasil (acima) construído pelo Brasil, em Assunção, há uma faixa de protestos. O Museu da Guerra do Paraguai (vitrinas iluminadas) atrai muita gente. Stroessner (embaixo) é presidente há 12 anos.*

Texto de José Carlos Marão
Fotos de Jorge Butsuem

"Na hora da pólvora, cuidado negros!"

No dia 4 de abril, um dêles alertava em guarani: "En la hora de lá pólvora: peyereco ke los cambá" (Na hora da pólvora: cuidado negros!). Negro é brasileiro.

A raiva tôda é por causa dos saltos de Sete Quedas, de enorme potencial energético, para onde está planejada a construção da maior hidrelétrica do mundo. Para o Brasil, são brasileiros os saltos, desde o fim da Guerra do Paraguai, pelo tratado de limites de 1872. Para os paraguaios, por fôrça do mesmo tratado, **los saltos son paraguayos,** conforme anunciam algumas faixas pela cidade de Assunção, com total apoio e participação da opinião pública.

Êsse **não-é-seu-é-meu** sôbre os saltos começou em 1962, quando o Brasil determinou estudos para o aproveitamento das quedas e o Paraguai protestou, afirmando seus **direitos seculares** sôbre **el gran salto.** A questão era discutida através de notas diplomáticas, até que os jornais paraguaios de oposição e estudantes — enjoados de atacar a Argentina no caso da navegação do Rio da Prata — resolveram levantar a opinião pública contra o Brasil, protestando contra a ocupação armada do Paraguai.

A **ocupação** são sete soldados, um cabo e um sargento, na margem direita do rio Paraná, num ponto que, para o Brasil, está a três quilômetros da linha de divisa.

"Fuera imperialistas invasores"

Uma velhinha humilde, do povo, esbarrou numa rua de Assunção com um turista brasileiro, filho de japonêses. Pensando que fôsse paraguaio, falou com êle em guarani. O rapaz respondeu em português, a mulher percebeu:

— Brasileiro invasor, vocês querem nos tomar os saltos!

Os meninos que saem das escolas ou vendem cigarros pela cidade, quando percebem um brasileiro, também gritam de longe:

— Los saltos son paraguayos!

As manifestações de rua contra o cidadão brasileiro ficam nisso, pois os paraguaios, quando encontram um **mameluco,** fazem questão de tratá-lo bem e discutir sèriamente o caso das quedas.

Os protestos mais violentos são contra o Itamarati (que para o povo paraguaio é um monstro devorador de terras sul-americanas), contra a **ocupação armada** e contra as missões cultural e militar brasileiras.

As maiores manifestações foram organizadas por estudantes. Depois do ataque à representação comercial e da queima da bandeira, a principal aconteceu antes da partida de futebol entre o Guarani e o River Plate da Argentina. A **Cancha Olímpica** estava lotada. No exato momento em que anunciaram a chegada do Presidente Stroessner, levantaram, nas gerais, uma faixa:

Los saltos son paraguayos.

Com três pontos de exclamação e assinada pela Juventude Revolucionária Febrerista.

Quando a Embaixada do Brasil foi **pichada** com frases como "Fuera mamelucos", "Fuera bandeirantes", "Fuera la misión militar" e "Fuera imperialistas invasores", o Embaixador Sousa Gomes mandou apagar. Mas na Missão Militar Brasileira, o Coronel Ênio Gouveia dos Santos assumiu uma posição de **não tomar conhecimento.** E as frases estão lá ainda, para quem quiser ver.

Greve contra professôres brasileiros

O jôgo de futebol foi no dia 6 de abril. Antes, no dia 1.º, na abertura do ano letivo, os universitários protestaram contra a permanência, na Faculdade de Filosofia, de três professôres brasileiros contratados — Abelardo de Paula Gomes, Vicente Furtado Câmara e Rômulo de Almeida Neves — o presidente da Federação Universitária do Paraguai impôs, como condição para o início das aulas, o afastamento dos três.

Mas os estudantes da oposição não concordaram com a greve, e o movimento fracassou. A política universitária do Paraguai é uma cópia da política nacional. O Partido Colorado, que apóia Stroessner, é o mesmo que está no poder nos grêmios das faculdades. A oposição é do Partido Liberal, Partido Febrerista e Partido Democrata Cristão, que funcionam com os mesmos nomes, tanto na política nacional como na universitária.

Como a orientação da oposição a Stroessner não era expulsar os professôres mas sim os militares brasileiros, o mesmo fizeram os estudantes.

Boicotaram de tal modo o movimento, que Juan Balsevich, presidente da Federação Universitária, colorado situacionista, foi obrigado a ir aos jornais, para desmentir tudo o que tinha dito na abertura do ano letivo, inclusive o manifesto que citava nominalmente os três professôres.

Apesar disso, Diego Bertolucci, um dos líderes liberais universitários, disse:

— A questão dos saltos foi capaz, pela primeira vez, de unir todos os estudantes.

Os jornais entram na guerra

Paraguaio leva o patriotismo muito a sério. E agora, época do centenário da Epopéia Nacional, a Guerra do Paraguai — em que Solano Lopes, o grande herói nacional, preferiu a morte à desonra — êsse patriotismo está à flor da pele. Um museu (vitrinas iluminadas), no centro da cidade, deixa as calçadas do Ministério da Fazenda sempre cheias de gente que quer ver os troféus da guerra da Tríplice Aliança, quando Brasil, Argentina e Uruguai se uniram contra o Paraguai.

Os jornais da oposição foram os primeiros a levantar a lebre dos saltos para capitalizar êsse sentimento patriótico.

O semanário **El Pueblo,** no mesmo artigo em que alertava o Brasil (Cuidado Negros!), diz: "Os macacos devem notificar-se de que não cederemos à ameaça nem à violência", depois de, poucas linhas antes, ter chamado militares brasileiros de "marechais de opereta" e afirmar que, no Brasil, considera-se Tamandaré superior ao Almirante Nélson. Com relação aos soldados paraguaios que servem na Missão Militar Brasileira, o semanário **El Enamo** afirma que só lhes falta vestir o uniforme brasileiro para que seja a maior afronta ao patriotismo paraguaio. Também fala do Itamarati, com títulos de artigo como "El arte brasileño de la mentira y fraude". **La Libertad,** o terceiro semanário, é democrata-cristão e prefere falar nos investimentos de industriais brasileiros e no imperialismo econômico, pois seus redatores descobriram que "já passou o tempo de imperialismo territorial". E diz: "O Brasil está usando uma maneira similar à comunista para acabar com nossa capacidade de resistir às suas bastardas aspirações sôbre o salto de Guaíra." Essas maneiras comunistas são a **infiltração cultural e econômica.**

La Tribuna, diário da oposição moderada, limita-se a noticiar, com o título "Adesões ao presidente", as mensagens que Stroessner recebeu "por sua firme e categórica posição" sôbre os saltos. E a voz oficial do govêrno, o jornal diário **Pátria,** publica uma série de artigos, dando a argumentação histórica dos direitos do Paraguai sôbre Guaíra.

"A Usina maior do mundo" era o título de capa da revista mensal **Así Es,** em fevereiro de 1964, sôbre uma foto de João Goulart e Stroessner. Falava muito bem tanto do Brasil como do encontro dos dois presidentes na Fazenda Três Marias. Em novembro do ano passado, a capa era ver-

de, sem fotografias, com letras amarelas: "O imperialismo brasileiro deu uma abocanhada nos saltos de Guaíra". Logo na página 3, dizia que "rompendo as relações com o Brasil não perderíamos grande coisa". Depois de um artigo falando sôbre as "pueris teses brasileiras", diz, em editorial, na última página: "O ditador Castelo Branco e sua camarilha de gorilas estão muito equivocados se pretendem ferir impunemente a soberania da República do Paraguai."

No número de dezembro, **Así Es** fala da questão de limites, da ocupação militar e diz que "essa insolência é natural dos povos grandes, se a ação é contra os pequenos". Na edição de janeiro, no artigo "Basta de mutilações territoriais", a mesma revista esclarece, em números, o quanto o Paraguai perdeu em terras para Brasil, Argentina e Bolívia. E acrescenta, com referência aos saltos: "Morrerão todos os paraguaios, antes de consentir um despôjo como o que planeja o imperialismo brasileiro." No número de março, falando do centenário da Guerra do Paraguai, **Así Es** diz que "100 anos depois da tragédia, êstes vizinhos reeditam sua agressão ao país".

A revista **Nandé** (cujo **slogan** é "mais paraguaia do que a mandioca") seguiu quase o mesmo caminho. Quando, em novembro de 1964, foi inaugurado o Colégio Experimental Paraguai-Brasil, totalmente construído pelo govêrno brasileiro, publicou um longo artigo, com capa ("Irmandade paraguaio-brasileira") e entrevista do professor Abelardo de Paula Gomes, chefe da nossa Missão Cultural, um dos que os estudantes iam depois querer expulsar.

Em seguida, na inauguração da **Ponte da Amizade**, Castelo Branco e Stroessner foram capa da revista, que dizia ser aquêle um abraço histórico. Os jornais, nessa época, desgostosos com a Argentina que estava criando problemas para a navegação do rio da Prata, consideraram a ponte como a "segunda independência do Paraguai". Mas a mesma **Nandé**, num dos seus últimos números, publicou uma foto da faixa levantada no campo de futebol, dizendo que "nenhuma fôrça despótica e arbitrária há de submeter o povo paraguaio".

E o jornal **Avanzada**, da oposição estudantil, chama de frouxa e cheia de "regañadientes" a reação do govêrno paraguaio diante da "invasão do govêrno imperialista".

Stroessner toma posição

O General-de-exército Alfredo Stroessner está sendo reeleito para a Presidência há doze anos. E sua situação junto às massas, hoje, parece melhor do que quando assumiu o govêrno.

SEGUE

Eis o maior potencial hidrelétrico do mundo. Por isso os paraguaios o querem.

Quem quer ver a queda de Stroessner?

Os **analistas** da situação — brasileiros residentes em Assunção, estudantes de posição mais serena — afirmam que, com o caso de Guaíra, os jornais da oposição tentaram **balançar** o Presidente.

Como Stroessner tem, agora, o maior interêsse em manter sua popularidade, precisou encampar a bandeira nacionalista, levantada pelos partidos da oposição. E disse, em entrevistas:

— Não queremos um centímetro além do que é nosso, mas não cederemos um só milímetro.

E há ainda o boato, entre comerciantes brasileiros estabelecidos em Assunção, de que a Argentina tem interêsse em levantar a opinião pública do Paraguai contra o Brasil por motivos econômicos.

Os brasileiros residentes em Assunção (cêrca de 500) esperam uma solução pacífica e amigável do problema, pois dizem **sentir mais de perto** as reações do povo paraguaio. E resumem sua opinião sôbre a atitude brasileira em duas perguntas ao Govêrno: 1) Interessa ao Brasil a amizade do Paraguai? 2) Se queremos a amizade, interessa outro govêrno que não o de Stroessner?

Êles acham que Stroessner já se mostrou amigo do Brasil, e que uma atitude muito dura do Itamarati pode derrubá-lo do govêrno, que passaria às mãos de um presidente mais ligado a outras potências, e faria com outros países tratados que pode fazer com o Brasil.

Um gaúcho no começo da briga

— Eu até chorei de raiva, porque sou brasileiro, moro no Brasil e aquêles homens vieram aqui armados, dizendo que isto é Paraguai.

É o **Gaúcho** falando. Gaúcho mora na margem direita do Rio Paraná, em Guaíra, onde tem uma vendinha. Conta que, dois ou três dias antes da inauguração da Ponte da Amizade, chegou lá um grupo de 40 militares paraguaios, que hastearam a bandeira paraguaia e depois cantaram seu hino nacional, sob o barulhão das Sete Quedas.

Gaúcho diz que com uma máquina Kapsa fotografou tudo e entregou o filme à 5.ª Companhia de Fronteira, em Guaíra. Outros dizem que quem fotografou foi um farmacêutico, chamado Lolô, que também estava lá na hora. E acrescentam que houve churrasco e bebedeira. A única informação certa é que o comandante da companhia, Capitão Glaidon Pinto Medeiros e o subcomandante, então Tenente João Carneiro, receberam de Gaúcho um filme com fotografias da região que o Paraguai diz ser sua.

A 5.ª Companhia de Fronteira tem sede na margem esquerda do rio Paraná, na cidade brasileira de Guaíra. Um mês depois das fotos do Gaúcho, um destacamento — 7 soldados, um cabo e um sargento — atravessou o rio e ocupou o pedaço de terra, que até então não tinha preocupado ninguém, pois brasileiro nenhum duvidava de sua posse. Enquanto isso, o 9.º Batalhão de Engenharia de Combate iniciou a construção de uma estrada que liga Iguatemi a Pôrto Coronel Renato (casa do Gaúcho) e de um aeroporto, cuja pista termina exatamente onde, para o Brasil, está a linha de divisa com o Paraguai. Os paraguaios também cuidaram da sua pista de pouso, que até atravessa um pouquinho essa linha que vale para os brasileiros.

Só houve reforço do destacamento brasileiro quando os paraguaios estavam subindo o rio Paraná, para a instalação do seu quartel no Patrimônio Salto del Guaíra, povoado paraguaio da fronteira, que depende economicamente de Guaíra, e tem 90% de população brasileira.

O reforço — um oficial e meia dúzia de soldados — foi enviado "porque não sabíamos o que queriam os paraguaios". Criou-se então um pôsto avançado: um soldado ao lado do marco colocado em frente da quinta e principal queda. Para os brasileiros, êste ponto marca a divisa. Para os paraguaios, é apenas um pôsto de observação astronômica.

Fronteira, uma questão de 100 anos

Quando terminou a Guerra do Paraguai, foi firmado com o Brasil um tratado de limites, em que o Império reivindicou as terras até onde tinham estado os bandeirantes. O texto é, para o Itamarati, muito claro:

"O território do Império do Brasil se divide com o da República do Paraguai pelo canal do Rio Paraná, desde onde começam as possessões brasileiras na foz do Iguaçu, até o Salto Grande das Sete Quedas, do mesmo Rio Paraná. Do Salto Grande das Sete Quedas continua a linha divisória pelo cume da serra de Maracaju, até onde ela termina."

A divisa ficou, assim, determinada. Faltava a sua demarcação, e uma comissão mista iniciou os trabalhos, mas foram interrompidos. Em 1927 e 1930 houve novos acordos, todos ratificando o tratado de 1872. Em 1932, outra comissão começou a demarcação, recolocando os marcos de 1874 e colocando outros, intermediários. Mas êsses trabalhos também pararam por desentendimentos.

Para o Brasil, o marco colocado pela primeira comissão e reafirmado pela segunda, em frente da quinta queda, define a linha de divisa. Mas os paraguaios consideram o salto grande das Sete Quedas todo o conjunto de cachoeiras, corredeiras, quedas etc. e não apenas a quinta queda.

Além disso descobriram que o ponto mais alto da serra de Maracaju fica ao norte, e não onde sempre se supôs. Êsse ramal norte, entretanto, segundo os técnicos, é apenas um contraforte da serra de Maracaju, que se orienta para um ponto distante dois quilômetros do salto grande (que é a quinta queda).

Se valer a sua tese, os paraguaios, além dos saltos, conseguem um pôrto na parte do rio Paraná antes dos saltos, o que pode internacionalizar todo êsse sistema fluvial onde êle fôr navegável.

O Brasil não aceita a polêmica

— O Brasil guerreou para defender-se e não para aumentar seu território. Além disso, na reunião para concluir o tratado de 1872, foi o próprio delegado paraguaio quem insistiu para que o salto grande das Sete Quedas fôsse um dos pontos delimitadores. Em 1872, o Brasil aceitou menos do que exigiria se não tivesse havido guerra.

Isso é o que diz o Ministro das Relações Exteriores, Juraci Magalhães, para defender-se da acusação paraguaia, de que o tratado de 1872 "foi conseqüência da guerra de extermínio da Tríplice Aliança, tendo havido divisão prévia dos terrenos de que seria despojado".

A posição brasileira é de não aceitar polêmica nem permitir que se veja nesse caso um problema de fronteira ainda pendente.

Quanto ao argumento paraguaio, de que a linha de fronteira a ser seguida é a do ramal norte da serra de Maracaju, e não a demarcação, diz o Itamarati que êsse "ramal norte", além de ser apenas um contraforte, não oferece a **linha-sêca**, exigida pelo tratado, pois termina num banhado. Diz o ministro que, por êsse motivo, os demarcadores seguiram, há 90 anos, o espor ão principal da serra, "que, de fato, vai ter ao salto grande (a quinta queda) e o forma ao ser interceptado pelo Rio Paraná." Nas trocas de notas, o Itamarati "demonstrou com sólida base jurídica" a posição brasileira. Mas aceitou um acôrdo para exploração conjunta do potencial hidrelétrico e

agora admite que a caracterização da fronteira já demarcada pode ser submetida a uma arbitragem internacional. Coloca em jôgo a caracterização — colocação dos marcos intermediários — tendo como pacífica a demarcação elaborada antes.

Eles querem subir a fronteira

Em Assunção, qualquer criança conhece as razões **históricas e seculares** dos direitos paraguaios aos saltos. A população acompanha as trocas de notas diplomáticas como se fôsse história de James Bond.

Pelo menos três livros já trataram do assunto sèriamente. O historiador paraguaio Efraim Cardoso — explicando bem o pensamento de seu país — publicou o principal dêles: "Los derechos paraguayos sobre los Saltos del Guaíra". Êle começa pelo Tratado de Tordesilhas, a ocupação espanhola da região de Guaíra, o **genial** trabalho do brasileiro Alexandre Gusmão que apareceu lá só para escravizar índios, e depois da metade do livro chega ao tratado de 1872. Então afirma que em 1927 e 1930 o Brasil apresentou um mapa **adulterado**, para poder reivindicar a posse dos saltos de Guaíra. Insiste no ramal da **Sierra de Mbaracayu** e volta às atas de 1872/74, jurando que elas não dizem o que o Brasil afirma estar escrito nelas. Conclui o livro defendendo o que realmente é a tese da maioria dos paraguaios: soberania paraguaia dos saltos e exploração conjunta do potencial hidrelétrico. Sua frase final é: "Que os saltos de Guaíra, em vez de maçã da discórdia, sejam o mais forte laço de união entre as duas nações".

Jesus Blanco Sanchez, oficial do Exército paraguaio, especializado em hidrografia, escreveu: "El gran salto del Guaíra o Kanendiyu". O trabalho é mais científico e preocupa-se em provar que as quedas, cachoeiras e corredeiras são, no conjunto, o grande salto, devendo assim a linha de divisa ultrapassar tôdas as sete quedas, e não parar na quinta que para os brasileiros é o grande salto. Apenas alguns paraguaios dizem **os saltos.** A maioria diz o **grande salto de Kanendiyu.**

A missão cultural brasileira no Paraguai, logo depois de atacada pelos estudantes, recebeu apoio de todos os jornais, principalmente da oposição, que consideram benéfica sua presença em Assunção. Os próprios estudantes voltaram atrás. E os cursos de Português, Artes, Música, continuam sendo freqüentados, no próprio prédio do consulado, por estudantes paraguaios.

O Coronel Moreira Lima, adido militar, o Coronel Ênio Gouveia dos Santos, comandante da Missão Militar, e todos os demais oficiais brasileiros estão sempre em contato com o Exército Paraguaio.

SEGUE

Pára-quedismo: Brasil deu pára-quedas e instrutor, condecorado por Stroessner.

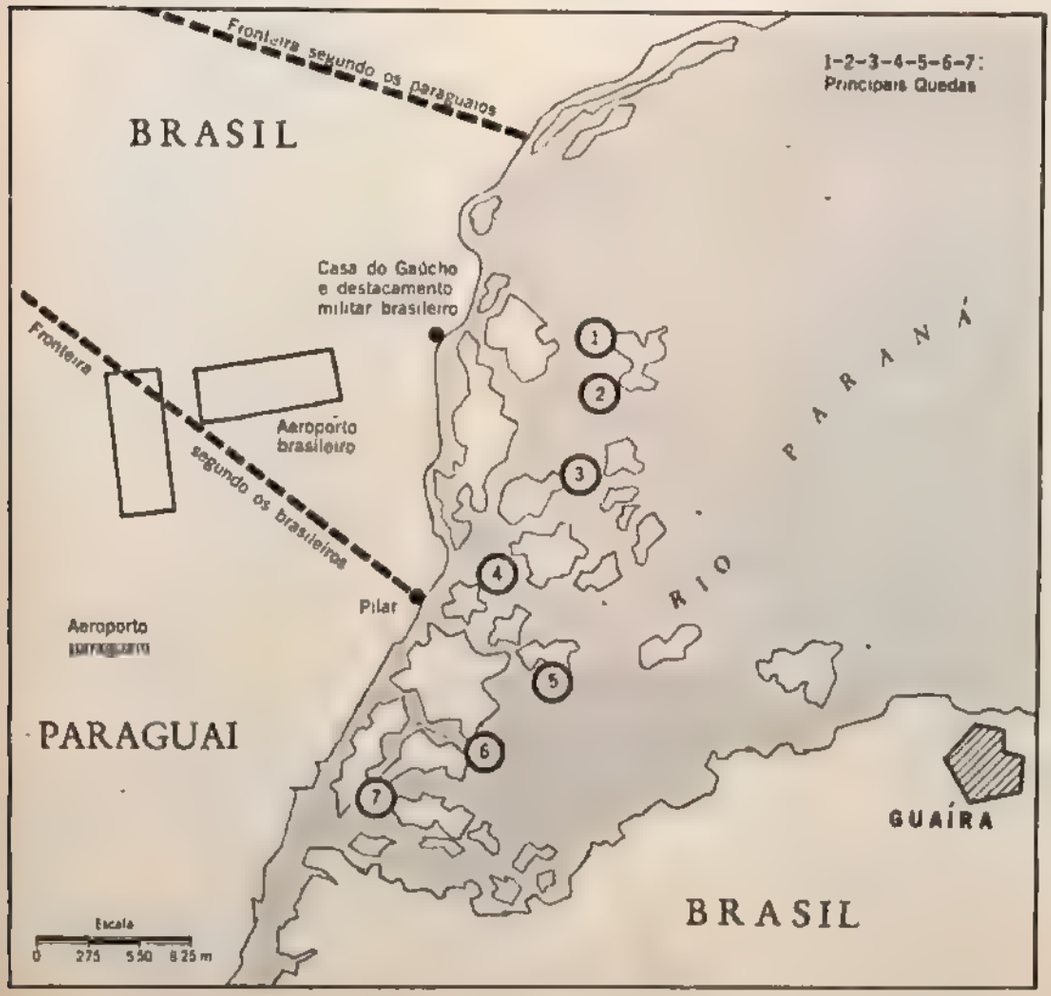
No fim das contas, sobra a amizade

E nunca houve qualquer demonstração de inimizade. O major Ítalo Mazoni, da missão brasileira, terminou recentemente de dar um curso de pára-quedismo a militares paraguaios e foi cumprimentado inclusive pelo Presidente Stroessner.

As Sete Quedas, em detalhe. Na margem esquerda, a cidade de Guaíra. A divisa vem do sul, de Foz do Iguaçu, pelo meio do rio, até o pilar colocado em frente da quinta queda, e segue depois a serra de Maracaju. Mas os paraguaios querem que a linha vá pelo meio do rio até depois dos saltos, e siga o ramal norte *da serra. Assim, a casa do Gaúcho e o destacamento militar estariam no Paraguai.*

Os demais oficiais brasileiros da missão lecionam diàriamente nos vários cursos do Exército paraguaio e nunca encontraram, segundo o seu comandante, nada que não fôsse **apoio, consideração e estímulo.** "Pois grande parte dos oficiais paraguaios freqüentou cursos no Exército brasileiro (inclusive o Presidente Stroessner), e conhecem a natureza do nosso povo", diz êle.

Em Guaíra, no começo, a 5.ª Companhia de Fronteira ficou ressabiada, sem saber o que os paraguaios queriam. Mas logo depois, o Exército guarani, para construir a sede do seu destacamento, precisou comprar material em Guaíra. Os oficiais foram ficando amigos aos poucos. O Tenente Carneiro, subcomandante da Companhia, convida os oficiais paraguaios, sempre que há bailes em Guaíra. E foi convidado para a inauguração do quartel paraguaio. Os soldados fizeram até um jôgo de futebol internacional no Brasil, com revanche no Paraguai. O Brasil ganhou os dois.



O Paraguai é assim

O Paraguai é um dos países sul-americanos de menor densidade demográfica: tem 406.752 km² de território e 1.903.000 habitantes. A população é constituída por índios, mestiços (a maioria) e brancos descendentes de espanhóis. Sua capital, Assunção, tem 305.160 habitantes.

O rio Paraguai liga o país ao Atlântico e divide-o em duas zonas diferentes. A oriental, fértil, onde residem 96% da população, e a planície do Chaco, habitada na maioria por índios. O país é bilíngüe: fala-se castelhano e guarani, língua do povo, com ensino obrigatório e alguma literatura. O catolicismo é religião de Estado, mas há tolerância para outras. Pela constituição, o presidente deve ser católico.

As universidades Nacional do Paraguai e Católica N. S. de La Assunción são as únicas. O índice de analfabetismo é de 32%. A moeda é o guarani e o país é pobre: sua renda **per capita** é de 130 dólares. Para comparar, a dos EUA — país que mais vende e mais compra do Paraguai — é superior a 2.600 dólares. Sòmente 4% da sua área está cultivada. A pecuária ocupa 40% e o resto são matas. Metade da população dedica-se à agricultura e à pecuária. Apenas 20% às poucas indústrias.

O país tem uma grande ferrovia, a Central do Paraguai, entre Assunção e Buenos Aires, mas o transporte fluvial é o mais importante. Existem serviços de vapôres, pelos rios Paraná e Paraguai, para Buenos Aires e Montevidéu, por onde o Paraguai exporta e importa. Navios brasileiros viajam entre Assunção e Corumbá. Para 11 emissoras de rádio, o Paraguai tem uma de televisão, inaugurada em 1964.

O Paraguai era a antiga Colônia do Rio da Prata. Sua capital surgiu onde os espanhóis fundaram, em 1537, o forte de Nuestra-Señora de Santa María de La Asunción. De lá partiu a expedição que fundou Buenos Aires, em 1580. Mais tarde, até 1776, o Paraguai ficou subordinado ao Vice-reinado do Peru. Depois, ao Vice-reinado do Rio da Prata, até a independência. No século XVII, os jesuítas intensificaram a conversão dos guaranis, concentrando-os em **reduções**, onde ensinavam religião, agricultura e artesanato. A concorrência criada no mercado por produtos das reduções desgostou os colonos, provocando a revolução dos Comuneros, esmagada em 1735. Com a expulsão dos jesuítas, em 1767, as reduções passaram às mãos dos seculares e desintegraram-se. Em 1811 o Paraguai tornou-se independente e caiu logo depois sob a ditadura de José Gaspar de Francia, que não admitia cônsules ou representantes estrangeiros, com exceção só para o Brasil. Em 1844 foi eleito presidente Carlos Lopez, que procurou acabar com o isolamento. Foi sucedido por seu filho, Marechal Solano Lopez, em cujo govêrno estourou a guerra da Tríplice Aliança, com Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, que sofreu um duro golpe: ruína econômica e um saldo de mais de um milhão de paraguaios mortos. A população, de 1.300.000 habitantes, foi reduzida para 250.000, dos quais só 29 000 eram homens.

De 1932 a 35, sustentou outra custosa guerra, a do Chaco, contra a Bolívia, em uma disputa territorial, só resolvida em 1938.

De 1940 a 48, o Paraguai estêve sob a ditadura de Higino Moriñigo e, depois, passou por vários governos de duração curta. Em 1954, chegou ao poder, por um golpe de estado, o General Alfredo Stroessner que, com um regime de fôrça, conseguiu sua reeleição por duas vêzes.

A bandeira paraguaia, azul, vermelha e branca, é a única com verso e reverso diferentes: no anverso está o escudo da República, no reverso há um leão, com a legenda "Paz y Justicia".

FIM

—Uma revista até já disse que êle é um palácio sôbre rodas.

A revista "Quatro Rodas" testou o Itamaraty e disse que êle é um palácio sôbre quatro rodas.

Disse mais: o Itamaraty é o carro para quem quer confôrto, vida longa sem enguiços, classe e luxo.

O Itamaraty tem estofamento em couro legítimo. Tapetes de veludo. Aplicações de jacarandá nas portas (também forradas em lã) e no painel. Rádio com dois auto-falantes. Ventilador elétrico. Luz interna com foco dirigível.

O Itamaraty é o único carro brasileiro com garantia de 20.000 km ou um ano de uso.

ITAMARATY '66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

© Willys Overland - 88-1142 - ITA

OLHA O AVIÃO

Texto de Carlos Azevedo Fotos de Luigi Mamprin

Nos primeiros aviões os homens voaram quase que só com a fôrça de seu entusiasmo. Depois, o DC-3, um avião muito especial, foi o companheiro na hora de unir os quatro pontos do Brasil. Agora que os jatos chegaram, os pilotos não precisam mais ser heróis, pois já conquistaram o céu.

Dois dos reatores do DC-8. À direita, Bertelli num Buecker, avião de acrobacia.

Um velho avião com simples instrumentos basta para Bertelli fazer arte. Dizem que êle precisa par

Voar é partir sem rumo, com muita gasolina e o coração alegre

Sua resposta: "não posso viver sem voar".

O herói arrancou o capacete e os óculos com displicência e jogou-os em qualquer canto, junto com o blusão de couro. Sua figura miúda se acomodou numa cadeira e êle sorriu, sem dentes na arcada superior, um sorriso de quem pede desculpas. As rugas em redor dos olhos são de tanto olhar o sol. Um herói sem público, mas também sem ressentimento, sem ódio, nada.

— Meu neto me perguntou: "Vovô por que é que o seu avião tem as rodinhas pra cima?"

Dá uma risada. Êste homem sabe rir. É o velho Alberto Bertelli, 52 anos, 30 de aviador, três filhas, um filho que morreu antes de ser pilôto, uma porção de netos, o maior aviador-acrobata da América do Sul. Todo mundo já o viu e ninguém se lembra dêle. 30 anos da mais fina acrobacia, muita sorte para voar e nenhuma para ganhar dinheiro.

"É um príncipe", dizem os outros pilotos sem ciúme. Êle está muito acima de todos.

Nas manhãs de sol, o "príncipe" chega no seu velho Pontiac, roupa sempre amassada, cara de quem só está passando pelo campo de Marte, em São Paulo. Apanha um avião — prefere o Buecker, fabricado em 1938 pelos alemães, o melhor para acrobacia — e faz coisas de arrepiar, a três metros do chão. Depois sai do avião calmamente e espera passar a onda de elogios dos amigos para entrar humildemente na conversa:

— Não tenho sorte com avião. Meu Cessna novinho pegou fogo guardado num hangar. Fui testar o motor de outro avião na cabeceira da pista, a terra se abriu e o engoliu. Estava em cima de um formigueiro. Meu Beechcraft de dois motores teve uma pane impossível em cima da Serra do Mar. Pousei no mato — o avião virou sucata. Dos 13 táxi-aéreos que tive só herdei dívidas. Acabei largando a aviação comercial.

Em 1930 Bertelli tinha 16 anos e trabalhava numa oficina mecânica. Seu sonho era ganhar dinheiro para comprar um motor de calhambeque. Planejava instalá-lo sôbre duas fôlhas de zinco em forma de asas e sair voando de uma colina. Sua cabeça vivia cheia de histórias de fantásticos aviadores europeus. O dinheiro nunca chegou. Mas aos 22 anos êle já voava no Aeroclube de São Paulo e, como um dia foi nomeado instrutor de acrobacia, teve de aprender para não passar vergonha.

Depois disso vieram mais de 20 mil horas de vôo, três mil de acrobacia e oito pousos de **má vontade**, como êle costuma dizer. Faz acrobacias em qualquer lugar. Basta que o convidem, paguem-lhe as despesas e emprestem o avião (pois êle não tem mais nenhum). Assim, já deu show pelo Brasil inteiro. E ainda sobrou tempo para trabalhar muito.

No tempo duro da segunda guerra nasceu uma linha aérea que transportava peixe e passageiros de Iguape e Cananéia para São Paulo. Bertelli foi para lá porque queria voar.

— De dia voávamos trabalhando e de noite voávamos outra vez, com tudo apagado, brincando de esconder. O limite era o espaço todo. Mas ninguém ia longe porque o serviço começava cedo: púnhamos 800 quilos de peixe em aviões com capacidade para 250 quilos. Saíamos para São Paulo ao amanhecer pois quando o dia clareasse os peixeiros estariam a nossa espera no velho campo do Butantã. Tínhamos de atravessar a Serra do Mar, o que não era mole, mas quase sempre a atravessamos.

A emprêsa onde Bertelli trabalhava começou carregando só peixe, depois, peixe e passageiros, finalmente, só passageiros. Nessa época começaram a surgir dezenas de companhias de táxi-aéreos.

— A turma de pilotos não vivia sem brincadeiras. E aconteciam coisas que nem é bom contar porque ninguém vai acreditar. Conto uma só: um dia, transportei 400 quilos de caranguejos vivos, fechados em sacos. Na serra peguei muita turbulência, os bichos escaparam e ficaram passeando pelo avião. Quando chegamos a São Paulo, desci do aparelho arrancando caranguejo das roupas.

Bertelli diz que ser aviador-peixeiro foi muito divertido. Faz um muxôxo, arregala os olhos muito azuis e conclui:

— Mas a única coisa que rendeu foi um cheiro insuportável no meu avião.

O sonho final

Bertelli gosta de ouvir os aplausos de um público entusiasmado quando, com o avião quase parado no ar, executa um **torneau** (voltas sôbre si mesmo) ou um **loop** (um círculo) em marcha-lenta a poucos metros do chão. Quanto mais o aplaudem mais êle faz coisas impossíveis. Contudo, em terra, os entusiastas que cercam seu avião o assustam.

— Mexem em todo o avião. Uma vez me fecharam a torneira da gasolina e eu só percebi no ar, voando de dorso, encostado no chão. Mas aquêle era um avião que estava aos meus cuidados e eu tinha instalado nêle um sistema de injeção direta que me salvou.

Aos 52 anos Bertelli continua em grande forma, voando. Alguns amigos acham que êle deve parar. Bertelli responde:

— Eu preciso voar. Se fico parado um mês começo a me sentir adoentado, infeliz.

Mas voar para êle significa partir com o coração tranqüilo, o tanque cheio e o destino por decidir no ar. E êle sabe que êsse tipo de vôo está acabando.

— Agora, até para dar uma volta em cima da pista é preciso apresentar plano de vôo.

O esquecimento da aviação esportiva, a inexistência de um herdeiro de sua fina arte são as únicas coisas que o entristecem e talvez o levem a desistir:

— Eu sei que esta aviação que faço já pertence à **hora da saudade.**

Mas o velho poeta Bertelli ainda tem um sonho por realizar — gostaria de ir a uma festa aviatória nos Estados Unidos. Êle conta como seria:

— Eu queria chegar incógnito, que ninguém soubesse quem eu era. Ficaria vendo as demonstrações dos bambas de lá. Depois, queria que um dêles olhasse pra minha cara e dissesse:

— Ei, você aí, não quer voar? Apanhe aquêle Buecker e vá dar umas voltas.

— Eu ia. Fechava o tempo, acabava com a festa, **fazia uma lenha** que ninguém nunca ia esquecer.

O DC-3, avião que não cai, foi pai e mãe de todos os pilotos

Atrás de Bertelli, seus sonhos e seus amigos, veio uma nova aviação. Substituiu o pilôto solitário por equipes, o pequeno avião de um motor e quatro lugares por bimotores para 20 passageiros.

Numa manhã da primavera de 1951, João Batista Emílio Voydeville Damasceno, pilôto-chefe da Real Transportes Aéreos, embarcava num Douglas DC-3 para fazer mais um vôo pioneiro. Êle ia traçar o caminho de São Paulo a Ponta-Porã, Mato Grosso, na fronteira com o Paraguai. A bordo, só a tripulação, nenhum passageiro.

Na cabeceira da pista, mapa no colo, checando os motores do DC-3, Damasceno observa o aeroporto de Congonhas: uma só pista cimentada, as outras de argila vermelha endurecida. Centenas de táxi-aéreos estacionados a um canto. Do outro lado, um imenso grupo de DC-3. Havia 250 DC-3 na aviação comercial do Brasil nessa época. Só a Real tinha 49. Êles partiam do Rio e de São Paulo para longos vôos pela costa e pelo interior com a gasolina contada e sem aeroportos de alternativa. Suas linhas avançavam por Mato Grosso, Goiás, Pará, mas de passagem iam servindo o interior de São Paulo, de Minas, do Paraná. Beirando o mar, iam do Rio Grande do Sul ao Maranhão, cobrindo também tôda a região que ficava no percurso.

Damasceno recebeu a ordem de decolar. Subiu e fêz uma volta sôbre São Paulo, então uma cidade de dois milhões e meio de habitantes. Rumou para Oeste procurando Sorocaba e o som de sua estação de rádio comercial. Voando a 500 metros do solo para não o perder de vista, logo avistou a cidade.

O sol começava a esquentar e aos poucos sumia a leve bruma da manhã. Dali de cima os quatro homens — pilôto, co-pilôto, rádio-telegrafista e comissário — assistiam em silêncio ao despertar do povo. Com sua carrocinha lá ia o leiteiro para a cidade. Duas crianças descalças e de uniforme azul e branco se dirigiam para a escola. Em Itapetininga aquela mesma mulher já vista em outros vôos estendia roupas no varal; olhou para o avião e deu adeus com um gesto alegre, sem esperança de que o pilôto a visse. Mas tôda a tripulação viu. Êles viam tudo. Eram como o padeiro entregando o pão e dizendo **bom dia** em tom íntimo.

— Procure o rio Jurumirim, Isidoro.

O rádio-telegrafista reclamou:

— Comandante, acho que estou ouvindo a rádio de Londrina, mas ela não dá o prefixo, está há dez minutos tocando música caipira. No aeroporto vou reclamar. Têm de dar o prefixo de 5 em 5 minutos — para nos ajudar. De qualquer modo, deve ser a própria, vamos seguir seu sinal. Bom mesmo é o Jorge Veiga, aquele cantor que dá sempre o prefixo da estação: "Aviadores do Brasil, aqui fala Jorge Veiga..."

O DC-3 voava manso, parecia parado, pois com a fresca da manhã não havia turbulência. Veio o campo de Londrina, numa colina que tinha uma inclinação de 10 graus. Com chuva a aterissagem seria complicada, mas nesse dia foi tudo bem.

Em Londrina é que a viagem realmente começava. Dêsse ponto para a frente a tripulação ia marcar os sinais e testar as novas pistas para facilitar o vôo dos companheiros que a seguiriam na nova linha. Damasceno voltou-se para o co-pilôto:

— Agora é seguir o rumo das queimadas.

— Veja o vento carregando a fumaça — disse Isidoro, apontando uma. Vai para a direita num ângulo de 20 graus, precisamos dar um desconto para a esquerda.

Em Paranavaí, nessa época um acampamento de lenhadores, o DC-3 pousou sem problemas. Damasceno encontrou um conhecido:

— Por aqui, Moisés?

— Agora sou o guarda-campo aqui, comandante. Gostou?

— Achei meio esburacado, mas tem bom tamanho. Mande cortar o capim nas cabeceiras.

Depois de observar o nôvo campo, Damasceno decolou.. A próxima escala era Dourados. Agora não haveria mais emissoras de rádio. Tinham de procurar a linha da Estrada de Ferro Sorocabana e acompanhá-la até encontrar o rio Paraná. Acharam a linha e a seguiram. Passaram sôbre Presidente Venceslau na hora do almôço.

Alguns minutos mais tarde viram Presidente Epitácio com o nome da cidade escrito no teto do barracão da estação da estrada de ferro. No rio Paraná algumas lanchas e lavadeiras batendo roupa, enquanto moleques pelados tomavam banho, dando saltos dentro d'água e acenando para o avião.

Os meninos continuaram pulando muito tempo, olhando o avião que depois se tornaria costumeiro: passaria duas vêzes por semana sempre na mesma hora.

Do outro lado do rio, Porto XV de Novembro que se transformaria num sinal importante. Lá detrás do povoado saíam duas estradas para o interior do Estado de Mato Grosso, formando um grande V. Colocando-se o nariz do avião no vértice do V e partindo em linha reta, ia-se a Dourados.

Quilômetros adiante, uma casa de fazenda com um grosso tronco derrubado à sua frente. Um pomar e, à direita, uma estrada de areia branca. Damasceno anotou: outro sinal.

O DC-3 agora sobrevoa a imensa planície de Mato Grosso: capim baixo e água. Nada para marcar um rumo. Se o vento não arrastara muito o DC-3, estavam no caminho certo.

Entardecia e êles tinham o sol na cara. Damasceno procurava alguma coisa no horizonte. Tinham-lhe falado de um morro. Havia um só morro por ali, êle era o sinal. Isidoro o achou.

Passaram à direita do morro solitário. Estavam há poucos minutos de Dourados. Procuravam e só viam a planície. Esperaram e veio outro sinal: um reflexo. Damasceno deu o palpite:

— Só podem ser duas coisas: um telhado de zinco ou a superfície espelhada de uma lagoa.

Era o telhado de zinco de um barracão de Dourados. Durante muitos anos êle seria o sinal para encontrar a cidade. Mas também muita gente voaria ao encontro de seu reflexo e encontraria apenas uma lagoa povoada de garças brancas. O campo era péssimo. A chuva de alguns dias atrás fizera um barro

que ainda continuava deslizante, pegajoso. O DC-3 desceu meio de lado e Damasceno comentou:

— Poderão construir aviões mais econômicos, mais estáveis que êste. Mas para operar nos buracos onde êste desce e decola eu duvido que façam outro tão bom.

Em Ponta-Porã havia uma emissora de rádio da Fôrça Aérea Brasileira. Ficava tudo mais fácil. Seguiram para lá ao pôr do Sol, voando baixo, gozando a beleza da campina muito verde. Grandes manadas de gado se assustavam com o ronco do avião.

Uma nova rota estava pronta. Na 2.ª-feira seguinte um avião com 22 passageiros já passaria por ali. A cidade fronteiriça estabelecia mais uma ligação, mais um serviço devido ao DC-3, "pai e mãe de todos os pilotos, benfeitor de um país imenso e sem estradas", segundo Damasceno.

Êles já vêem Ponta-Porã — uma cidade de casas de madeira e ruas muito largas — gêmea de Pedro Juan Caballero, cidade do Paraguai. Pela segunda vez no mesmo dia êles viam o Sol dourando tudo, pondo reflexos amarelados sôbre as humildes casas e as crianças sujas de brincar na areia. O DC-3 se apronta para aterrissar. A tripulação sabe que a espera um péssimo jantar e camas onde percevejos não deixam dormir. Mas os homens do avião sorriem, a missão está cumprida.

VARIG

Para o povo do interior, avião ainda é o velho DC-3.

Ele ajudou a construir o País e nos campos ruins ainda é insubstituível.

120 toneladas caindo do céu: aterra o DC-8. Em cima, painel com aparelho de radar. O jato toca o solo a 300 km/h.

Agora as máquinas se tornam perfeitas, mas a poesia acabou

O choque de pneus na pista tira fumaça.

Catorze anos depois, numa manhã de fevereiro de 1965, o comandante Damasceno apareceu no aeroporto de Congonhas, como de costume. Só que desta vez êle não estava na escala de vôos. A Varig aceitara seu pedido de aposentadoria e êste era seu último dia de trabalho. Despediu-se dos amigos com seu velho sorriso e um pouco de tristeza. De volta para casa, pôs o quépi de comandante sôbre o globo terrestre que tinha na sala.

Aos 45 anos de idade, Damasceno encerrava uma carreira, de 25 anos depois de completar 23 mil horas de vôo. Durante êsse tempo havia pilotado todos os aviões comerciais que apareceram no Brasil. Decidiu parar quando a companhia tinha resolvido transferi-lo do Caravelle, jato de duas turbinas, para o Convair 990-A, de quatro turbinas.

"Os aviões tinham-se tornado perfeitos — se justifica Damasceno — tôda a segurança possível (rádio, radar, equipes de terra) cercava o vôo. O pilôto transformara-se num homem supertreinado e de grande eficiência. Mas eu sentia que a aviação tinha perdido alguma coisa. Para mim ela tinha sido a doce arte que eu praticava com alegria. Agora era uma profissão exigente. Uma boa profissão, mas só isso. Achei que meu tempo tinha passado e pendurei as chuteiras."

O pulo do jato

Em fins de 1960 a aviação brasileira levou um choque. Dois Caravelles comprados pela Varig lançavam o País na era do jato. Pouco depois, a Real encomendou três Convair 990-A (que depois viriam a ser da Varig), e a Cruzeiro do Sul comprou três Caravelles. Em seguida a Varig adquiriu dois Boeings 707 e, mais adiante, dois DC-8.

De repente, ficaram muito distantes as estrepolias de Bertelli e os anos em que o comandante Damasceno varava o espaço rumo ao Norte, levando 32 horas de Super-Constelation para ir de São Paulo a Nova Iorque. O Boeing passou a fazer o mesmo percurso em 10 horas e meia, a 960 quilômetros por hora. O DC-8 vai a Beirute, na porta da Ásia, em 18 horas, passando por Monróvia, na África, Madri e Roma, na Europa. O Convair 990-A dá um pulo a Santiago do Chile em 4 horas e meia e vai a Los Angeles em 18 horas e meia com muitas escalas no caminho. Em 1966, além de ligarem ràpidamente os pontos mais distantes do País (até Belém, 3 horas e 10; até Recife, 2 horas e 40), os jatos brasileiros estendem suas linhas pelas Américas e Europa. Os pilotos brasileiros são contratados pelas companhias estrangeiras, a nossa aviação, que quietamente uniu o território nacional, se estende adulta e respeitada pelo mundo.

— Benvindo à cabina do DC-8 da Varig. Eu sou o comandante Sáfadi, êste é o comandante Dorval. A nossa altitude é de 10 mil metros.

A cabina está fresca, mas o comandante Sáfadi tem gôtas de suor sôbre o lábio superior. É calvo, tem os olhos claros e o rosto pálido. Dorval e êle estão atentos aos comandos. Em pé, um metro atrás, está o terceiro-pilôto. À direita, diante de um grande painel, o rádio-telegrafista. Há mais 14 funcionários a bordo, inclusive o mestre-de-cerimônias e uma inspetora dos comissários. O avião está a 900 km/h e além de 80 passageiros (sua capacidade é de 120) transporta neste vôo 100 quilos de ouro e dez quilos de diamante. Vem de Beirute, Roma, Madri, Monróvia. Vai para Buenos Aires.

O comandante Dorval, funcionando de copilôto, tem um papel à sua frente onde vai fazendo anotações constantemente. O rádio-telegrafista entrega a todo instante um quadro completo da situação atmosférica nas regiões próximas do avião. A tripulação está todo o tempo ocupada, é pràticamente impossível um imprevisto. Ainda que duas turbinas parassem, ainda que o trem de aterrissagem não descesse, êles teriam medidas de segurança para levar o aparelho a um pouso normal.

A tripulação está ali, em grande forma. Cada homem está sujeito a períodos de treinamento de seis em seis meses, os chamados **refrescamentos.** São peças de um aparelho perfeito, as únicas que podem falhar.

— Você quer saber se ainda há poesia em voar? Sei a que você se refere: ao céu, à paisagem, essas coisas.

O comandante Sáfadi sorri: "Bem, ontem jantei em Roma e passei pela Via Veneto. Tomei o desjejum de hoje no Rio. Almoçarei em Buenos Aires e vou dormir em São Paulo. Veja, ali está São Sebastião, Caraguatatuba à direita, Ubatuba já passou. Isso tudo é muito simpático, mas poético não é mais. A aviação já venceu todos os obstáculos. Pilôto agora é um profissional sério, bem comportado, um técnico altamente especializado.

A aeromoça traz um cafèzinho. Sáfadi toma um gole e continua: "Êste relógio que tem um desenho em forma de V e um ponteiro no centro, é o meu guia. Minha função é manter o ponteiro no centro do V e pronto: o caminho foi traçado antecipadamente, estamos seguindo por uma aerovia, exatamente como por uma estrada asfaltada cercada por eucaliptos. Dentro de alguns segundos a tôrre de São Paulo vai me chamar e comandará meu vôo, depois a tôrre de Viracopos orientará minha operação de aterrissagem. Tenho de fazer o percurso Galeão-Viracopos em 32 minutos. Se me atrasar dois minutos ficarei contrariado.

Ajeita o receptor de rádio no ouvido, ouve mais do que fala, volta-se e se desculpa:

— Agora você me dá licença, vou parar de conversas. São Paulo está me chamando, dentro de cinco minutos vamos aterrissar.

O avião começa a descer furando nuvens com indiferença. Trepida, está reduzindo os motores e perdendo ràpidamente sua velocidade. Já se avista a pista de Viracopos. Sentado atrás do comandante, o terceiro-pilôto lê uma série de ordens: "baixar o trem, acender a luz vermelha, apertar o botão azul..."

A sombra do DC-8 passa sôbre uma pequena casa de madeira. Quase não há tempo para ver que de sua chaminé sai uma fumaça branca. Com o imenso flape todo aberto, o grande avião freia e pousa docemente. Abrem-se as portas, instalam-se as escadas. Depois de todos os passageiros desce um homem apressado, sério, de pastinha na mão. É o comandante. FIM

O câncer, hoje, já é curável em 50% dos casos. O importante é conhecer seus sinais, agir com rapidez e não ter medo.

O CÂNCER TEM CURA

Texto de Duarte Pacheco

A sra. N., de 41 anos, casada, tinha um câncer no útero. O primeiro sinal havia sido uma simples supuração — coisa que a maioria das mulheres tem uma vez ou outra e que geralmente não representa nada de sério. Ainda assim, a sra. N. procurou seu médico. Este, embora constatando apenas uma pequena inflamação, prescreveu um teste simples mas rigoroso. Dois dias mais tarde, as provas de laboratório identificaram células cancerosas nas secreções removidas do útero. Exames posteriores confirmaram a presença de câncer no colo uterino, em estágio inicial. A sra. N. submeteu-se a tratamento imediato. Hoje, seis anos depois, está inteiramente curada. A história da Sra. P.S.A. é parecida. Casada, com 38 anos, também tinha câncer no útero e o primeiro sinal foi o mesmo, uma simples supuração. Mas a sra. R. não fez nada — achou que a supuração não era grave e esperou que atacasse por si. Só após vários meses, quando já se sentia muito doente, é que resolveu procurar o médico. O diagnóstico foi câncer em estágio avançado e, portanto, incurável. A sra. R. morreu poucos meses depois. Estes são apenas dois de milhares de casos semelhantes. A diferença no resultado — cura e morte — só dependeu do tempo, e do estágio em que o câncer foi descoberto.

Esta foto, tirada por Fritz Goro num milésimo de segundo, mostra o mais novo processo de tratamento do câncer: os raios laser, que funcionam como um bisturi muito rápido, preciso e indolor.

Os casos em família não passam de simples coincidência

Já está longe a época em que um diagnóstico de câncer equivalia a uma sentença de morte. Os avanços médicos tornaram o câncer uma das mais curáveis das grandes doenças. Com uma condição: que seja diagnosticado em tempo e tratado pronta e apropriadamente. Isso não significa que **todos** os cânceres possam ser curados. Mas, com os métodos de diagnóstico e tratamento disponíveis, **metade** de todos os pacientes de câncer já podem ser salvos.

Aqui entra o maior e mais trágico paradoxo da medicina moderna: há uma enorme diferença entre o que poderia ser feito e o que está sendo feito, entre a curabilidade possível do câncer e o número efetivo de curas. A metade dos pacientes morrem de cânceres que a ciência ainda não sabe como controlar; só poderão ser salvos por futuros progressos da pesquisa. São curados 25%; outros 25%, porém, morrem embora pudessem ter sido salvos, por diagnóstico precoce e tratamento adequado. Em outras palavras: o câncer é curável em duas vêzes mais casos do que as taxas atuais indicam.

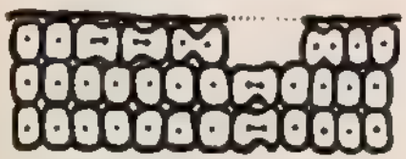
Por que êsses milhares de mortes desnecessárias? Em parte pelas deficiências da assistência médico-hospitalar. E em parte em função das atitudes tomadas diante do câncer, que mata mais pessoas, no mundo, do que qualquer outra doença, exceto as do coração.

Muita gente ainda acredita que o câncer é necessàriamente fatal. Estão convencidos de que não adianta fazer nada. Dizem: "É melhor não pensar nisso". E quando vão pensar já é tarde demais.

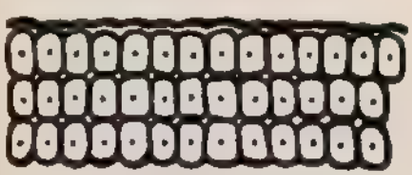
REPRODUÇÃO CELULAR, ORDEM E DESORDEM

Crescimento normal

1) Tecido normal, mostrando uma falha.



2) As células se dividem ordenadamente.



3) A divisão celular completa o tecido.

Crescimento anormal

1) O Começo do câncer uma celula anormal

2) A desordenada multiplicação das células

3) O câncer se alastra, dentro do tecido

O corpo humano é composto por diferentes tipos de tecidos. Se um dêles se rompe, é ferido por exemplo, as células vizinhas se dividem para preencher a falha. Quando ocorre uma reprodução desordenada, surge o câncer.

Saber mais para viver mais

A verdade é que hoje os médicos são capazes de diagnosticar o câncer com mais certeza e rapidez — e mais cedo do que nunca.

Também o tratamento do câncer tem registrado avanços consideráveis. O mais nôvo dêles, embora ainda levante muitas perguntas sem resposta, é a aplicação de raio **laser**.

Em conseqüência dêsses avanços, a taxa de sobrevivência aumentou extraordinàriamente. Até por volta de 1930, poucos pacientes podiam ter esperança de cura. Nos dez anos seguintes, um em cinco pacientes já estava sendo salvo (isto é, continuava vivo cinco anos depois de ter feito o primeiro tratamento). Na década de 40, a proporção já subia para um em cada quatro pacientes. Atualmente, é de um em três. E poderia imediatamente ser de um em dois — se todos os doentes de câncer recebessem tratamento adequado em tempo.

Hoje, calcula-se que de cada 24 pessoas, seis terão câncer. Dessas seis, duas serão salvas por tratamento e quatro morrerão. Dessas quatro, três morrerão de tipos de câncer que só a futura pesquisa poderá controlar, mas uma morrerá sem necessidade, pois poderia ser salva por diagnóstico precoce e tratamento apropriado.

Têm razão os que insistem que na cura do câncer o papel do paciente é importante como em nenhuma outra doença. E lembram a necessidade de que as pessoas sejam mais bem informadas sôbre o câncer e sua cura. Também neste ponto podem ser observados grandes progressos. Por volta de 1900, raramente se falava do câncer fora das revistas médicas. Hoje, através de todos os meios de comunicação de massa, noções básicas têm sido difundidas. Porém é muito o que ainda resta por fazer. Sobretudo porque velhas e falsas concepções não desapareceram.

Uma delas é que o câncer seria hereditário. Não existe nenhuma evidência científica de que o câncer seja provocado diretamente por fatôres hereditários. Casos de câncer em vários membros de uma família não passam de simples coincidência. Também sem fundamento científico é a noção, bem antiga, de que o câncer seria contagioso. Como se sabe, as bactérias e os vírus são as causas das doenças contagiosas e infecciosas; e após tantos e

tantos anos de pesquisa, ainda não se descobriu nenhum germe ou bactéria causador do câncer. No momento existe grande interêsse em tôrno da relação entre vírus e câncer. Mas ainda que se consiga isolar um vírus como um dos agentes cancerígenos, não é provável que êle funcione também como agente de contágio. De outro modo, como explicar que médicos, enfermeiras e familiares que mantêm prolongado contacto com os pacientes, não contraiam câncer nem desenvolvam nenhuma predisposição especial para a doença?

Alguns pensam que qualquer ferida ou simples pancada causam câncer. Fôsse isto verdade e o câncer seria uma doença muito mais freqüente do que é, pois não existe pessoa que, ao longo da vida, não tenha se machucado e ferido muitas vêzes. As machucaduras e as feridas podem ser causa do câncer quando se repetem no mesmo lugar, ou são crônicas, e sobretudo quando maltratadas. Enganam-se ainda os que julgam o câncer uma doença dolorosa. O câncer não dói. Tanto assim que êle pode se desenvolver vários anos em silêncio, e aí está justamente seu maior perigo. O câncer causa dor só quando invade tecidos que contêm fibras nervosas ou interfere com funções vitais, ou atinja proporções tais que comprima órgãos vizinhos.

De tôdas as concepções erradas, porém, a mais nociva é a que vê no câncer uma doença fatal e, mais que tudo, vergonhosa. Um castigo ou estigma que é preciso esconder. Tal concepção é tão difundida que já se tornou um costume omitir a verdadeira **causa mortis** de pessoas falecidas de câncer. E não são poucos os que se benzem ou batem na bôca três vêzes quando falam a palavra. O câncer é ainda um tabu, como já o foram a tuberculose e a lepra. Entretanto, o câncer não é uma doença mais vergonhosa do que o apendicite ou a diabete. É apenas mais grave.

Essas concepções falsas se tornam ainda mais perigosas quando associadas aos hábitos supersticiosos que levam certos pacientes a procurar, em vez de médicos, inescrupulosos curandeiros ou fazedores de milagres. Com isso perdem não apenas dinheiro e esperança, mas sobretudo um tempo precioso, que pode ser decisivo para salvar a própria vida.

O que é o câncer

Câncer é o nome comumente usado para o que os médicos chamariam um tumor maligno. É um nome muito antigo, que significa, aproximadamente, **crescimento nocivo.** De fato, o câncer é um crescimento anormal e descontrolado das células que formam os tecidos de que é feito o corpo humano.

Como começa um câncer? Quem olhar através de um microscópio os tecidos do corpo humano, verá que todos êles são constituídos de pequenas unidades, chamadas células. A ameba e outras formas simples de vida, tão pequenas que são invisíveis a ôlho nu, são formadas apenas de uma célula. Os mamíferos superiores, entre os quais o homem, contêm um número imenso de células.

Cada órgão humano — coração, fígado, pulmões etc. — é construído por diferentes tipos de células, organizadas de maneiras diferentes. Mas tôdas essas células apresentam semelhanças básicas. Têm a mesma estrutura: membrana, citoplasma, núcleo. E têm — exceto as células nervosas — uma mesma propriedade fundamental: a de poderem se reproduzir. Isto elas fazem, simplesmente se dividindo. Uma célula se parte em duas, as duas em quatro, as quatro em oito, e assim por diante.

O caso mais extraordinário do processo de crescimento das células se dá no desenvolvimento inicial do corpo humano. No curto espaço de nove meses, uma única célula, o óvulo fertilizado, se multiplica, se diferencia e se organiza até formar um nôvo organismo. Mas o processo natural de reprodução das células não termina com o nascimento. Quando o corpo cresce ou é pôsto em ação, suas partes mudam de tamanho e forma, se gastam. Por isso, em tôdas as partes do corpo, as células estão continuamente, com maior ou menor rapidez, se multiplicando, a fim de suprir o material para novos crescimentos ou para repor tecidos gastos ou danificados.

Em algumas pessoas, no entanto, inesperadamente, êste processo comum da vida se descontrola. Certas células começam a crescer e multiplicar-se desordenadamente e sem nenhum propósito aparente.

SEGUE

O CANCER ATINGE UM EM CADA QUATRO

De cada 24 pessoas,
6 terão câncer

Dois salvos
por tratamento

Um morre
mas poderia ser salvo,
se o câncer fôsse descoberto em tempo

Três morrem
de tipos de câncer que no futuro
os médicos deverão controlar

Nos últimos anos têm morrido mais homens do que mulheres

Dividem-se mais ràpidamente do que as células normais, e ao acaso. Logo forma uma massa inútil, conhecida como **tumor.** A característica dos tumores é o crescimento de células sem nenhum objetivo útil.

Às vêzes êstes tumores permanecem na parte do corpo em que surgiram e, embora possam crescer muito e pressionar as regiões vizinhas, não causam nenhum dano especial. Em regra, são até separados do tecido de origem por limites bem definidos — uma membrana ou espécie de muro protetor. Êsses são chamados **tumores benignos.** Suas células diferem pouco das células normais, não se espalham ilimitadamente e, a menos que se desenvolvam em regiões mais delicadas, como o cérebro, não representam um perigo sério para o organismo.

Às vêzes, porém, crescem tumores que não ficam apenas num lugar: destroem a parte do corpo em que surgiram, invadem as regiões vizinhas e logo transferem algumas de suas células para outras partes do corpo, onde elas iniciam nôvo crescimento irregular e nova destruição. Êstes são chamados **tumores malignos,** ou cânceres. Suas células são bastante diferentes das células normais — e quanto mais maligno o câncer, mais anormais são as células. O grande traço distintivo do câncer, porém, é a sua habilidade para invadir os tecidos vizinhos e espalhar-se pelo organismo inteiro.

Como o tumor se expande

O tumor maligno ou canceroso começa como uma doença **localizada.** No início, apenas uma das minúsculas células do corpo sofre uma transformação infeliz: torna-se uma célula cancerosa. Mas a célula cancerosa se reproduz, dividindo-se em duas células, que se redividem, e assim por diante. Tôdas as descendentes da célula cancerosa original são também células cancerosas. E o câncer vai crescendo.

Por algum tempo, permanece no lugar em que surgiu e é de tamanho microscópico. Mais tarde, cresce até formar uma massa que pode ser vista a ôlho nu. Enquanto fica confinada a seu ponto inicial, esta massa é geralmente conhecida como **carcinoma in situ,** isto é, "câncer no seu lugar de origem".

Depois de algum tempo, como o tumor maligno não tem a membrana que habitualmente limita o tumor benigno, algumas células cancerosas penetram nas massas de células normais em tôrno e começam a invadir os tecidos vizinhos. Êste processo é chamado **infiltração** e neste estágio o tumor é designado como **câncer invasivo.** Enquanto tôdas as células cancerosas vivas continuam onde a doença principiou, diz-se que o câncer está **localizado.**

As fases mais perigosas vêm depois. Quando o câncer invade um canal linfático ou um vaso sanguíneo, algumas das células malignas podem se separar do tumor original e ser carregadas para outras partes do corpo. Aí se alojam e continuam seu desenfreado processo de multiplicação, dando origem a tumores secundários. Esta migração de células cancerosas é chamada **metástase.** Mas o corpo ainda tem uma defesa. As células cancerosas podem cair numa cilada e serem detidas no nódulo de um canal linfático, na região do órgão onde surgiram. Isso retarda a expansão por algum tempo. Tal estágio da doença é conhecido como **envolvimento regional.**

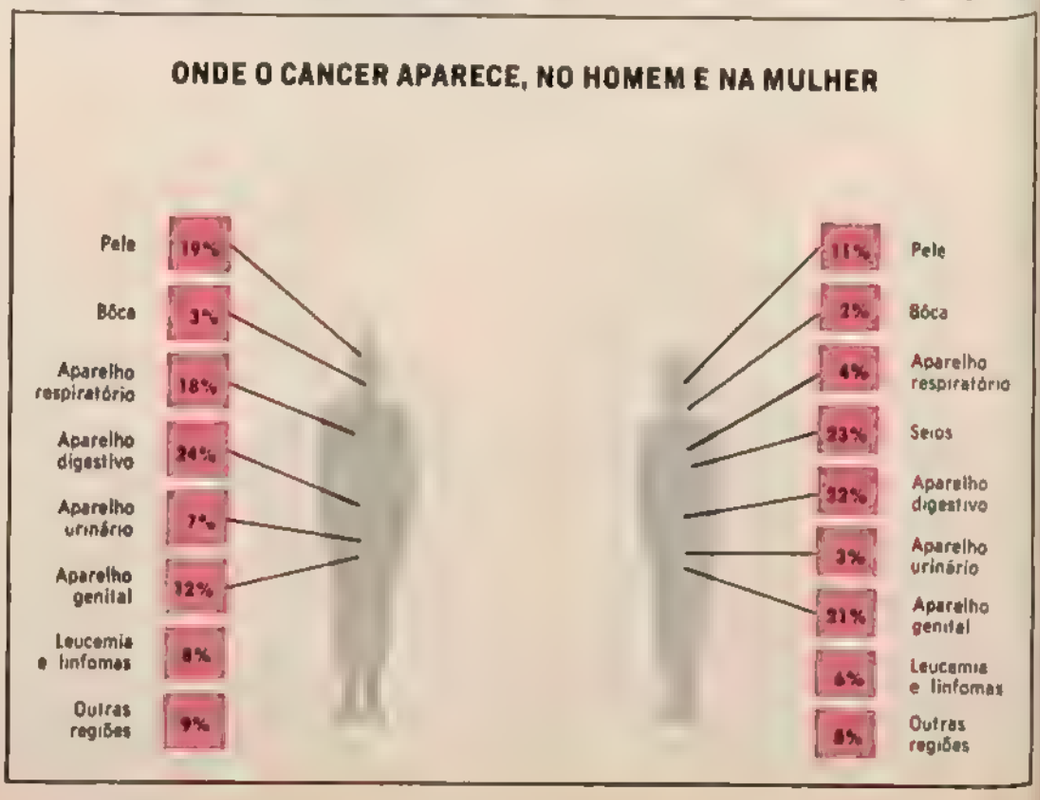
Se não fôr tratado, o câncer continuará se desenvolvendo, o nódulo não conseguirá mais contê-lo e suas células logo se transferirão para outras partes do corpo, às vêzes bem distante. E eis o **câncer avançado.** A morte é quase inevitável; não necessàriamente rápida.

Em tese, todos os cânceres podem ser curados — desde que seja possível remover ou destruir tôdas as células cancerosas existentes no corpo do paciente. Isto o cirurgião consegue fàcilmente quando o tumor se encontra no estágio inicial de **carcinoma in situ.** Nestes casos as curas atingem a 100%. Normalmente, as células cancerosas podem ser eliminadas por cirurgia ou radioterapia — isoladas ou combinadas — também quando o câncer se tornou invasivo, mas se encontra ainda na fase **localizada.** É possível — com menos freqüência e facilidade — quando o tumor atingiu a etapa de **envolvimento regional.** Mas é quase impossível quando as células cancerosas já se espalharam pelo corpo. O problema, portanto, é descobrir e atacar o câncer enquanto êle não se propagou e ainda pode ser removido por cirurgia ou destruído por radiação.

Os principais tipos

Os cientistas ressaltam que o câncer não é uma única doença, mas um conjunto de doenças. Tôdas têm uma característica comum: crescimento irregular e descontrolado de células. Mas, de acôrdo com o órgão ou região em que êste crescimento se manifesta, os cânceres diferem entre si nos sintomas, na evolução e na resposta ao tratamento.

Não existe maior semelhança entre os sintomas do câncer do lábio e os do câncer do reto do que a que existe, por exemplo, entre os sintomas de pneumonia e apendicite. É justamente esta extraordinária variação no modo de o câncer revelar sua presença, es-



pecialmente nos estágios iniciais, que torna tão difícil reconhecê-lo.

Há diferenças acentuadas também no desenvolvimento de cada variedade de câncer. Certos cânceres do seio crescem e se expandem ràpidamente. Outros se desenvolvem devagar e ficam localizados por muitos anos. Alguns tipos de câncer, por sua própria natureza, se espalham desde o começo. É o que acontece com a leucemia, o câncer do sangue, e com o linfoma ou doença de Hodgkins, o qual começa nas glândulas linfáticas e se propaga pelo corpo através dos canais de linfa. A leucemia não tem cura e é quase impossível deter a doença de Hodgkins, mas radiação e remédios podem contê-las por algum tempo.

O câncer do útero é freqüentemente curado com radiações, mas isso nunca acontece com o câncer do estômago. Esta variação se deve em parte à localização da área atacada: algumas áreas são mais acessíveis do que outras aos raios destruidores. Existem diferenças significativas na resistência dos cânceres à radiação que parecem inerentes às células. Os cânceres variam também na sua susceptibilidade a tratamento cirúrgico, dependendo das dificuldades para remover a área atingida.

O câncer pode atacar qualquer pessoa — homem ou mulher, adulto ou criança, trabalhador ou preguiçoso, gordo ou magro. Mas nos últimos vinte anos, têm morrido mais homens do que mulheres, principalmente como resultado do aumento nas mortes por câncer do pulmão, ao lado do decréscimo da mortalidade por câncer uterino. Também se tem observado que o câncer atinge com freqüência crescente pessoas de idade avançada. E embora o câncer possa atacar qualquer parte do corpo, certas áreas são mais vulneráveis do que outras.

Quais são as causas?

Mas, afinal, o que transforma uma célula normal numa célula cancerosa? Por que aparece de repente no organismo êsse processo normal de crescimento das células?

A despeito da intensa pesquisa científica feita últimamente, ainda não se sabe o que causa o câncer ou porque algumas pessoas o contraem enquanto outras escapam. Muitos anos de estudo e pesquisas serviram para afastar algumas concepções erradas, mas as descobertas finais a respeito da natureza e causas da doença ainda estão por ser feitas.

O câncer é conhecido desde tempos históricos remotos. Achados fósseis bem antigos revelam ocasionais destruições de ossos que devem ter sido causadas por câncer. Hoje nenhuma raça humana, nenhum grupo nacional parece livre do câncer.

Embora não se tenha feito nenhuma descoberta conclusiva, é também exagerado pensar que não sabemos nada sôbre as causas do câncer. Ainda não conhecemos bem o **mecanismo** ou a **natureza** da transformação pela qual uma célula se torna cancerosa. Mas já sabemos muita coisa sôbre as **circunstâncias** e os **agentes** que parecem provocar o desenvolvimento de tumores malignos. Sabemos, por exemplo, que excessiva exposição a luz solar muito forte **causa** câncer da pele — embora ainda não possamos explicar **como** e **porque** isto acontece.

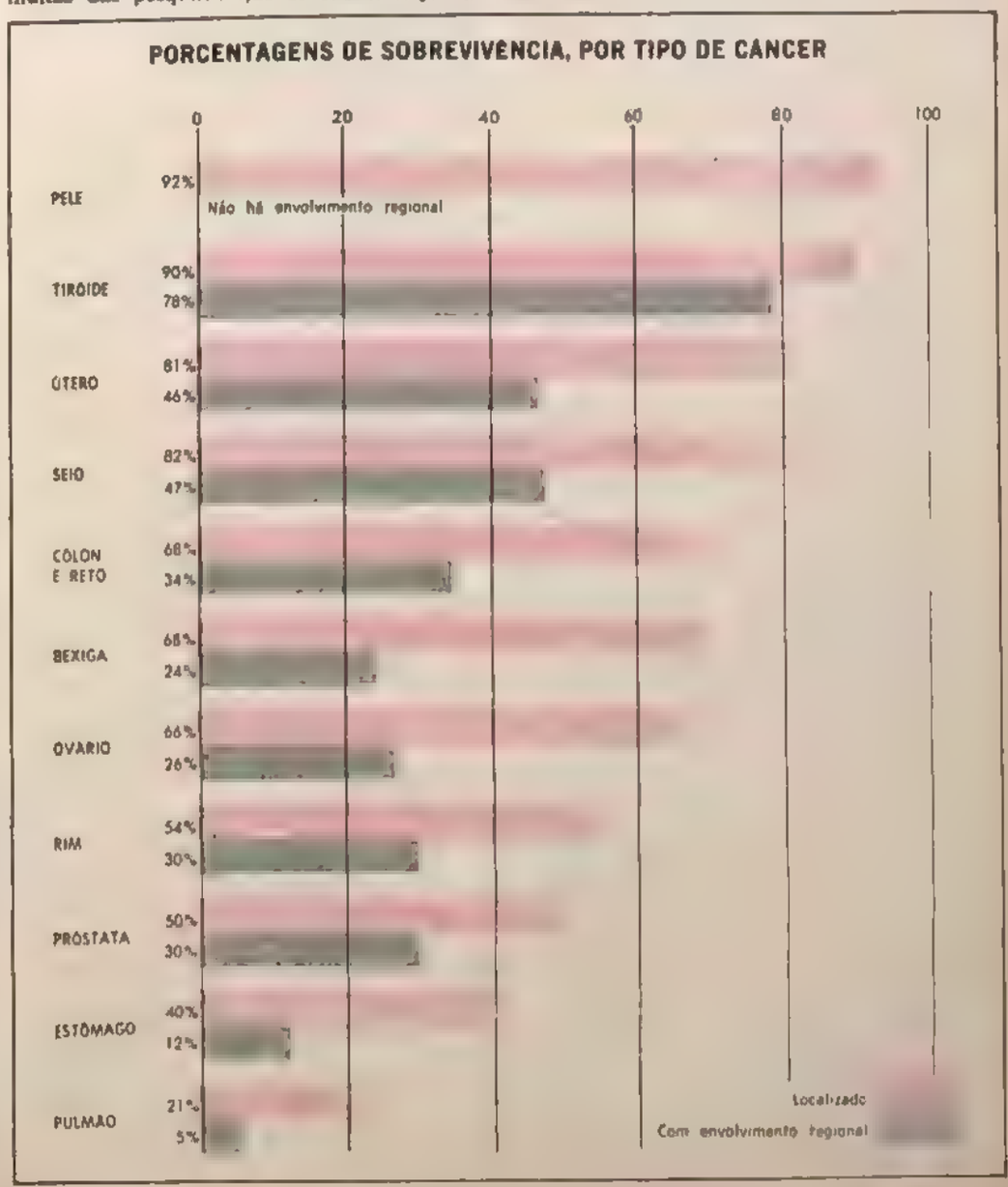
Sabemos também que algumas partes do corpo onde existe um nível alto de atividade química — o estômago e os órgãos genitais femininos, por exemplo — parecem ser mais vulneráveis ao câncer. Sabemos ainda que fricção e outras irritações mecânicas parecem favorecer o desenvolvimento de tumores malignos em algumas partes do corpo.

Já temos elementos para mostrar que certas substâncias não encontradas normalmente no corpo favorecem o desenvolvimento do câncer. Entre estas se encontram fuligem e produtos do breu e, mais recentes, os materiais radiativos. Algumas dessas substâncias, como fumaças de óleos minerais ou emanações industriais, parecem ter marcante participação na incidência do câncer do aparelho respiratório. Com respeito ao câncer do pulmão, há evidência crescente de que o fumo excessivo de cigarros é um de seus fatôres causativos básicos. Quanto ao câncer da pele, além das repetidas queimaduras de sol, pode ser causado por outras espécies de radiação, como raios-X, quando aplicados em excesso.

O câncer não tem, portanto, uma mas muitas causas. Existem fatôres internos ao organismo, outros externos, alguns descobertos, outros apenas suspeitados, e provàvelmente muitos ainda não reconhecidos. Entretanto, todos parecem estar ligados a uma **causa básica**, que se entranha no organismo mesmo. Esta causa básica poderia ser chamada **susceptibilidade individual**. A natureza desta susceptibilidade é desconhecida, mas é o coração do problema e o objetivo último de muitas das pesquisas que se fazem hoje em dia. Descobri-la não será fácil, como não será fácil descobrir a própria natureza do câncer. Pois, estando o câncer relacionado com o crescimento das células, seu segrêdo é o próprio segrêdo da vida.

Quais as chances de cura hoje?

Muitas doenças foram postas sob contrôle médico antes que sua natureza fôsse compreendida. O êxito contra as doenças infecciosas resultou mais da determinação de tentar tudo para preveni-la do que dos avanços no entendimento científico de sua natureza. As maiores conquistas contra a varíola, a peste bubônica e a anemia perniciosa foram obtidas antes que suas causas fôssem conhecidas. É natural, portanto, que, ao lado dos cientistas que lutam contra o câncer por meio de pesquisa básica sôbre os processos da vida e do crescimento, outros, mais práticos, prefiram o ataque direto e estejam fundamentalmente preocupados em encontrar métodos de diagnósticos mais perfeitos ou meios mais eficazes para prevenir, curar ou pelo menos retardar o câncer. Por isso, embora ainda não se conheça a natureza do câncer e pouco se saiba sôbre suas causas, metade dos pacientes já podem ser salvos.



Já sabemos o suficiente para evitar certos tipos de câncer

As possibilidades de cura variam, no entanto. Dependem do tipo de câncer. O da pele, por exemplo (com exceção do melanoma maligno), não é tão grave e normalmente pode ser curado sem dificuldade. Em compensação, poucos sobrevivem ao câncer do pulmão. Embora o índice de cura dependa fundamentalmente de **quando** o câncer é descoberto, diagnosticá-lo cedo nem sempre é suficiente. Sobretudo porque se as ramificações mais antigas e que já cresceram bastante podem ser vistas quando o tumor é exposto, numa operação, as ramificações recentes são de tamanho microscópico e portanto invisíveis ao ôlho do cirurgião. Isto explica porque as operações de câncer são tão demoradas: o cirurgião procura eliminar tôdas as partes possìvelmente afetadas. Mas explica também porque muitas vêzes, depois de ter sido aparentemente removido por meio de uma operação, o câncer reaparece.

Quando o câncer já se espalhou pelo organismo, as possibilidades de cura se reduzem ainda mais e se os tumores secundários são numerosos, e atingem órgãos vitais, pràticamente não existem. Às vêzes o câncer original permanece pequeno e não dá sinal de si, enquanto vai se propagando, e são os tumores secundários que, crescendo ràpidamente, dão o primeiro alerta. Em tais circunstâncias, pode ser bem difícil localizar o tumor original. Mais freqüentemente, contudo, os crescimentos secundários só são descobertos algum tempo depois que o tumor primário já foi removido.

Fica claro assim porque os médicos insistem tanto na importância de se descobrir o câncer "antes que êle comece a falar". Mas justamente porque êle ainda está silencioso, é difícil percebê-lo. Pode-se fazer alguma coisa para descobrir o câncer enquanto é tempo?

A primeira providência é procurar anualmente o médico para um exame geral. É preciso abandonar a idéia de que as pessoas só devem consultar o médico quando estão doentes. Um **checkup** anual dá tranqüilidade e pode revelar um câncer antes mesmo que apareça qualquer sintoma.

Mas não pode, naturalmente, eliminar a possibilidade de que a doença surja entre duas consultas. Por isso não basta o checkup anual. É necessário aprender os sete sinais ou sintomas mais importantes que podem significar câncer, e procurar logo um médico se êstes sinais se manifestam e persistem por mais de duas semanas. (Ver quadro ao lado). Se o sintoma é sangue na urina, ou corrimento vaginal entre os períodos (nas mulheres jovens) ou depois da menopausa (nas mulheres mais idosas), nem se deve esperar duas semanas: o melhor é ir imediatamente ao médico.

Agora uma advertência: nenhum dos sinais quer dizer **necessàriamente** câncer. Pode tratar-se de uma coisa sem importância. E mesmo se fôr um tumor pode ser de tipo benigno. Só um exame médico poderá confirmar se se trata de câncer ou não. O importante é agir com rapidez. A demora é fatal; o câncer nem sempre.

Como é diagnosticado

Além dos sinais de perigo já mencionados, há sinais que só um médico pode perceber, por meio de um exame físico completo. Geralmente o médico começa por verificar coração, pulmões e aparelho digestivo. Toma amostras de sangue e urina para estudo microscópico. Inspeciona as superfícies do corpo e tôdas as áreas fàcilmente acessíveis a tumores ou lesões. Examina as regiões onde se encontram os nódulos linfáticos. Pressiona suavemente o abdômen para sentir se existe alguma anormalidade no tamanho ou forma dos órgãos internos. Depois de pôr luvas nas mãos, examina o reto, podendo usar ainda um aparelho chamado proctoscópio para inspecionar a parede retal. Esta verificação é indispensável se se quer mesmo descobrir uma possível presença de câncer. Nos homens, é imprescindível também o exame da próstata. É desejável ainda, como parte de uma verificação de rotina, uma radiografia do tórax.

Nos exames de câncer em mulheres, o médico presta atenção especial aos seios e aos órgãos reprodutivos. Nenhum **checkup** de câncer em mulher é completo sem um exame pélvico no qual o doutor inspecione o colo uterino e o aparelho vaginal. E deve incluir normalmente um exame conhecido como teste vaginal ou **Pap teste**, assim chamado por causa do médico George Papanicolaou, que primeiro o desenvolveu. Êste teste consiste no estudo microscópico de secreções vaginais, para determinar se nelas existem ou não células cancerosas, mesmo que um crescimento canceroso no útero esteja apenas começando. O teste vaginal é o principal responsável pelo maior declínio de mortalidade por câncer nos últimos tempos; a queda da taxa de morte por câncer do útero. Os médicos até acreditam que, se tôdas as mulheres fizessem êsse teste duas vêzes ao ano, a morte por câncer uterino poderia ser quase inteiramente eliminada.

OS SETE SINAIS DE PERIGO

Procure seu médico imediatamente se você tiver qualquer um dêstes sintomas por mais de duas semanas:

1. Perda de sangue ou supuração fora do comum.
2. Um caroço ou inchaço no seio ou em qualquer outra parte.
3. Uma ferida que não cicatriza.
4. Mudança nos hábitos do intestino ou da bexiga.
5. Rouquidão ou tosse.
6. Má digestão ou dificuldade em engolir
7. Mudança numa verruga ou sinal.

Metade de todos os cânceres já podem ser curados — SE descobertos cedo e tratados prontamente.

Ao fim do exame, se o médico suspeita de câncer, pode sugerir ao paciente testes adicionais. Por exemplo, exames de raios-x.

Mas para o diagnóstico final, o médico não dispensa uma biopsia: o exame microscópico de uma amostra do tumor. Um diminuto pedaço do tecido suspeito é obtido e examinado ao microscópio por um patologista especialmente treinado. A biopsia é admitida por todos os especialistas como o único meio de determinar a natureza do tumor com completa segurança.

Se o diagnóstico é câncer, que acontece então?

Como é o tratamento

Até hoje existem apenas três meios de curar o câncer: removendo-o completamente por meio de operação, desturindo-o com radiações, ou — em certos casos especiais — tratando-o com quimioterapia.

Cirurgia é o mais antigo e ainda o melhor método de tratamento. Os antigos egípcios e gregos faziam operações cruéis em tumores superficiais, e usavam cáusticos, como óleo fervendo ou ferro em brasa, no esfôrço de destruir crescimentos anormais. Podem ter tido sucesso com pequenas lesões na superfície do corpo. Mas o tratamento com êxito do câncer, como é conhecido hoje, só começou nos fins do século passado. A partir de então, contínuos avanços no estudo da anatomia humana, nas técnicas cirúrgicas e nos conhecimentos sôbre assepsia e anestesia têm tornado as operações cada vez mais fáceis e seguras. A grande dificuldade para o cirurgião é extrair o tumor completamente e sem causar dano sério ao organismo. Isso pode tornar-se impraticável nas fases avançadas do câncer.

Os raios-x foram descobertos em 1895 e o elemento rádio em 1898. Poucos anos depois, verificou-se o fato curioso e promissor de serem as células cancerosas mais vulneráveis do que as sadias à ação dos raios-x e do rádio. Daí a dedução de que uma aplicação dosada de raios permitiria destruir ou danificar severamente as células cancerosas sem afetar sèriamente as células normais. Mas apareceu um problema: freqüentemente a dose requerida para matar o câncer provocava também dano permanente nos tecidos normais em tôrno. Isto continua a ser a principal limitação ao uso terapêutico das radiações.

Um dos métodos encontrados para limitar a área irradiada é o tratamento com a bomba de cobalto radiativo, que produz menos efeitos indesejáveis nos tecidos normais. Outro, recentíssimo, é a aplicação do raio **laser**, que pode se concentrar num ponto extremamente diminuto. É ainda um problema, no entanto, atingir com raio **laser**, sem prejuízos involuntários, regiões mais profundas. Para estas, o nôvo processo é implantar pequenas cápsulas ou agulhas ocas, com substâncias radiativas, no tecido canceroso, para destruí-lo. Outras substâncias radiativas podem também ser introduzidas nas cavidades do corpo ou administradas pela bôca ou pela veia.

Alguns cânceres podem ser curados por radioterapia, mas em muitos casos isto apenas destrói ou detém a doença na região atingida pela radiação, e o paciente tem de voltar para tratamento quando as células malignas que não foram atingidas começam a se multiplicar. Algumas vêzes, para tornar mais efetivo o tratamento, combina-se radiação com cirurgia.

Drogas para tratar câncer existem há 25 anos. Hoje, milhares de cientistas no mundo inteiro estão tentando desenvolver agentes químicos que possam seletivamente destruir as células cancerosas sem afetar as células normais. Já produziram substâncias que destroem todos os cânceres em animais-cobaias. É razoável, portanto, esperar que algum dia, finalmente, será descoberto o remédio contra o câncer. Por enquanto, nenhuma droga cura o câncer em sêres humanos. Mas já são conhecidas algumas que freiam o crescimento canceroso, aliviam as dores e prolongam a vida do paciente.

Um tratamento relativamente recente é a administração de hormônios. Os hormônios são substâncias produzidas pelas glândulas de secreção interna do corpo e alguns podem ser fabricados artificialmente. Homens que sofriam de câncer da próstata apresentaram melhora depois de tratados com hormônios femininos. Em mulheres jovens, o câncer do seio pode muitas vêzes ser retardado por doses de hormônio masculino. E compostos semelhantes à cortisona, uma espécie de hormônio, têm controlado temporàriamente a leucemia.

Exceto a cirurgia nas fases iniciais da doença, nenhuma forma de tratamento já conhecida parece totalmente eficaz contra o câncer.

Infelizmente, diagnóstico precoce e tratamento imediato não são sinônimos de câncer curável. Ainda não é possível diagnosticar em tempo algumas modalidades de câncer e outras, mesmo se descobertas, ainda não se sabe como curar. Por isso, o meio mais seguro de nos livrarmos do câncer é evitar contraí-lo. No momento, não é possível prevenir tôdas as espécies de câncer. Mas já sabemos o suficiente para tomar medidas preventivas contra certos tipos de câncer, alguns dos quais são exatamente os menos curáveis.

Os raios-x, por exemplo, tão valiosos no diagnóstico e tratamento de certas doenças, podem causar câncer se a radiação é excessiva. É preciso, pois, usá-los com cuidado.

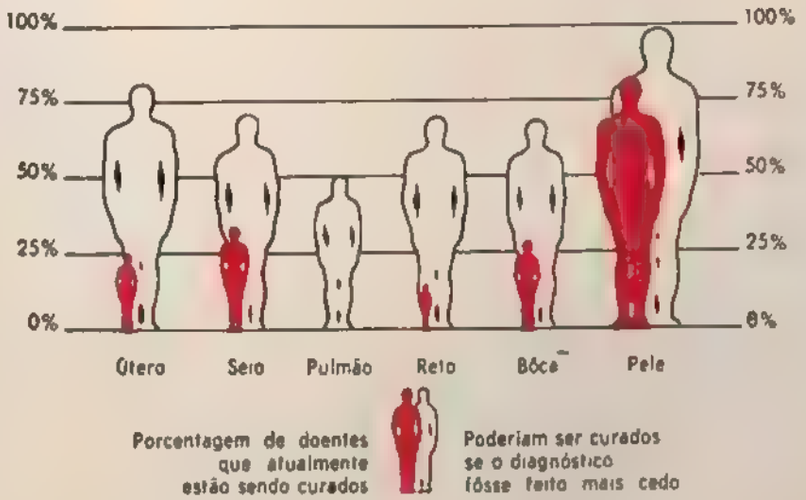
Constante e exagerada exposição à luz solar pode provocar câncer da pele, sobretudo em pessoas mais claras.

O fumo demasiado de cigarros também pode causar câncer. Numerosas pesquisas convenceram a maioria dos cientistas de que o cigarro é o fator principal no câncer do pulmão, câncer que mata mais homens do que qualquer outro tipo. Está claramente demonstrado que quanto mais cigarros se fumam, maior é o risco de câncer do pulmão. Isto nos leva a um aspecto interessante da prevenção do câncer. Um cientista calculou que 70% dos cânceres podem ser evitados.

Uma linha de pesquisas cheia de promessas foi a que levou alguns cientistas a reconhecerem que o câncer não é um crescimento independente dentro do organismo. Parece que, com ajuda química, o corpo pode ser mobilizado para lutar contra o câncer. Embora extremamente raros, já foram inclusive observados casos de pacientes que se recuperaram espontâneamente, sem nenhum tratamento, o que sugere a existência de alguma defesa natural contra a doença, ainda não conhecida. Teriam certas pessoas uma imunidade natural contra o câncer? O organismo poderia ser ajudado a produzir esta imunidade? Êste é o objeto de ativa e apaixonante pesquisa, e os cientistas têm esperança de encontrar um fator de imunidade em certos indivíduos que não existe nos pacientes de câncer. Talvez então se torne possível realizar o sonho mais ardente e arrojado da medicina moderna: descobrir a vacina contra o câncer.

Mas enquanto isso não acontece, urge assumir uma atitude construtiva diante do câncer e com o conhecimento e recursos de que dispomos, por meio de diagnóstico precoce e pronto tratamento, salvar tantas vidas quantas já sejam possíveis. Isto é: um em cada dois pacientes. FIM

A CURA DO CANCER PODE SER MUITO MAIOR



É possível curar muito mais doentes do que hoje se consegue curar. Tudo depende da rapidez com que a doença é descoberta.

Afinal, como é o homem que se esconde atrás do Presidente?

ÊSTE É O HUMBERTO

Texto de
Luiz Fernando Mercadante

O homem chegou de mansinho, com muita simplicidade. Ia passando, lembrou do aniversário da parenta e pensou em subir ligeiramente para cumprimentá-la. Encontrou o apartamento cheio de convidados. Foi entrando, meio sem jeito, e acabou tomando conta da festa. Todos queriam vê-lo de perto. Foram chegando, fizeram uma roda grande. Passou uísque, não quis, vieram refrescos, tomou de caju. Tentaram fazê-lo falar sôbre administração pública, planejamento econômico e reforma política. Não disse que sim nem disse que não. Sorriu, comentou um filme em cartaz, lembrou artes dos netos e acabou contando uma anedota. Esta: "Após a visita do General De Gaulle ao Brasil, decidi presenteá-lo e, para isso, escolhi um automóvel de fabricação nacional. Enviei-lhe um Volkswagen. Dizem que o General gostou muito, pelo menos até a hora em que foi experimentá-lo e, apesar dos muitos esforços, não conseguiu entrar no veículo, extremamente pequeno para o seu avantajado tamanho. De Gaulle, então, um tanto aborrecido, apressou-se em me mandar um bonito cachecol como retribuição." Aproveitou os risos, ergueu-se e iniciou as despedidas. Um garôto correu na frente para avisar o motorista: "O Presidente já está descendo." No elevador, o casal tomou um susto.

— Puxa vida! O que é que o Castelo Branco anda fazendo por aqui a esta hora?

Em um minuto, afundado no banco traseiro do Mercedes prêto, de chapa particular, sem batedores, nem sirenas — despercebido, como gosta de andar — lá vai, rumo ao Palácio Laranjeiras e ao seu mundo oficial, o Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Na ensolarada manhã de domingo que sucedeu à sua eleição, o Presidente saiu de casa cedinho, com uma braçada de cravos vermelhos, e foi ao cemitério de São João Batista depositar as flôres no túmulo de sua mulher, dona Argentina, que falecera havia oito meses. De mês em mês repete essa visita e, há pouco, encontrando uma família amiga à porta do cemitério confessou:

— Desde que perdi minha espôsa me sinto um homem muito só.

Certamente é essa solidão que dá um ar vagamente triste a êsse homem baixinho, de 65 anos de idade, feioso, e tímido, capaz de exercer a Presidência da República com a segurança de quem recebe, apenas, uma promoção a mais em sua carreira. Sabe alternar a carranca com um ligeiro sorriso, ou assumir o ar neutro das pessoas formais. Tem os polegares curtos, marca das pessoas teimosas, e a expressão determinada de quem sabe o que está fazendo. Seus ternos, escuros e bem talhados, lhe assentam melhor que a farda aposentada. A faixa presidencial teve de ser apertada para lhe servir bem. Seus óculos estão sempre onde êle os procura: no bôlso interior do paletó. São bifocais, usados para ver de muito perto ou de muito longe. Os cabelos estão embranquecendo. Sete vêzes avô, êle vai se transformando num velhinho simpático, que dosa a severidade com um pouco de bom humor e sabe que não é preciso ser chato para ser austero.

Um menino vive na noite do Presidente

A guarda formada, o cerimonial é obedecido à risca na chegada do Presidente.

Para governar o País, êle tem que se dividir entre Brasília, onde costuma passar os primeiros dias da semana, e o Rio, onde passa habitualmente os últimos. Senado e Câmara funcionam efetivamente em Brasília, mas há sempre articulações políticas a promover no Rio; os despachos, com os ministros, são efetuados quase que exclusivamente na nova capital, mas o centro da administração federal ainda não se deslocou da velha. E há, ainda, uma questão de eficiência:

— Em Brasília, são precisos dois dias para convocar uma reunião do Ministério. No Rio, bastam duas horas — explica o Presidente.

Lacerda nunca lhe tira o sono

No seu vaivém entre as duas cidades, Castelo Branco usa o mesmo **Viscount** que, desde Juscelino, faz uma espécie de ponte-aérea presidencial sôbre os 940 quilômetros que as separam. Nesses vôos escolhe sempre a mesma poltrona — do centro, à direita, junto à janela. E quando há um assunto urgente, trabalha como se estivesse em palácio. Lê processos que dependem de sua decisão, conferencia com o General Ernesto Geisel, chefe do seu Gabinete Militar, revê um discurso que vai pronunciar.

Num dia mais calmo, passa os olhos pelos jornais. Quando está muito cansado, tira uma soneca. De pijama e tudo. Há algum tempo, depois de uma dessas viagens, Lacerda lhe confessou:

— Quando falam mal de mim, Presidente, não como, não bebo, nem durmo. Castelo respondeu:

— Pois quando falam mal de mim, como, bebo e durmo muito bem; principalmente quando é o senhor que fala...

Sete horas da manhã é dia alto no Palácio da Alvorada, residência oficial do Presidente da República. Êle já saiu de um rápido banho de chuveiro frio, já fêz, êle mesmo, a barba e já tomou a primeira refeição: duas laranjas-lima, indispensáveis, uma fatia de mamão sem açúcar, café com leite, pão com manteiga — mais casca que miolo — e uma fatia de queijo.

Sete horas da manhã e êle está inteiramente composto, de paletó e gravata, trabalhando no gabinete ao lado do quarto de dormir, sentado a uma escrivaninha preta, coberta de papéis e livros, e assistido por uma pequena imagem branca de Nossa Senhora. Ali, gosta de se deter estudando problemas que exigem alguma meditação. Se nesse momento seu humor estiver excepcionalmente bom, não será difícil ouvi-lo cantarolar baixinho, nem será surprêsa descobrir que a canção é aquela velha "Olé mulé rendera. Olé mulé rendá".

Oito horas da manhã, já saiu para o Palácio do Planalto, a sede do Govêrno. Há, então, uma alternativa: às vêzes, passa pela casa da filha, onde vai dar bom dia aos netos.

A chegada ao Planalto é solene, com guarda formada, toques de clarim, continências e hasteamento da bandeira presidencial, um pavilhão verde com as armas da República. Entra pela frente, onde há uma rampa, com turistas sempre tentando fotografias. Antes de Castelo, os presidentes preferiam entrar, e principalmente sair, pelos fundos. Êle não. Fêz questão de restaurar a esquecida cerimônia que deve cercar a chegada e a saída do Presidente, como que para reimprimir ao cargo um tom de dignidade quase esquecido.

Cercado por auxiliares, que o recebem à entrada, o Presidente sobe diretamente para o terceiro andar, onde está o gabinete de trabalho que êle, volta e meia, troca por uma sala de visitas. Costuma receber as pessoas de pé, no centro dessa pequena sala, indica uma poltrona ao visitante e senta-se diretamente em frente. Ouve mais do que fala; pergunta mais do que responde; oferece um cafèzinho enquanto toma um gole de água gelada; e vai ficando de pé, assim que o assunto está para se esgotar.

Até o meio-dia recebe três parlamentares, um governador que se despede, despacha com dois ministros, lê um resumo dos jornais do dia e um boletim do seu olheiro, o Serviço Nacional de Informações. Revê a agenda para a tarde e, não tendo nenhum compromisso extraordinário, retorna ao Alvorada para o almôço.

O almôço é simples e, não havendo convidados, é compartilhado por seu ajudante de ordens, ou algum outro oficial do Gabinete Militar. O cardápio é comum, na base de arroz, filé de peixe ou um bom bife, salada de legumes, laranja e pudim de caramelo. Água é bebida oficial, ainda que seus acompanhantes tenham direito a um copinho de cerveja. Vinho só em ocasiões especiais, para convidados importantes. E vinho nacional, que as determinações nesse terreno são expressas.

Sempre que possível, após o almôço há uma ligeira caminhada pelos terraços do Alvorada e meia hora de repouso. Quando está calor, êle substitui o terno pesado por um leve, mas também escuro. Seu guarda-roupa vai do cinza forte ao prêto. Escuras, também, são as gravatas.

Às vêzes precisa fugir da polícia

É hora de voltar ao Planalto. O Presidente parece ligeiramente curvado quando caminha para o Mercedes prêto, chapa 1, da Presidência da República, que está estacionado diante do Palácio. Acompanham-no apenas um major e um capitão.

O cortejo parte barulhento, seguido de perto por um JK que leva os policiais encarregados de proteger a vida do Presidente. Quatro homens da Polícia do Exército (um dêles atira, e acerta, em caixa de fósforos a 40 metros) são encarregados da cobertura rotineira. No Rio, às vêzes, êle dribla essa proteção e dá suas fugidas, solitário. Brasília, entretanto, é suficientemente pequena para que êsses agentes não percam o Presidente de vista.

A menos que o mais querido dos seus netos, João Paulo, esteja por perto. Então, o protocolo suporta docemente o arranhao.

Enfim, há que zelar pela vida dos poderosos, e o homem que está sendo protegido é o mais poderoso da República.

Só êle pode promulgar leis, vetar projetos, nomear e demitir ministros, celebrar tratados e convenções internacionais, declarar a guerra e fazer a paz. É o comandante das Fôrças Armadas, o proponente do orçamento nacional, o representante do País diante das nações estrangeiras e o condutor máximo da política econômica e social.

Para executar o trabalho, que lhe toma os dias e até as noites, que não lhe poupa sequer os fins de semana e lhe exige permanente atenção, êste homem recebe 2.455.000 cruzeiros de subsídios mensais, mais um milhão de verba de representação. O que é pouco, em comparação com os vencimentos de diretores de grandes emprêsas. E não há emprêsa tão grande quanto a sua.

As tardes de Brasília não são muito diferentes das manhãs. Os despachos e as audiências se sucedem e o dia de trabalho vai sendo cumprido. O Gabinete Civil — uma espécie de secretaria política e administrativa — leva ao Presidente a correspondência selecionada. Há convites de estudantes do Paraná que querem fazê-lo paraninfo, de uma associação comercial que deseja homenageá-lo com um almôço e de um governador para a inauguração de uma exposição de gado. Aceita os três.

— O Presidente gosta de atender convites, de visitar lugares, de conhecer pessoas. Enfim, gosta de tomar contato com as diversas regiões e conhecer-lhes de perto os problemas — afirma o chefe do Gabinete Civil, o escritor baiano Luís Viana Filho.

Viana está na chefia do Gabinete Civil desde o início do govêrno e chegou ao cargo pelo telefone. Não conhecia o Presidente pessoalmente, nem sabia que amigos comuns tinham indicado seu nome a Castelo Branco. Quando o Marechal telefonou, com o convite, chegou até a duvidar por um instante.

— Mas tomei fôlego e aceitei — diz com um sorriso.

A tarde se esvai e o telex não pára. O volume de comunicações expedidas e recebidas — principalmente com o Rio — dá a exata medida da agitação do dia. Uma vez o Presidente desabafou:

— Êsse telex é um dos personagens mais importantes do Govêrno.

São 20 horas quando o Presidente deixa o Planalto. E o telex continua matracando.

Da manhã o neto, à noite Bach

Só por um momento, em todo o dia, o Presidente esquecera a República. Recebia o seu assessor especial para assuntos econômicos, quando tirou os óculos, fêz que ia limpá-los, e perguntou interessado:

— Como está o João Paulo?

— Melhor, felizmente a febre já cedeu.

João Paulo é o neto predileto, um garôto de seis anos, capaz de transformá-lo, em um minuto, no mais terno dos avós. E o assessor que está diante dêle é o seu genro, o economista Salvador Diniz.

Das notícias da gripe vencida êles passam ao exame de um gráfico.

Quando o economista vai saindo, porém, o avô renasce interessado:

— Passo lá amanhã cedo para ver o garôto.

Essa preocupação pela família é constante e o Presidente a manifesta a qualquer hora e em qualquer circunstância. Uma vez, no Palácio das Laranjeiras, em meio a importante reunião com seus Ministros Roberto Campos e Otávio Bulhões, repentinamente interrompeu a conversa, pegou no telefone e ligou para sua empregada:

— Olha, prepara um curau com o milho verde que me mandaram ontem; vamos levá-lo para Brasília ainda hoje e servir pra turma.

O Alvorada espera-o iluminado, com um jantar tão simples quanto o almôço. Hoje não há visitas e às 21 horas êle já está em seus aposentos particulares.

A televisão está quebrada e não lhe faz companhia. Mas há sonatas de Bach empilhadas numa vitrola que vai tocando sem parar. É então que passa os olhos nos jornais do dia. Depois lê um capítulo do **Senhor Embaixador**, de Érico Veríssimo. Mas logo se lembra que tem um memorial de industriais paulistas para examinar. Troca o livro pelo calhamaço reivindicatório e encerra a noite fazendo uns apontamentos em sua escrivaninha. Ainda quando se deita, Bach incansável continua girando na vitrola.

Nessas noites de Brasília, antes que o sono chegue, êle costuma "retornar às suas origens" lembrando passagens da infância, dos dias despreocupados em que corria descalço pelo engenho do avô, onde os empregados gostavam de lhe dar bom dia e o chamavam carinhosamente de "menino Humberto".

Menino Humberto nunca teve mêdo de escuro. Levantava bem cedo, caneca na mão, e se despachava para o curral. Quando os vaqueiros chegavam para a ordenha já encontravam o menino sentadinho ao lado da vaca. Uma vez apostou com um dos irmãos:

— Vamos ver quem consegue encher uma caneca primeiro?

Ganhou fácil: passara uma semana treinando em segrêdo.

Os dias calmos do engenho São Cristóvão, em Mecejana, pertinho de Fortaleza, no Ceará, não eram tão calmos assim. Havia sempre uma lata amarrada no rabo de um cachorro, um gato miando estropiado e engenhosas armadilhas de apanhar passarinhos. Por trás disso tudo havia menino Humberto, com seus olhos brilhando e o mesmo ar encabulado que carrega até hoje. Em tôrno da simplicidade da casa grande, menino Humberto cresceu brincando de pé no chão. Dali escapava para banhos de açude e intermináveis correrias entre os canaviais.

Volta e meia era surpreendido a brincar de soldado. Subjugava exércitos com sua espadinha de pau. Tinha seis anos quando a mãe lhe perguntou:

Não é de admirar que a técnica moderna tenha criado Nycron, o tecido que não amarrota nem perde o vinco.

Afinal, o futuro está acontecendo.

NYCRON

um tecido SUBARTEX

Sua mulher não o viu como presidente.

Êle queria o máximo: chegar a capitão

— O que é que você quer ser quando crescer?

— Capitão — respondeu.

Foi além. Só que não cresceu muito.

Nascido a 20 de setembro de 1900, quarto entre os seis filhos de um piauiense oficial do Exército, o General-de-brigada Cândido Borges Castelo Branco, e de uma cearense filha de senhor de engenho, dona Antonieta de Alencar Castelo Branco, Humberto foi o único entre os três irmãos homens a seguir a carreira militar. Continuava, assim, uma tradição de família que remonta ao ano de 1693, quando se instalou no Brasil o Capitão-de-infantaria do Exército Português, d. Francisco da Cunha Castelo Branco, de quem descende em oitava geração.

O menino que queria ser soldado fêz seus primeiros estudos no Colégio São Rafael, em Fortaleza, e no Colégio Aires Gama, em Recife. Quando seu pai foi servir no Rio Grande do Sul, ingressou na Escola Militar de Pôrto Alegre. Tinha, então, 12 anos de idade. Com 16, diplomou-se e seguiu para a Escola de Realengo, onde sentou praça como cadete. Com 18, transferiu-se para a Escola Militar de Aperfeiçoamento. E aos 21 anos era aspirante.

A imagem que deixou como estudante, desde o primário até as escolas militares, foi a de um aluno muito aplicado, correto e dedicado aos estudos. Tinha boa letra, encapava todos os livros, era taco em línguas, gostava de História e Geografia, enfrentava bem a Matemática e era sempre dos primeiros da turma.

Em Pôrto Alegre, tomou parte na Sociedade Literária da Escola e acabou orador oficial. Fêz, então, seus primeiros discursos de improviso e declamou algumas poesias em público. Sabia meio Castro Alves de cor, assim como trechos inteiros de José de Alencar, de quem é parente pelo lado materno. Foram seus colegas nessa sociedade literária, entre outros, os generais Costa e Silva, Décio Escobar, Riograndino Kruel, Gabriel Mena Barreto e Amauri Kruel.

Mas êsses tempos de sociedade literária passaram e o ano de 1922 foi encontrá-lo em Belo Horizonte, jovem segundo-tenente, servindo no 12.º Regimento de Infantaria.

Quarenta e seis anos de vida ativa no Exército constituem seu passado de soldado, um soldado que se destacou alcançando tôdas as promoções por merecimento e que, durante tôda a sua vida militar, alternou comandos.

De tôda essa fôlha de serviços, pontilhada de condecorações e elogios, o que Castelo Branco recorda com mais orgulho é sua atuação nos campos da Itália, onde exerceu a chefia da 3.ª seção do Pôsto de Comando Avançado da Fôrça Expedicionária Brasileira. Era, então, um jovem tenente-coronel disposto a colocar em ação seus conhecimentos táticos e habilidade de estrategista. E fêz-se logo conhecido, não só pela oficialidade brasileira, como também pelo comando do IV Corpo do Exército Norte-Americano. Principalmente depois de uma certa noite: os aliados sofriam um forte bombardeio, e o General Walters, que servia no mesmo comando do Tenente-coronel Castelo, acordou sobressaltado. Já ia correr para o abrigo, quando notou que seu companheiro dormia profundamente. Sacudiu o Tenente-coronel Castelo e perguntou-lhe:

— O senhor não vai para o abrigo?

O Tenente-coronel respondeu tranqüilamente:

— Não, estou ótimo aqui.

E virou-se para o outro lado, pegando no sono imediatamente.

O General não teve outro remédio: enfiou-se novamente no seu saco de dormir e tratou de rezar.

Também não foi preciso muito tempo para os pracinhas descobrirem que aquêle pequeno Tenente-coronel — tão desajeitado dentro do uniforme de campanha que até ganhara o apelido de **Gafanhoto** — tinha que ser respeitado. Êle vivia na linha de frente, fazendo perguntas e colhendo dados. As informações eram levadas para a prancheta de trabalho. Ali, onde seus lápis vermelhos e azuis corriam pelos mapas, era planejada a ação.

— Agora a coisa vai esquentar — diziam os pracinhas. O **Gafanhoto** perguntador passou a manhã inteira por aqui atrás de novidades.

E esquentava mesmo.

Foi assim em Monte Castelo, cujo ataque êle planejou enquanto ouvia discos de ópera em sua vitrolinha; em La Aserra, quando coordenou a resistência aos alemães que pretendiam retomar Monte Castelo; em Montese, quando planejou a ruptura das linhas alemãs, e a conseguiu em poucas horas, permitindo que as tropas mecanizadas aliadas se lançassem na brecha aberta pelos brasileiros rumo ao Vale do Pó; no próprio Vale do Pó, onde jogou um esquadrão de reconhecimento como ponta de lança dos aliados; e em Colechio Fornovo, quando êsse esquadrão de reconhecimento, cumprindo suas determinações, aprisionou uma divisão alemã inteirinha e parte de uma divisão italiana.

O grupo dos cinco

Castelo Branco faz parte de um grupo de cinco militares, que há longos anos age em sintonia, que desempenhou papel importante na articulação do movimento contra Goulart e que continua estreitamente vinculado funcionando em linha bem combinada. Todos foram ligados à Escola Superior de Guerra e sua amizade é cimentada por longos anos de convívio. Estão tão articulados que a palavra do Presidente representa o pensamento dos cinco e quem bulir com um dêles terá, certamente, os outros quatro pela frente.

Ao lado de Castelo Branco, formando êsse grupo de cinco, estão os generais Cordeiro de Farias, Juraci Magalhães, Golberi do Couto e Silva e Jurandir de Bizarria Mamede.

Cordeiro é Ministro do Interior, uma espécie de agente especial e direto do Presidente da República usado para enfrentar crises estaduais e para atacar problemas que vão desde uma onda regional de desemprêgo, como aconteceu no Nordeste, até a calamidades públicas, como nas inundações do Rio Grande do Sul.

Juraci, depois de ter sido Embaixador do Brasil em Washington, voltou para assumir o comando da articulação política do Govêrno como titular do Ministério da Justiça e depois passou para o Ministério das Relações Exteriores.

Golberi é o diretor do Serviço Nacional de Informações. É através de seu trabalho que o chefe da Nação toma, dia a dia, o pulso do País, região por região, em tôdas as áreas. Na área política, na militar, na sindical e até nos movimentos de opinião pública. Dizem as más línguas que o SNI não funciona às segundas-feiras, dia em que não circula a maioria dos jornais. Pelo sim ou pelo não, o certo é que o Govêrno dificilmente é surpreendido pelo inesperado.

Mamede é, entre todos, talvez o menos conhecido.

O polegar é curto; marca dos teimosos.

Êle não fuma, não bebe, só joga xadrez

Foi chefe do Comando Militar da Amazônia e de lá veio para comandar a Vila Militar. Seu nome andou pelas manchetes quando dois presidentes — Carlos Luz e Café Filho — foram derrubados porque não quiseram puni-lo. Havia, então, feito um discurso contra a posse de Juscelino. É discretíssimo e talvez o mais ligado ao Presidente.

De qualquer forma, o destino do País está muito perto dêsses cinco homens. Mas o pêso real recai naquele que reuniu sempre a opinião unânime dos seus companheiros:

— O Castelo — diziam êles — daria um ótimo Presidente.

E quando os governadores, os políticos e os militares, integrados na Revolução, procuravam um nome que conciliasse tôdas as tendências para ocupar a Presidência da República, Cordeiro, Juraci, Golbery e Mamede trabalharam o nome do seu companheiro, daquele general que na chefia do Estado-Maior do Exército foi peça importante em tôda a conspiração e um dos chefes mais silenciosos do movimento. Assim, aquêle general deixou o Exército. Passou para a reserva, no pôsto de marechal, e assumiu o primeiro pôsto civil de sua vida: a Presidência.

Quando na tarde de 15 de abril de 1964, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco entrou no Congresso Nacional para tomar posse na chefia do Govêrno, decepcionou, sem saber, a três jornalistas russos que assistiam à cerimônia. Os russos esperavam-no fardado, dependurado em quilos de condecorações e arrastando uma espada pelo chão, no melhor modêlo latino-americano. O homem sereno e determinado que entrou em passos seguros, vestindo o mais paisano dos ternos de passeio, contrariava a previsão.

— Que pena — comentou o representante do **Pravda** — o homem está até de colête.

Vinte e duas vêzes seu discurso de 14 minutos foi interrompido por palmas. Dificilmente outro militar conseguiria dar um tom tão civil à oração de posse:

— Nunca um só homem precisou tanto da compreensão, do apoio e da ajuda de todos os seus concidadãos. Venham a mim os brasileiros e irei com êles para, com o auxílio de Deus e com serena confiança, buscar os melhores dias, os horizontes do futuro.

Antes da posse, espontâneamente, êle apresentou a declaração de seus bens; um apartamento em Ipanema, um Aero-Willys 61, 2,5 milhões de cruzeiros em ações e um jazigo perpétuo no cemitério São João Batista.

Naquela casa de pedras do bairro da Floresta, em Belo Horizonte, mora um dos poucos homens capazes de tratar o Presidente pelo primeiro nome e abraçá-lo sem nenhuma cerimônia. Ali, sabem todos os vizinhos, reside o comendador Artur Viana, respeitado comerciante de máquinas agrícolas, um homem que já caminha para os 80 anos. Ali, sabem até as crianças, mora o sogro de Castelo Branco.

Nessa tarde, o comendador está preocupado com o preço e o sumiço da carne.

— Preciso falar com o Humberto. Onde já se viu uma coisa dessas? O Humberto tem que dar um jeito nisso.

O comendador fala em seu genro com grande carinho:

— Êle viveu sempre voltado para a família, construiu um lar muito feliz e levou sempre uma vida exemplar ao lado de minha filha. Mesmo agora, viúvo e presidente, êle vem me abraçar quando passa por Belo Horizonte. Em 26 de abril, então, dia do meu aniversário, êle aparece com certeza.

O casamento de Castelo Branco o sogro recorda em detalhes.

— Foi em 1922. Humberto era tenente. Minha filha era uma das môças mais bonitas da cidade. Veio muita gente para a cerimônia. O padrinho do Humberto foi o Amauri Kruel, representado pelo Jair Negrão de Lima. Quem ergueu o brinde aos noivos foi o Francisco Negrão de Lima.

Há uma ponta de saudade na voz de Artur Viana:

— Naquele tempo eu não imaginava que o Humberto fôsse dar em Presidente.

Castelo Branco e dona Argentina tiveram dois filhos: Antonieta, casada com o economista Salvador Diniz; e Paulo, casado com dona Nena Alvim. Paulo é oficial da Marinha e estava cursando a Navy Post Graduate School, em Monterey, Califórnia, quando o pai assumiu a Presidência. O govêrno norte-americano chegou a oferecer um avião para que êle viesse assistir à cerimônia. Mas foi o pai mesmo quem o aconselhou por telegrama:

— Fique aí, estudando, que é a sua obrigação.

Paulo já retornou ao Brasil e atualmente faz um curso na Marinha, no Rio, onde reside com a espôsa e três filhas. Heloisa, de 14 anos, Helena, de 12, e Cristina, de 9.

Quem mora em Brasília, perto do Palácio da Alvorada, é a família Salvador Diniz. O casal tem quatro filhos: Carlos Humberto, 17 anos, Maria Luisa, de 15, João Paulo, de 6, e Antônio Luís, de 3.

Dos sete netos, João Paulo é o que continua a empolgar o Presidente. E, apesar da pouca idade, já fala em ser soldado.

Há ainda os irmãos do Presidente. Dois homens. Cândido e Lauro; o primeiro, funcionário do Banco do Brasil há 33 anos e o mais velho de todos. Lauro, o caçula, foi diretor do Departamento de Arrecadação do Ministério da Fazenda. E há três mulheres: Lurdes, Nina e Beatriz.

De ôlho no fígado

Em família o Presidente é um homem simples e carinhoso, capaz de passar horas conversando com os parentes e que gosta de receber notícias até de primos distantes que não vê há tempos. Não fuma, não bebe. Mas é páreo numa partida de xadrez. Em futebol só torce pelo Brasil e tem simpatia por Pelé. Mas não é seu forte. Gosta mesmo é de balé, clássico e moderno, ou de um bom teatro. É católico praticante e não tem superstições. Já foi operado da hérnia, apêndice e vesícula. Teve um desvio no disco de uma vértebra e passou dois anos com um colête especial. A saúde, agora, anda boa, mas êle procura manter o pêso com cuidado, atento ao colesterol e de ôlho no fígado. Há pouco, seu médico militar, o dr. Tocantins, indicou-lhe um especialista de garganta. Tentou marcar hora pelo telefone:

— Aqui é o Presidente Castelo Branco. E eu queria marcar uma hora.

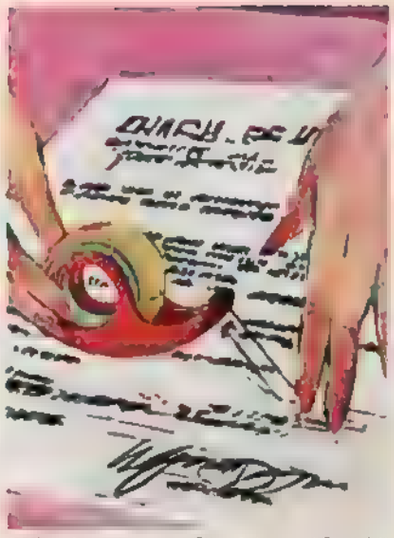
— Deixe de brincadeira — disse o especialista incrédulo. Não estou para perder tempo com engraçadinhos.

— Doutor, aqui é mesmo o Presidente.

O médico, do outro lado, começou a zangar feio. Castelo Branco não teve outro remédio: foi obrigado a pedir a um secretário que marcasse a hora. O que foi feito.

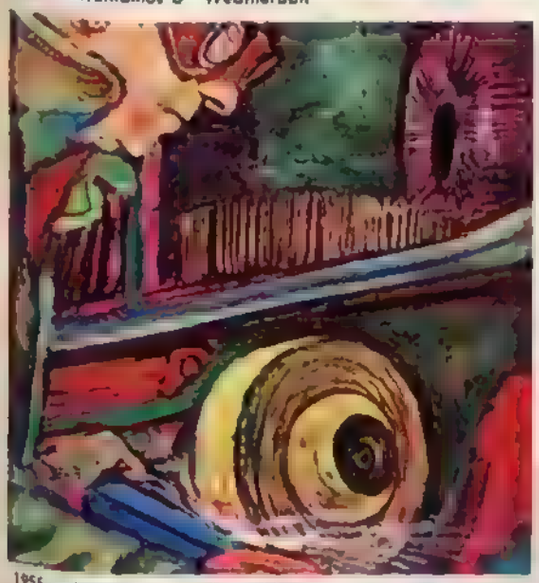
Com as coisas pessoais, êle é assim mesmo. Gosta de fazê-las sòzinho. Os bilheteiros dos teatros do Rio já sabem disso e não se surpreendem quando um homem igualzinho ao Presidente aparece diante do guichê e compra modestamente a entrada. É o próprio.

1959 - Inventamos o "Weatherban"

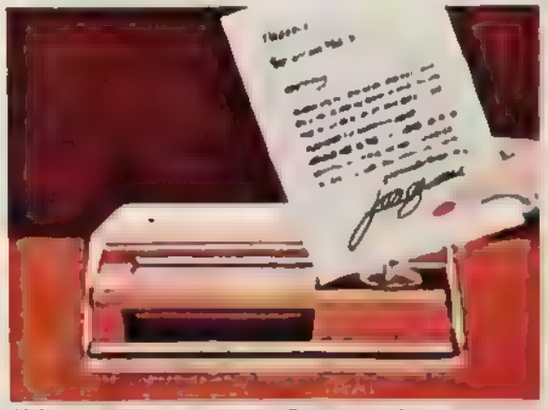


1930 - Inventamos a Fita Adesiva "Scotch"

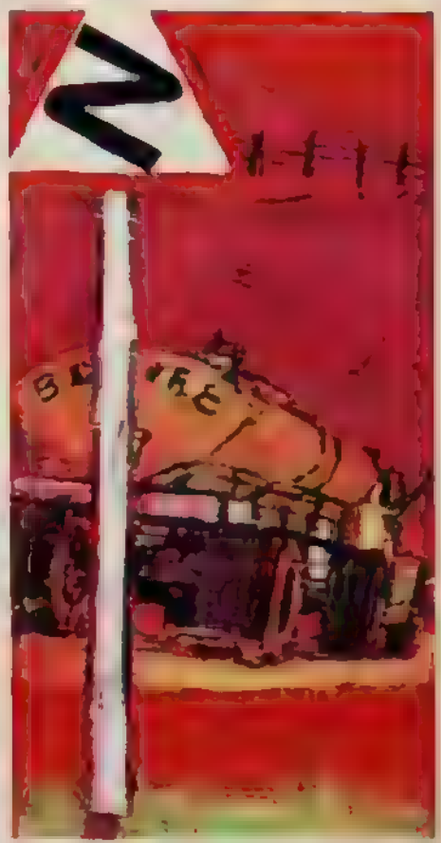
1957 - Inventamos o Video-Tape



1955 - Inventamos a "Roda PG"

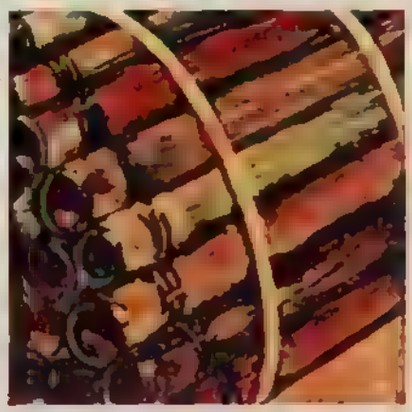


1947 - Inventamos a Máquina Copiadora "Thermo-Fax"



1940 - Inventamos o "Scotchlite"

1942 - Inventamos o "Undercoat"



1949 - Inventamos a Fita "Filamentosa"

DÊSTES PRODUTOS INVENTADOS PELA 3M QUAL O MAIS IMPORTANTE?

Uns dizem que é o Video-tape. Outros acham que é a Fita Adesiva Scotch. Os que usam abrasivos garantem que a Roda PG tornou tudo mais simples. Já as secretárias são francamente pela máquina copiadora Thermo-Fax. Mas, na verdade, todos êstes produtos e muitos outros inventados e industrializados pela 3M Minnesota Mining & Manufacturing Co., contribuíram para elevar o nível de confôrto e segurança de cada um de nós. Centenas de cientistas trabalham nos Laboratórios da 3M, numa pesquisa contínua, buscando sempre a descoberta de novos produtos. Até já se disse que a 3M é "Um Mundo de Novas Idéias". Isso nos causa orgulho. É a nossa filosofia de trabalho.

Fitas adesivas transparentes, coloridas, filamentosas e protetoras. Fecham, seguram e reforçam praticamente tudo. Fitas Industriais marca Scotch.

Fita adesiva com costado de papel e de grande resistência. Substitui com vantagens as fitas gomadas e de aço nas embalagens de exportação. Fita Scotch n.º 226.

Aparelhos automáticos e manuais, idealizados, para fechar, rotular, agrupar e reforçar embalagens com fitas Industriais marca Scotch.

3M MINNESOTA MANUFATUREIRA E MERCANTIL LTDA.

CAIXA POSTAL 22.060 — SÃO PAULO

A VIDA COMEÇA AQUI

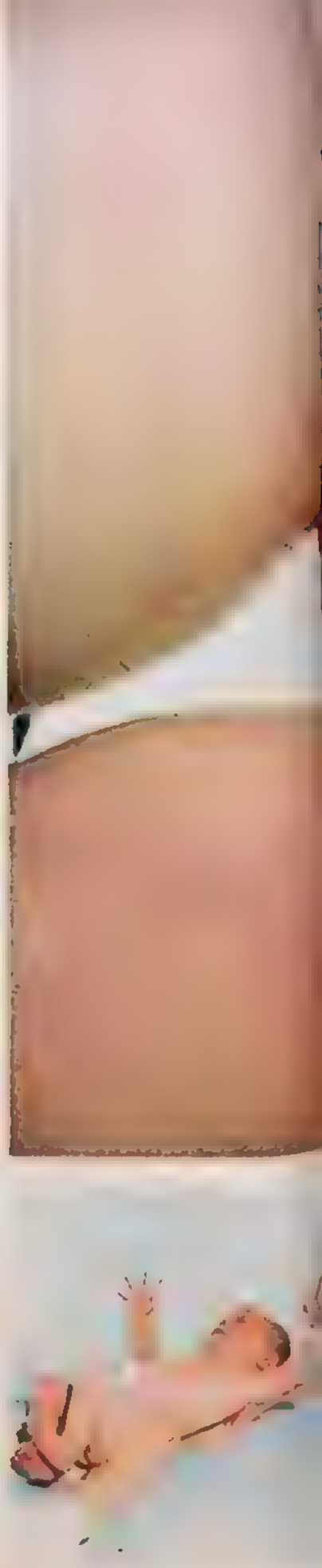
Êste bebê tem cinco segundos de vida. A primeira coisa que êle fêz foi chorar. Depois, moveu as mãozinhas em direção aos olhos, como que protestando contra um mundo tão cheio de luz. Reagindo assim, o bebê mostrou que é normal, que está pronto para começar a viver fora do útero materno. Os primeiros 12 meses de vida de um homem são contados nesta reportagem fotográfica de Robert Freson, feita em Londres. Ela registra a evolução de um ser humano, passo a passo. Do momento em que o cordão umbilical é cortado, até que, cambaleante, a criança fica em pé pela primeira vez. Êste trabalho dá seqüência à matéria que publicamos em nosso número 1, sôbre a vida antes do nascimento. Para acompanhar o crescimento dos bebês, os médicos observam sua postura, movimentos e reflexos, bem como seu comportamento em relação às outras pessoas, principalmente em relação à mãe. Depois, é feita uma comparação entre as reações do recém-nascido e as das crianças normais. Êsse tipo de cuidado médico é particularmente importante quando existe alguma suspeita de que o bebê — por dificuldades na hora do parto ou por herança recebida dos pais — possa ter algum problema ligado ao desenvolvimento cerebral. Outra coisa muito importante é saber que nada, *por si só*, pode indicar o progresso do bebê. Nem mesmo a rapidez com que êle aprende a sentar, falar ou andar, mostra maior ou menor inteligência. É o conjunto, a soma de tudo, que diz quando um bebê está se desenvolvendo bem. As fotografias desta reportagem dão uma orientação geral das etapas de crescimento dos bebês, acompanhando as fases pelas quais êles passam, mais cedo ou mais tarde, segundo o desenvolvimento de cada um.

SEGUE

1ª semana

Agarrando a vida

Um dos primeiros reflexos do recém-nascido é dobrar a perna, num movimento parecido com o de subir o degrau de uma escada. Para testar êste reflexo, os médicos encostam as pernas da criança à beirada de uma mesa: ela levanta uma perna, dobra o joelho e põe o pé em cima da mesa. Se há um obstáculo, ela tenta ultrapassá-lo.

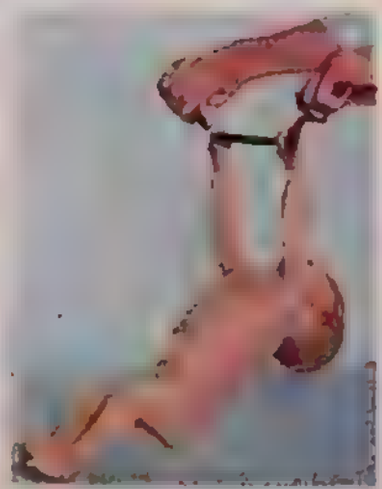


Quando um bebê é seguro pelas costas e pela cabeça, fica imóvel. Mas êle tem rápidos reflexos: se o médico solta a cabecinha, imediatamente o bebê levanta os braços e as mãos, como se tentasse evitar a queda. Êste comportamento desaparece no 2.º ou 3.º mês.

Bebê nasce sabendo mamar. Para êle, sugar o seio da mãe e engolir o leite é coisa natural, automática. Quando os lábios do recém-nascido entram em contato com o seio materno, êle abre a bôca e começa a sugar, sem que lhe tenha sido preciso ensinar ou ajudar.

Aos dois dias de vida, o bebê quase não controla a cabeça, quando o seguram nesta posição. Os braços e as pernas também ficam caídos e isto se chama **suspensão ventral**. Mais umas semanas (veja a página seguinte) e o bebê aprende a manter firme a cabeça.

Este é o **reflexo de pegar**, que o bebê já tem nas mãos e nos pés logo que nasce. É só encostar um dedo na palma da mão (ou na sola do pé) do recém-nascido para que êle o agarre imediatamente, com fôrça surpreendente. É possível até levantá-lo alguns centímetros.



Aqui também, um exemplo do reflexo de pegar. O bebê tem um dia de vida. Foi suficiente deslizar uma fita de pano entre suas mãos, para que elas se fechassem. Quando a fita foi levantada vários músculos entraram em ação, e o bebê manteve-se seguro ao objeto.

Se o canto da bôca do bebê fôr tocado levemente, o lábio inferior se abaixa, daquele mesmo lado, e a língua se move na direção do dedo. Êste é um dos mais importantes reflexos apresentados pelo bebê, fácil de ser observado na hora de mamar.

2 meses e meio

Levantando a cabeça

Todos os bebês nascem com o reflexo de andar, como se vê na foto ao lado. Basta segurá-lo assim, para que êle ensaie uns passinhos. Mas em geral, na terceira ou quarta semana de vida, o bebê perde êste primeiro reflexo (de andar). O da foto, entretanto, apesar de perfeitamente normal, guardou o reflexo de andar até dois meses e meio. Quando o recém-nascido sente algo sólido embaixo dos pés, suas pernas dobram-se e depois estendem-se, como se êle estivesse caminhando.

As posições adotadas pelo bebê acompanham o seu desenvolvimento. Logo que nasce, a criança geralmente fica, quando de bruços, com a cabeça para baixo e os joelhos dobrados. Mas, com dois meses e meio, o bebê já pode levantar a cabeça por alguns instantes.

Esta, novamente, é a **suspensão ventral.** Na primeira semana, o bebê deixava cair a cabecinha; agora pode às vêzes levantá-la e mantê-la na mesma linha da coluna vertebral. Aos três meses de vida, a criança normalmente pode ficar bastante tempo nesta posição.

Quando um bebê é levantado pelas mãos, na posição de sentar, geralmente a cabeça dobra-se para trás, formando ângulo com a espinha. No recém-nascido, a cabeça pende; com seis semanas, o ângulo é menor, para desaparecer aos cinco meses.

Compare a foto acima com a que mostra a mesma posição, na página anterior. Com três meses e meio, o bebê pode deitar-se numa posição mais **adulta**, com as pernas estendidas, o corpo sustentado pelos braços e a cabeça. Ele já vira a cabeça e observa as coisas.

Com alguma ajuda, já aos três meses, o bebê fica sentado com as costas razoàvelmente retas e a cabeça levantada. Mesmo assim, é comum a tendência de deixar a cabeça se inclinar para a frente, depois de algum tempo. Aos três meses o bebê já faz muitas caretas.

O primeiro reflexo instintivo de pegar desapareceu e, aos três meses e meio, o bebê ainda não aprendeu a **querer** pegar. As mãos, quase sempre fechadas durante o primeiro mês de vida, agora estão abertas e relaxadas, sem poder, entretanto, segurar os objetos oferecidos.

3 meses e meio

Ganhando fôrça

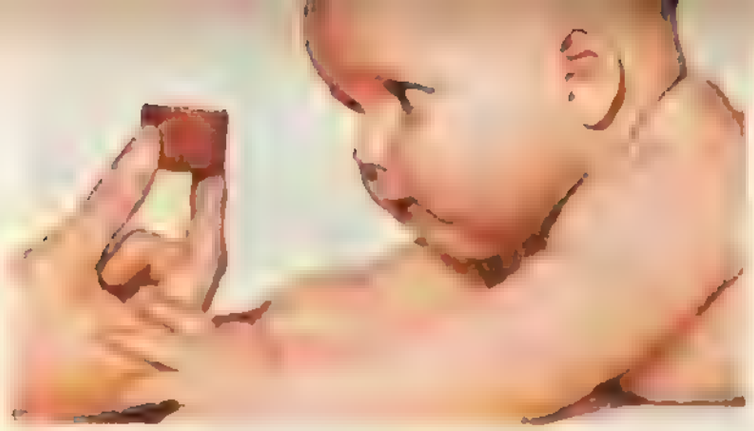
Esta menina está muito adiantada: quando a seguram pelos braços, ela se mantém firme nas pernas, embora o normal nesta idade seja a tendência a dobrar os joelhos. Isto mostra bem que não se deve comparar o desenvolvimento de uma criança com o de outra. SENAC

5/7 meses

Aprendendo a pegar

O bebê já sabe sentar-se, sem nenhum encôsto, mantendo as costas e a cabeça bem levantadas. Isto acontece em tôrno do sétimo mês de vida. E, dentro de algumas semanas, poderá, além de sentar-se, virar o corpo, esticando-se todo para apanhar os brinquedos.

Entre o sexto e o sétimo mês de vida, o sistema nervoso do bebê se desenvolveu tanto que êle agora pode levantar o corpo, apoiando-se nos músculos dos braços. E a **ginástica** se faz sem que a criança dobre os cotovelos.

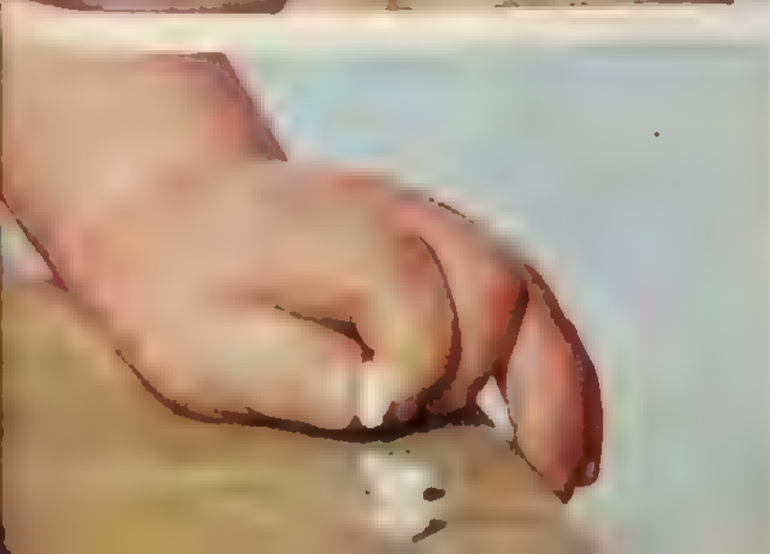


À direita, de cima para baixo: 1) Quando lhe dão um objeto, o bebê, de cinco a sete meses quer apanhá-lo, com as duas mãos em geral, para levá-lo à bôca. 2) Nesta idade, deitado de bruços, o bebê já pode manter levantada a cabeça, sem balançar; os olhos, que antes não se fixavam nos objetos, agora se firmam nas coisas; e o bebê começa a rir e a usar a voz com certa afirmação, repetindo sons como **dá, ba, bá.** 3) Brincar com os pés é passatempo comum, quando a criança está deitada de costas; como tudo o que segura, também os pèzinhos são levados à bôca. 4) Entre os sete e os dez meses, a criança é capaz de coordenar suficientemente as mãos, a fim de juntar dois cubos para compará-los. 5) Êste bebê, apesar de levar uma xícara à bôca, ainda não consegue beber sòzinho, o que só vai acontecer em tôrno do 12.º mês de vida.

7/10 meses

Imitando os sons

É no oitavo mês de vida, em geral, que o bebê passa a juntar as sílabas, **bá-bá, dá-dá, má-má.** Se a mãe entra na "conversa", a criança repete alguns dos sons que ouve. Para chamar a atenção, já aprendeu o efeito da tosse. Também já sabe gritar e escutar, para gritar de novo



Acima, à esquerda: desde pequenos, os bebês são ótimos imitadores; mas é no décimo mês, na maioria das vêzes, que começam a imitar os gestos, batendo palminhas, por exemplo. Acima, à direita: antes disso, no nono mês, aconteceu importante estágio na evolução da criança: é em geral nesta idade que começa a levantar-se, apoiando-se nos móveis, encostando-se nêles, ao mesmo tempo que aprende a engatinhar. Abaixo, à esquerda: controlando muito bem as mãos, o bebê de dez meses já sabe apanhar pequenos objetos. É capaz mesmo de segurá-los usando só as pontas do indicador e do polegar. EMOUX

Com cêrca de um ano, o bebê deixa de engatinhar, de se arrastar, e passa a se mover como um urso, antes que consiga se levantar sôbre os próprios pés. É aqui que êle começa a obedecer as ordens que lhe dão e entende bem o que quer dizer **não.** Seu próprio vocabulário, entretanto, é muito reduzido: uma ou duas palavras que fazem sentido. Mas o bebê já gosta de ver livros ilustrados, onde conhece os bichos e pode, se ensinado pela mãe, imitar-lhes o latido, miado ou mugido. Com 12 meses, o bebê já aprendeu muita coisa, que poderão fazer dêle um ser humano racional e responsável. Mas o último lance do seu primeiro estágio de vida é o instante em que, pela primeira vez, mesmo que seja por um só instante, êle fica de pé. FIM

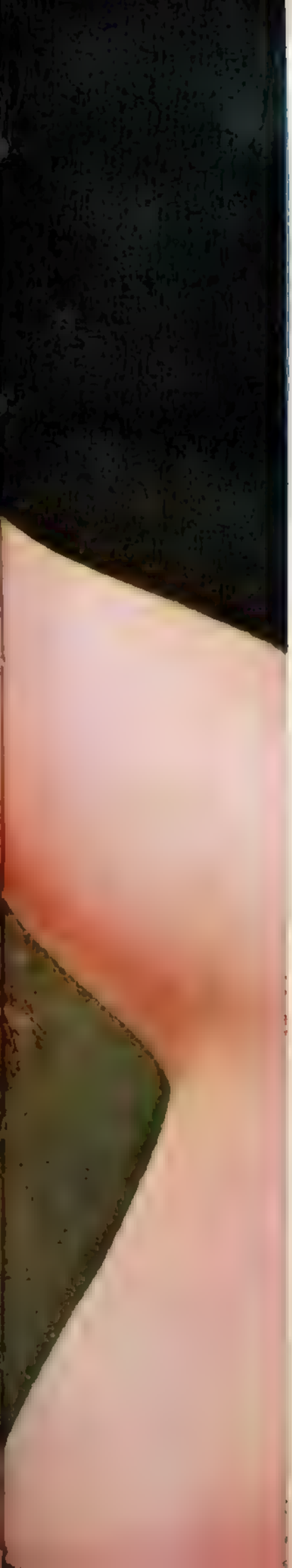
1 ano

Finalmente, de pé

Bellini, Gilmar, Nilton Santos, Flávio e Altair receberam 10 amostras da nova e revolucionária lâmina Gillette *Super* Azul

Sabe o que êles acharam?

Só teve um que não gostou: foi Altair.
Êle não recebeu a lâmina, porque mora longe.
(Não deu para o presente chegar a tempo.)
Depois de experimentar a Super Azul,
Bellini disse que nunca tinha visto lâmina tão suave.
Flávio bancou o espertinho. Disse que
a Super Azul era ótima. Mas que só podia
falar se a gente lhe mandasse mais
umas dez, para êle experimentar mais um pouco.
Gilmar disse apenas isto: "A Super Azul
é uma beleza! Parece até que não tem lâmina no aparelho"
Nilton Santos, depois de escanhoado "Fiquei dez anos mais moço!"



RECEITA DE MULHER

Poema de Vinícius de Morais

Fotos de Otto Stupakoff

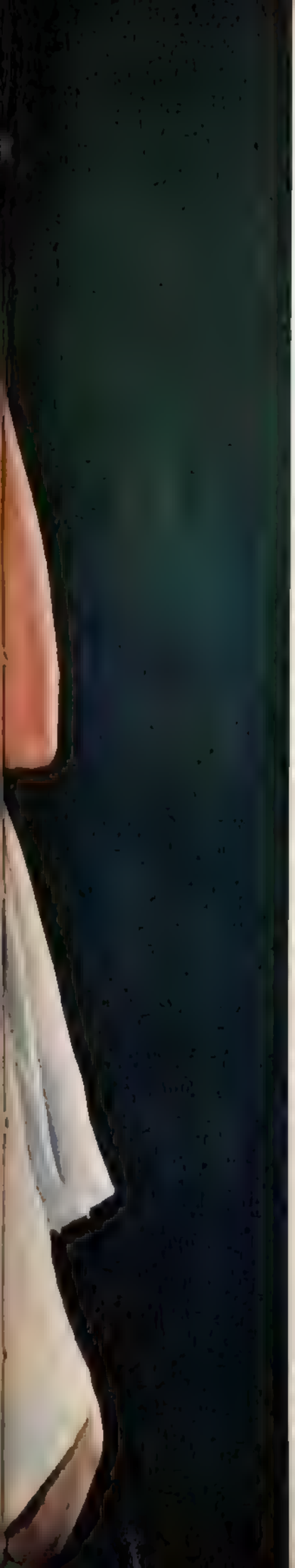
As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso,
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular Chinesa).
Não há meio-têrmo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que de súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada
e que um rosto
Adquira de vez em quando essa côr só encontrável no terceiro minuto da aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita
e desabroche
No olhar dos homens. É preciso, absolutamente preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Eluard e que se acaricie nuns braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como ao âmbar de uma tarde.

Que tenha uma bôca fresca, nunca úmida

Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola
ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um
templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma
[illegible]
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos
então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma
bôca
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns
[illegible]
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e
as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.
Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma
mulher sem saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável.
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteie em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou
barroca,
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima
de cinco velas. [illegible]

Que exista um grande latifúndio dorsal

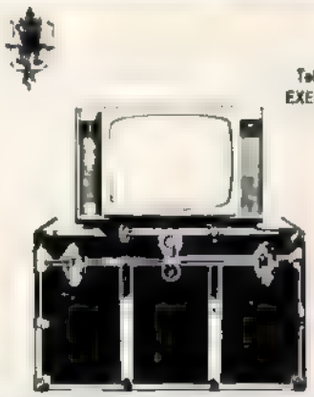
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas bem haja
um certo volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas
de suavíssima penugem,
No entanto sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!).
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vêzes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flôres sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face.
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca inferior
A 37º centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras
Do 1º grau.
Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da Terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro
de paixão que é preciso ultrapassar. BRAIN



Que exale sempre o impossível perfume

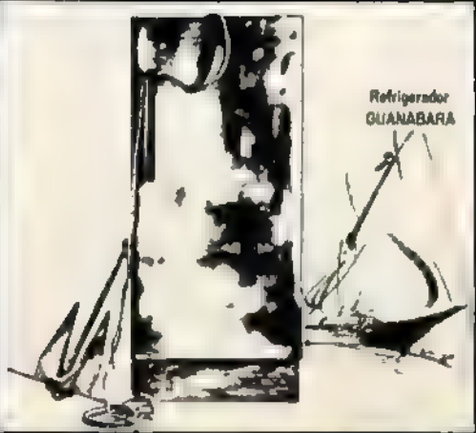
Que a mulher seja em
princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que, se se fechar os olhos
Ao abri-los ela não mais estará presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá.
E que possua uma certa capacidade de emudecer
sùbitamente e nos fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave;
e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de tôda a criação inumerável. FIM

Refrigerador

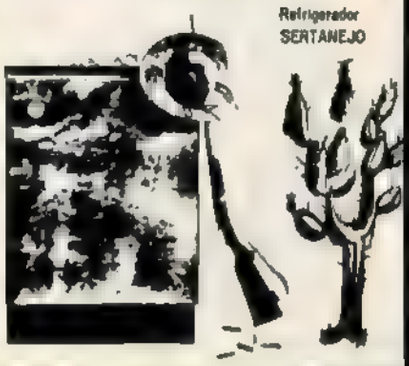


Televisor
EXECUTIVO

Refrigerador
CENTENÁRIO

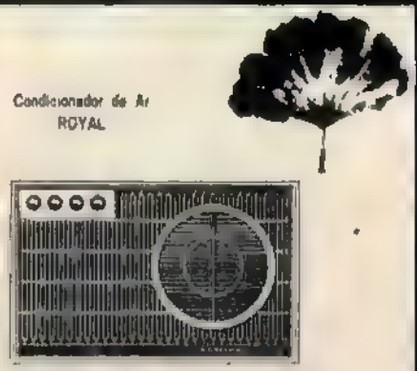


Refrigerador
GUANABARA



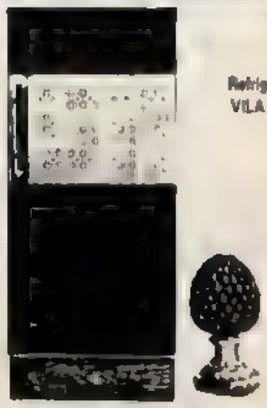
Refrigerador
SERTANEJO

Televisor Portátil
AQUARELA 13



Condicionador de Ar
ROYAL

Refrigerador
QUERÊNCIA



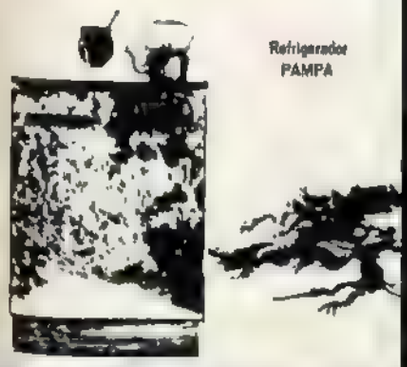
Refrigerador
VILA RICA

Milhões de pessoas em tôda a parte, desfrutam a qualidade Admir

Na hora da escolha opte Você também pela marca famosa em todo o mundo.

Decida-se por **Admiral** *qualidade e liderança*

Standard Propaganda



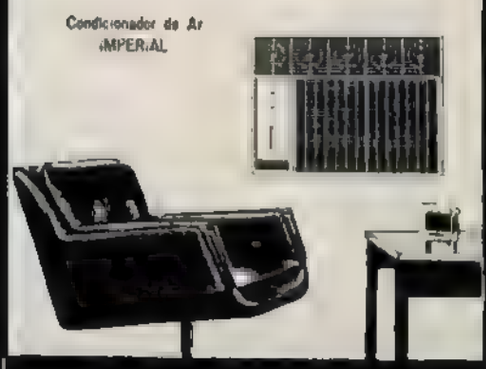
Refrigerador
PAMPA

Refrigerador
BANDEIRANTE

Refrigerador
PICCOLO

Televisor
ANFITRIÃO

Refrigerador
COLONIAL



Condicionador de Ar
IMPERIAL

Refrigerador
ARRASTÃO

Televisor
MAGNATA

Refrigerador
NOVOLAR

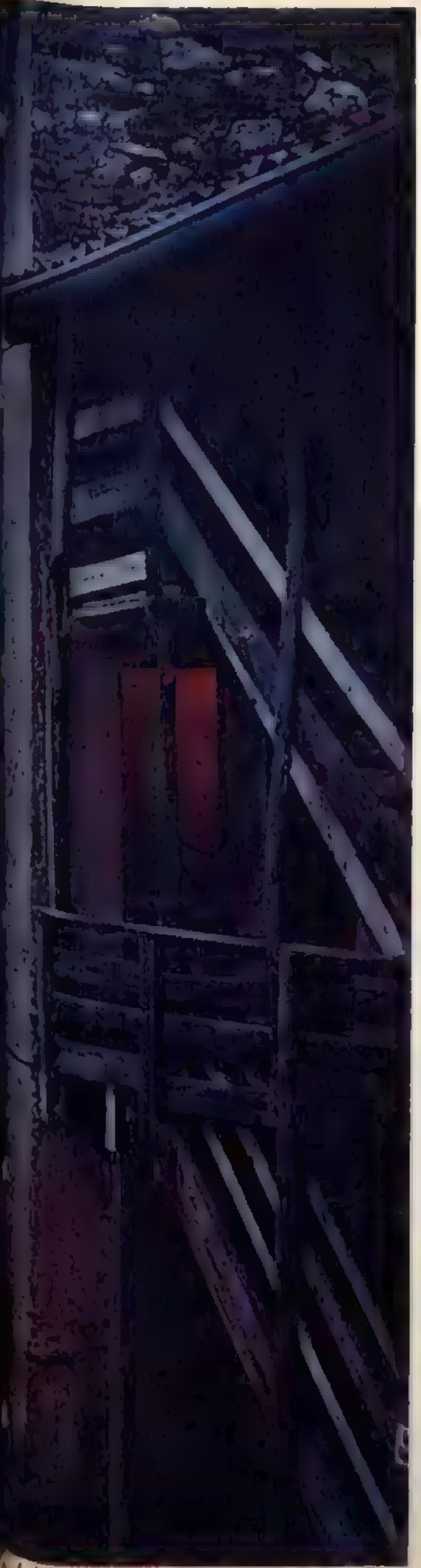
A presença constante da **QUALIDADE**

Admiral

A FÁBULA DO PAPA JOÃO

Quando Ângelo Giuseppe Roncalli foi eleito Papa em outubro de 1958, poucos o conheciam e muitos estranharam a indicação de um velho cardeal de 77 anos para substituir Pio XII. Assim, João XXIII foi, de início, considerado um Papa de transição. Mas êle iria marcar a história da Igreja Católica e a própria história do mundo moderno com sua passagem alegre, imprevista, audaciosa e renovadora. Logo depois de eleito, João XXIII, repetindo um gesto que não acontecia desde os tempos de Pio IX, deixou o Vaticano para visitar as crianças doentes de um hospital infantil e os presos das cadeias de Roma. Na Quinta-Feira Santa de 1959, reviveu antigo costume dos papas, lavando os pés de 12 sacerdotes. No mesmo ano revelou a decisão de convocar um Concílio Ecumênico e lançou a sua primeira encíclica — *Ad Petri Cathedram* — em que pregou a união de todos os cristãos. Confirmando êsse desejo recebia, pela primeira vez na história, o Arcebispo de Canterbury, Primaz da Igreja da Inglaterra, em 1960, e a rainha Elizabeth, em 1961. Neste mesmo ano teria mais duas grandes iniciativas: a encíclica *Mater et Magistra* e o anúncio oficial do Concílio Vaticano II. Em 1962, João XXIII fazia a primeira viagem de trem de um Papa neste século, indo ao santuário de Loreto e Assis. Foi ainda o primeiro Papa a receber em audiência, em 1963, um funcionário comunista — Alexei Adjubei, redator-chefe do *Pravda*, e sua mulher, a filha de Kruchev. Em 1963 foi o ano de sua última encíclica: *Pacem in Terris*, saudada no mundo inteiro. Ao inaugurar o Concílio Vaticano II, João XXIII convocara a Igreja para duas grandes e urgentes tarefas: o diálogo com o mundo moderno e uma corajosa atualização interna. Essas duas preocupações, as principais de sua vida, foram também a herança que João XXIII deixou para a Igreja. E por isso, naquele fim de tarde, três anos atrás, êle pôde morrer serena e humildemente, pedindo aos seus auxiliares e a todos que o cercavam: "Deixai-me agora só com o meu Senhor."

Hoje há uma placa aqui: Casa Natal do Papa João XXIII. A janela iluminada é a do quarto onde nasceu Angelo Ronc



foi às 10h15 de 25 de novembro de 1881.

Ele iniciou o diálogo entre a Igreja e o mundo moderno

Lá estava a casa côr de terra onde nasceu

Às 19 horas e 49 minutos, a 3 de junho de 1963, o coração do velho Papa estremeceu levemente e parou de bater. Nesse mesmo instante sua Alma levantou vôo. A janela estava fechada, alguém acendeu grandes círios em redor do velho Papa imóvel, pálido, e a Alma foi embora

Foi uma coisa natural, uma coisa de nada. Passou através da janela fechada como se fôsse brincadeira. Chegou na grande praça cheia de gente chorando e deu uma volta para consolar alguns corações, tocou o nariz de uma criança que dormia no colo da mãe, acariciou os olhos de um velho padre que se ajoelhara, e depois, muito leve, subiu mais alto e, finalmente, empreendeu a viagem.

Quantas vêzes a Alma tinha pensado nessa viagem.

E agora ela começava Ninguem sabia disso lá embaixo na praça Nem os cardeais prostrados aos pés do Papa morto podiam imaginar que a Alma dêle fôsse aquela **coisa** viva, mais viva que um homem vivo, entre as andorinhas da tarde suave.

Que coisa extraordinária ser Alma Quantas vêzes, cansado, magoado, aqui e acolá pelo mundo êle pensara no momento em que seria sòmente uma Alma. Quantas vêzes também duvidara de que isso pudesse acontecer de verdade. E agora êle era uma Alma, algo difícil de descrever, contar.

Voava por cima das montanhas, dos rios, das cidades e das aldeias, por cima das igrejas onde se rezava pelo velho Papa morto. Ninguem olhava lá para cima. Ninguem nunca olha para cima.

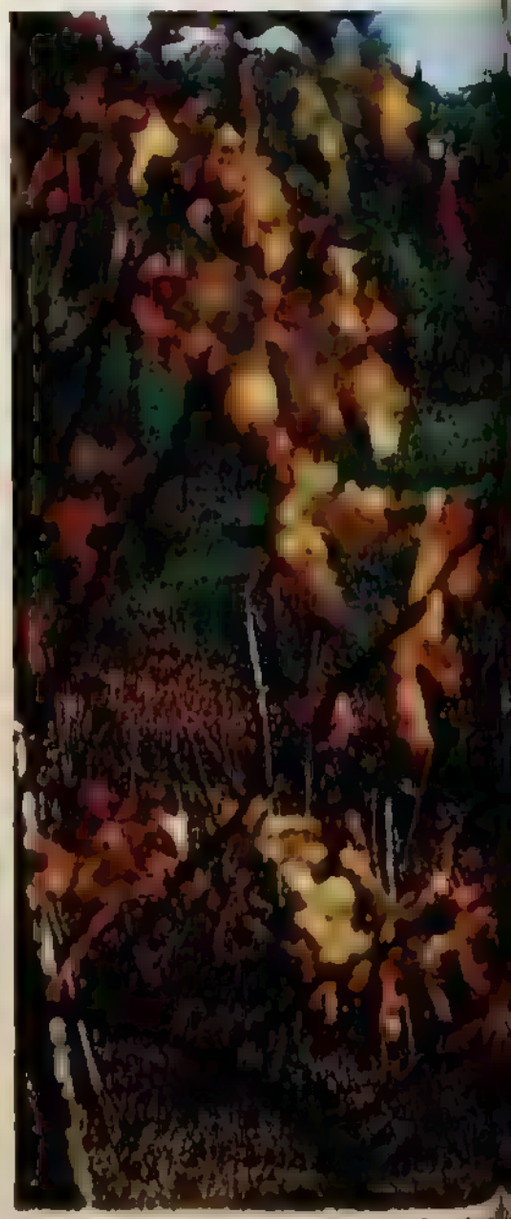
Foi uma viagem fantástica. Mesmo que alguém tivesse procurado fazer-lhe crer em algo igual quando era Papa — bem, sejamos honestos — talvez não acreditasse

E agora chegara onde sempre sonhava voltar quando era padre, bispo, papa. Voltara para sua cidadezinha, a aldeia ao pe da montanha, com as casas côr da terra Voava por todos os lugares onde, quando criança, procurava Jesus

Ei-la, a sua velha casa, eis o seu brasão no muro. Seus irmãos, nesta hora, seguramente estavam prontos para se deitar. Parecia-lhe ouvir umas batidas surdas: devia ser a bengala de Alfredo que é cego e se cansa subindo a escada

A Alma entrou silenciosa, como fazem as almas. Na sala havia sòmente um menino, um dos sobrinhos-netos, que olhava uma fotografia sua. De repente, a Alma lembrou, devia ter lembrado logo seus irmãos não estavam, não podiam estar. Haviam ido para Roma por sua causa, para os funerais. Às vêzes, também uma Alma pode ser distraída. Mas claro, estavam todos lá, agora, e pediam aos anjos para levar a Alma do velho Papa junto a Deus Cantavam todos em côro, desafinados e gritando como sempre, por que os homens vivos nunca crêem bastante, mesmo tendo fé, e quando chamam Deus o fazem como se Deus fôsse surdo.

De sua janela, êste era o quadro diário: a igrejinha de Santa Maria



O Papa não esquecia Sotto il Mo

Era bom caçar passarinhos nos bosques

O menino sentara-se no sofá e olhava um velho álbum de fotografias. Aquela era a mamãe, pensou a Alma sorrindo, e sentiu que uma ternura infinita a invadia. Mamãe Mariana! Quando êle ia entrar para o seminário, a pobrezinha correra à casa de todos os parentes esperando conseguir dinheiro para seu enxoval: voltara chorando, porque no total juntara sòmente duas liras. Contava com a ajuda de pessoas importantes, mas estas mandavam votos de felicidades e um chapéu de padre! Gente esquisita êsses ricos!

O menino reclinara a cabeça e adormecera sôbre o álbum, na página mais amarelada, que mostrava o rosto de um belo ancião, cheio de rugas.

O tio Zavério! Se não fôsse uma Alma, sairia um grito do seu coração. Voltara a encontrar o bom velho que fôra a grande luz de sua infância. Puseram-no a dormir no seu quarto, porque a família era grande: 30 pessoas, e o espaço era pouco. E o velho, à noite, lia para êle a **História Sagrada** e a **Vida dos Santos**, baixinho, com voz profunda, e êle se esforçava para não adormecer. Lembrava-se também de outras leituras quando se defrontava com assuntos tão impenetráveis que lhe era difícil manter os olhos abertos.

Na fisionomia amarelada da velha fotografia, algo se mexeu, as rugas se suavizaram. Seria um sorriso? Pois é, o senhor está rindo, tio, parecia querer lhe dizer a Alma, mas o senhor sabe como são complicados também os bispos; os cardeais, os governantes e os poderosos da Terra.

A Alma os conhecera de perto. Conhecera muitos dêles desde o dia em que deixara Sotto il Monte. Tornara-se professor, diplomata, Bispo, Papa. E agora alguém pensava em fazê-lo santo. Por que? Porque falara sempre simplesmente, da mesma maneira que o tio Zavério?

Quando o tinham feito Papa, o **Osservatore Romano** insistia em dizer que suas palavras, tão simples, saíam de **augustos lábios.** Faziam-no dizer coisas difíceis, mudavam suas palavras e seus significados, enquanto êle sempre soubera, agora mais do que nunca, que tudo é tão simples: o mundo, a vida, os homens.

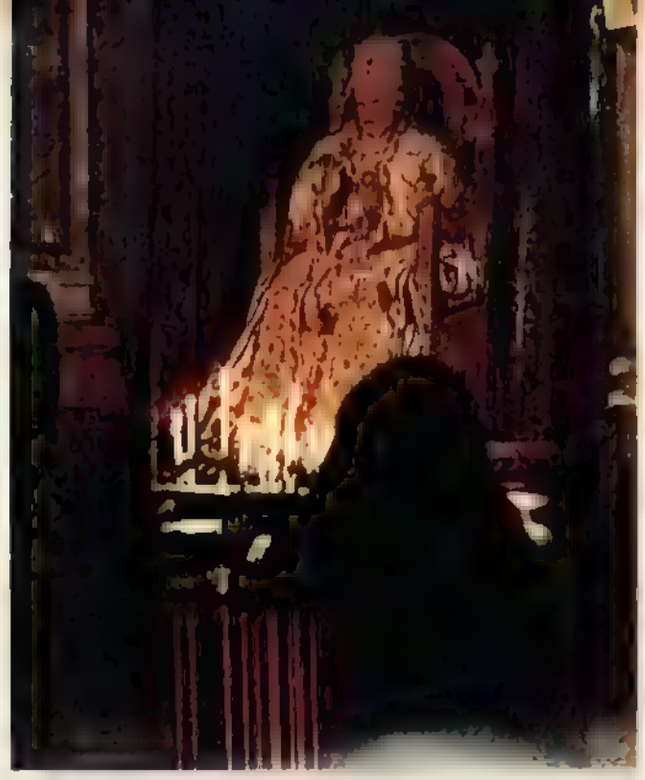
Enquanto a Alma falava assim para si mesma, ouviu um rumor de sons e de cantos. Curiosa, aproximou-se da porta e ficou olhando. Era uma procissão para êle, como aquelas que passavam sob a grande janela da cozinha quando era menino.

Os camponeses desfilavam lenta e pesadamente. Os que iam na frente da procissão vestiam a túnica vermelha da Irmandade e levavam a Cruz.

De repente sentiu um apêrto no coração. Aquêle velhinho esbranquiçado que avançava todo curvado, que se parecia com... Sim, era êle, Batista Agazzi, **Batistél!** Seu amigo de infância. Iam juntos caçar passarinhos nos bosques.

No final da procissão havia um mendigo. Envolto em farrapos, êle andava a muito custo, inseguro. A Alma o olhou com tristeza. Não tinha nada para lhe dar. SEGUE

Grande sonho era voltar à cidadezinha onde passou a infância — rever campos, casas e igrejas, todos os parentes e amigos.



Retrato em madeira, na igreja de São João Batista: Sotto il Monte.

Uma alma pode dar coisas que não têm preço

Podia só esquentar-lhe o coração. Quando era Papa, ainda há pouco, possuía 200 mil liras, tôdas suas economais, num cofrezinho. Seria bom entregá-las ao mendigo. Mas isto era o raciocínio de quem está vivo e agora não servia para nada. Uma alma pode dar paz, felicidade, e coisas que não têm preço. E assim fêz. Repentinamente o mendigo se iluminou e começou a andar como se fôsse um môço. Os outros talvez pensassem que êle estivesse bêbado, pois os vivos dificilmente conseguem aceitar os pequenos milagres.

Então a Alma levantou vôo. Queria tornar a ver muitos lugares ainda. Chegou ao cimo das colinas de onde podia dominar todo o Valle Imagna. De lá tinham vindo seus pais. Gozou o espetáculo, o silêncio cheio de recordações.

Novamente voou seguindo o flanco dos montes, debruçou-se sôbre os contrafortes de Albenza e pousou suavemente entre os arbustos. Lá, onde acabava o caminho, encontrou uma velha árvore. A Alma contemplou-a com afeto: quantas vêzes fazendo todos os dias quatro horas de caminhada de Sotto il Monte a Celana para ir à escola, quando tinha 10 anos, detivera-se debaixo da sombra daquela velha árvore para ouvir o canto dos grilos, pensar, olhar e fazer para si mesmo perguntas impossíveis?

Era ali que ficava remoendo pensamentos, perguntando-se se o caminho que escolhera era o certo. E aquela vez que o reitor lhe dera uma carta para um parente longinqüo, o vigário de São Gregório, e na carta escrevera que talvez fôsse mais acertado que o Angelino Roncalli ficasse em casa porque era um cabeçudo? Êle a rasgara em pedacinhos justamente aos pés da velha árvore. Mas tinha a consciência limpa. E assim fôra em todo o decorrer de sua vida. Êle fazia o que o Senhor mandava e chega. Mas se naquela tarde não tivesse rasgado a carta, que teria acontecido? Onde teria ido? Quantos mistérios que nem uma Alma pode desvendar.

A Alma continuou voando e chegou à linda cidade de Seriate, na casa do vigário. O velho padre estava rezando. A Alma tocou suas mãos. O ancião estremeceu, sentiria a sua presença? Não chore, Padre Carozzi, queria dizer-lhe. Por que chorar? Não compreendes que ninguém morre, que esta é a verdadeira vida?

Tinham 20 anos. Eram seminaristas e iam para Roma com uma bôlsa de estudos. Chegaram depois de uma noite de viagem, cansados e mortos de frio: o Bispo de Bergamo procurava um secretário e o reitor propusera Carozzi. Mas êle se recusara: "Meus pobres sapatos não são feitos para pisar os tapêtes." Com a renúncia de Carozzi, decidira-se o futuro de Angelino Roncalli: se tornou secretário do Bispo Monsenhor Radini-Tedeschi.

O velho Carozzi parecia estar sorrindo. A Alma se lembrava daquela manhã, já era Cardeal, quando lhe propusera ser seu secretário. Quando chegara a Sotto il Monte, o entusiasmo de Carozzi era tal que esquecera de colocar os cordões nos sapatos. Êle mandara logo comprar os cordões e lhe dissera: Você é secretário de um cardeal e deve manter as aparências... pelo menos com respeito aos cordões dos sapatos.

As aparências! A glória do mundo! Isto tinha algum significado? A verdadeira felicidade é outra coisa. É procurar e encontrar as coisas simples, sim, é isto. É sentir-se em paz. É dormir à noite sem temor.

Saiu da casa do vigário e voou novamente para Sotto il Monte. Era lá que queria descobrir uma coisa, pensava a Alma, uma coisa sua. Por que a Alma sabia o que acontece geralmente: agora escreveriam nos jornais sôbre o Papa morto, prepararíam livros, biografias... Que contam as biografias? Pode-se mexer nos mistérios de um coração? Tudo é bem mais simples do que se pode escrever: está tudo explicado aqui, entre as árvores, de arbusto em arbusto, das colinas até o rio. Leiam aqui, queria dizer ao mundo, esta é a regra, a harmonia.

Pensando assim, a Alma chegara à casa onde nascera e vivera até os dez anos, antes que a família mudasse para a Colombera. Numa placa estava escrito **Casa Natal do Papa.** Mas tudo estava mudado, até o quarto onde nascera. Se pudesse achar... dizia ardorosamente a Alma a si mesma. Mas o quê? E para quê?

Então aconteceu um milagre. A casa pareceu envelhecer de repente, as paredes pareceram enrugar-se, a cena se transformou como o cenário de um teatro. Tudo voltou a ser como na sua recordação. A enorme cozinha, a chaminé cavada na parede, o fogão em cima do qual, pendurado à grossa corrente, balançava o caldeirão de cobre onde resmungava a polenta amarela. A Alma voltou a ver seus irmãos, o tio Zavério que dedilhava o Rosário, o papai, a mamãe e êle mesmo, menino. Sentiu-se feliz como nunca o tinha sido.

Mas aquela **coisa,** a querida **coisa** que a Alma esperava ver, onde estava? De repente, na velha cozinha, algo se mexeu e uma luz tênue saiu da sombra. Apareceu o rosto pálido de uma menina. Era loura, miúda, estava parada no meio da cozinha como se não tivesse fôrça suficiente para andar e estendia-lhe os bracinhos.

Uma nuvenzinha branca

A Alma fêz um gesto como que para enxugar uma lágrima. Você é Maria Caterina, a irmãzinha que me embalava quando eu tinha um ano, pensou. Oh, como estava feliz voltando a ver o rosto que nunca pudera lembrar! Ela morrera repentinamente, tinham-lhe explicado, puseram-lhe o vestidinho branco, pentearam os cabelos louros, e havia tanto sol no dia em que fôra repousar entre os ciprestes...

E agora a Alma do bom Papa subia alegre e leve para a colina de San Giovanni onde, garôto, tocava os sinos. E ao seu lado voava a alma de uma menina loura. E ficaram lá em cima, a Alma do grande Papa e a de sua irmãzinha esquecida, porque assim o quis o Senhor e porque o Paraíso está em tôda parte. E até hoje quem passar por lá algo pode sentir e ver.

É uma nuvenzinha branca, um raio de luz quente, um suspiro de brisa, um invisível passarinho que canta. Naturalmente há quem diz não ver nem sentir nada. Mas é preciso ter um pouco de inocência. Como em tôdas as coisas de nossa vida.

Guido Gerosa

A última palavra já foi dita:

Em matéria de qualidade e perfeição, fazemos questão de dizer a última palavra. Bem entendido, a última palavra segundo o avanço técnico-científico da época.

Veja-se, por exemplo, o nosso primeiro Curativo Band-Aid* lançado em 1934. Naquela época representou uma verdadeira revolução em matéria de curativos já prontos. Era, então, a última palavra no assunto. Entretanto, deixaria muito a desejar se comparado com o atual Curativo Transparente Band-Aid*, quase invisível e de uma eficácia excepcional.

Isto se deve às nossas pesquisas, testes e aperfeiçoamentos, que continuam à medida que a ciência e a técnica avançam.

O que é válido para o Curativo Transparente Band-Aid*, também se aplica a todos os produtos de nossas diversas linhas: Cirúrgica, Hospitalar, Farmacêutica, Dental, Pronto Socôrro, Proteção Higiênica e Industrial.

Êles serão sempre a última palavra, em seus diversos campos de aplicação.

*Marca Reg.

Johnson & Johnson

O jôgo está proibido,

QUE BICHO DEU HOJE?

Um português sonhou que um gato tinha caído do telhado de sua casa. Correu jogar no gato. De tarde deu burro e êle se queixou a um matuto de que hoje em dia até os sonhos são falsos. Ao que o matuto respondeu: "O sonho estava certo, seu Mané; gato não cai do telhado; só se fôr muito burro". Coisas assim acontecem há mais de 70 anos por todo o Brasil.

hão é fácil ganhar, mas a pergunta de todos os dias continua sendo:

— Alô, é o Gervásio? Aqui é o Ulisses; toma nota.

— Pode falar.

— Milhar sêco, 4831, do primeiro ao quinto, quinhentas pratas; centena, um conto só no primeiro prêmio. Olha, bota um conto também no grupo do camelo, no primeiro.

— OK, é só?

— Espera aí, Gervásio... Me põe mais mil no camelo. Êsse danado dêsse corcunda tem que dar hoje, minha mulher sonhou com a casa da avó dela.

Ulisses desligou o telefone e esfregou as mãos: "Hoje eu saio do buraco." Contínuo de um ministério, Ulisses tem uma mulher que vale ouro: quando ela sonha certinho, se o bicho não dá no primeiro prêmio, passa raspando. Nesse dia, Ulisses tinha vontade de jogar todo o salário; ela tinha sonhado a noite inteira com a casa da avó, e casa velha é camelo.

Ninguém sabe bem por que se pensa que os sonhos estão intimamente ligados ao jôgo do bicho. Nem a origem dessas interpretações de sonhos, embora haja vários livros misturando Freud e macumba para se chegar a um bom palpite no jôgo. Existem fórmulas, também, e **simpatias** para provocar o sonho: dizem que amarrar as pernas antes de dormir é bom, e o sonho é quase sempre com bicho de quatro pernas. Duas velhinhas de uma cidade goiana cobravam até **royalties** pelos ótimos palpites que conseguiam nos sonhos; antes de dormir elas comiam um punhado de couve crua.

Em todo caso, está estabelecido que sonhar com defunto dá elefante; com sangue, dá porco; água é cobra ou jacaré; sonhar com inglês dá cachorro, e assim por diante. Pequenas fortunas já se fizeram às custas de um bom palpite, desde que existe o jôgo. E não faz pouco tempo, pois o Brasil entrou no século XX jogando no bicho.

Começou no jardim Zoológico

No último ano do Império — 1888 — João Batista Viana Drumond, um mineiro de Itabira do Mato Dentro, foi feito barão. Industrial, progressista, atirado, cheio de imaginação, era uma das grandes figuras do 2.º Império. A Vila Isabel, cantada em samba e poesia, tão lembrada por causa de Noel Rosa, é obra do barão. Êle era sócio do Visconde de Mauá e assim seu nome está ligado também à criação da primeira estrada de ferro brasileira. Foi ainda o fundador do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. E aí é que seu nome entrou definitivamente para a História, pois do Zoo carioca nasceu uma poderosa instituição chamada Jôgo do Bicho.

Um ano depois da fundação do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, o barão de Drumond viu chegar a República, ao mesmo tempo em que chegavam as dificuldades financeiras para o Zoo, que a essa altura já possuía um bom número de animais. O barão pediu socorro ao poder público e a Câmara lhe deu uma subvenção de dez contos de réis por ano. Mas, mesmo assim, o Jardim Zoológico andava muito mal. O barão procurou então uma solução que aumentasse o número de visitantes, cobrando-lhes ingressos. Mas como atrair visitantes?

"Com um sorteio", cochichou um dos auxiliares do barão, o mexicano Manuel Ismael Zevada. Zevada conhecia um jôgo — o jôgo das flôres — que podia ser adaptado aos bichos do zoo. Os dois discutiram a idéia, em pouco tempo posta em execução: 25 quadros, pintados com 25 bichos, cada um com seu número, a partir do um. Tôda manhã, o barão escolhia um quadro e o colocava dentro de uma caixa que ficava à entrada do zoológico. Cada ingresso tinha desenhada a figura de um dos 25 bichos do barão. Às 3 horas da tarde, a caixa era aberta e aquêles que tivessem no ingresso o bicho sorteado recebiam 20 vêzes o dinheiro pago pela entrada.

A novidade correu o Rio de Janeiro e, de repente, o número de visitas ao Zoológico cresceu de forma impressionante.

O barão se divertia. Os mais curiosos faziam sondagens junto a êle para saber que bicho ia dar e a resposta vinha por metáfora:

— O bicho de hoje é aquêle que, por imagem, mais se assemelha à mulher.

Muitos iam correndo comprar outro ingresso, da borboleta, do pavão, até da vaca. De tarde, dava cobra.

A loteria descobre o bicho

Em 1893, o jôgo começou a ser bancado no centro da cidade, por alguns espertos que viram naquilo uma mina de ouro. Meninos iam ao Zoo na hora do sorteio e voltavam correndo para o centro, com a notícia fresca e a gorjeta certa. Enquanto isso, talentos anônimos da matemática e da arte de vencer na vida sem fazer fôrça começaram a inventar combinações. E relacionaram os números dos bichos da caixa do barão com os números da loteria. O sucesso era tão grande, e tamanho era o vulto que o jôgo ia ganhando, que a polícia resolveu proibi-lo. Com isso, o Zoológico voltou a ficar às moscas. Mas o jôgo do bicho, agora definitivamente confiado ao resultado da loteria, ia tomar conta do País.

O povo entrou de corpo e alma

Espalhado pelo Brasil e transformado num jôgo popular, o bicho virou folclore.

Há mil cantigas sôbre êle. Esta é uma delas: "1 é avestruz — tá o jôgo principiado; 2 é a águia — que tem o bico enrolado; 3 é o burro — anda de marcha picada; 4 é a borboleta — que tem a asa arrajada/ 5 é o cachorro — quando não é prêto é malado/ 6 é a cabra — dá o leite condensado/ 7 é o carneiro — animal abençoado/ 8 é o camelo — anda todo encorcovado/ 9 é a cobra — é um bicho amardiçoado/ 10 é o coelho — meu feijão tem estragado/ 11 é o cavalo — só come capim cortado/ 12 é o elefante — tem a tromba pendurada/ 13 é o galo — que canta de madrugada/ 14 é o gato — muito rato tem apanhado/ 15 é o jacaré — que atravessa rio a nado/ 16 é o leão — que é um bicho arrespeitado/ 17 é o macaco — é um bicho arrenegado/ 18 é o porco — anda todo enlameado/ 19 é o pavão — que tem a pena dourada/ 20 é o peru — nos banquete é convidado/ 21 é o touro — nas manjarra tem puxado/ 22 é o tigre — que nas mata tem miado/ 23 é o urso — é um bicho abominado/ 24 é o veado — muitas carrera tem dado/ 25 é a vaca — e tá o jôgo terminado."

Mas jôgo do bicho também dá samba: "acertei no milhar, ganhei quinhentos contos, não vou mais trabalhar" — diz Moreira da Silva numa música. O cinema e o teatro não deixaram de aproveitar o assunto. No cinema, **Amei um Bicheiro**, com Cyl Farney, foi o maior sucesso. E no teatro, Nélson Rodrigues, baseando-se na vida de conhecido bicheiro carioca, escreveu **O Bôca de Ouro.**

No comêço do século existiram também três jornais cariocas dedicados exclusivamente ao jôgo do bicho: **O Mascote, O Bicho** e **O Talismã.** Aquêle que durou mais foi **O Bicho** — de 1903 a 1914. Tinha quatro páginas, custava 100 réis e o seu **slogan** era: "Jornal diário útil e agradável, dedicado ao amante de todos os esportes".

Do túmulo sai o jôgo

Hoje, quem gosta do esporte não tem mais jornal para orientá-lo. Em compensação, tem tôda a tradição que se formou em tôrno de um bom palpite. Além dos sonhos, os apaixonados pelo jôgo do bicho estabeleceram uma série de ligações entre fatos e bons palpites.

O decreto 6.259 (jacaré), que proibiu o jôgo em todo o país, em 1944, foi o milhar mais jogado de norte a sul, durante duas semanas. No dia em que Rui Barbosa morreu, o povo carregou na águia. E deu. Dia de São Jorge só se joga no cavalo. Em 1964 e 1965, deu cavalo — em 1966, os banqueiros resolveram baixar a cotação da montaria do santo, mas desta vez êle falhou. Um grande desastre de automóvel dá palpite: é só os jornais publicarem o número da chapa. Placar do Fla-Flu, calibre da arma de um crime violento, também.

ecous

Môsca sem cabeça pode até virar elefante

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

E ainda: número do túmulo onde se enterra uma pessoa conhecida (dizem que a alma ajuda), número da casa da namorada, de uma nota de cinco mil, ou outra novinha — tudo é bom palpite.

O delegado de Jogos de São Paulo conta que sua avó norteava o joguinho pingando uma gôta de óleo num copo d'água. A figura que se formava era a do bicho que ia dar. Outros dizem que cortar a cabeça de uma môsca e esmagar o corpo entre duas fôlhas brancas de papel também dá resultado — o desenho do bicho aparece. Uma sentinela do II Exército faz seu jôgo depois da chegada do comandante: se o oficial estiver de cara amarrada, dá touro ou cobra; se vem alegre e despreocupado, é borboleta; se chega com outro, cochichando, é urso.

Mas quem jogava certo, mesmo, era um delegado do interior. O banqueiro da cidade, agradecido e reconhecido pela sua vista grossa, permitia-lhe jogar logo depois da saída do resultado. Um investigador de confiança levava seu jôgo todo dia — 50 cruzeiros hoje, 100 amanhã, paradas suaves. Até que um dia, houve um exagêro, e o banqueiro se queixou:

— O doutor está esquentando demais a mão; só ontem sapecou 500 cruzeiros na centena.

O delegado percebeu logo e mandou chamar o investigador de confiança:

— Escuta aqui, ó môço, que negócio é êsse de alterar o meu jôgo?

— Desculpe, doutor, mas é que o senhor anda com uns palpites tão bons...

Como todo jôgo, o bicho tem seus golpistas. Em 1952, no Rio, foi dado o golpe maior: 18 milhões, uma fortuna na época. O malandro era fiscal da loteria e trabalhava na extração. Um dia, conseguiu substituir algumas pedras do sorteio por outras bem mais pesadas, fazendo dar o resultado que queria. Antes disso, tinha espalhado seu jôgo por várias cidades, para não dar na vista. O truque foi descoberto dias depois e o malandro demitido, mas os banqueiros de jôgo de bicho não conseguiram obter o dinheiro de volta — havia sido levantado em situação ilegal, a Justiça não pôde fazer nada.

Durante muito tempo, funcionou no Rio o **lápis japonês**. Muitos bicheiros deixavam o próprio jogador anotar seu jôgo no papelzinho apropriado.

O truque, então, era escrever com lápis comum a parte fixa, por exemplo: "centena 303. Cr$ 800". Depois, com o lápis japonês, o espertalhão acrescentava um zero à importância apostada. No momento em que êsse zero era escrito, não se via nada no papel. Mais tarde, quando o papelzinho estava no bôlso do bicheiro ou já na sala das apurações, o zero japonês aparecia. Conhecido o resultado do dia, se o malandro não tinha acertado o bicho esquecia o assunto. Se acertava, ia receber, dizendo ter jogado oito mil cruzeiros. O bicheiro procurava o papelzinho-comprovante e lá estava: "centena 303, Cr$ 8000".

Em São Paulo, deu resultado por muito tempo o **pulo do gato**. Dois bicheiros experimentados, com boa clientela, anunciavam num jornal: "Ótimo negócio, montado, lucro certo. Só se necessita de capital".

O capitalista procurava o enderêço indicado no anúncio e os bicheiros não escondiam do que se tratava:

— É jôgo do bicho, temos movimento certo, só falta o banqueiro. Os riscos são mínimos e o lucro é batata.

Àquêle que mordesse a isca, era mostrado o escritório, telefones sobrando, a sala de apurações, e um grande cofre de aço, com segrêdo e chave. Só êle, o homem do dinheiro, podia abri-lo e fechá-lo. Às 13 horas o cofre era aberto, para serem guardadas as listas de jôgo; às 15, para a apuração. O primeiro dia de atividades geralmente era ótimo para o banqueiro: lucro grande, e fácil. Do segundo dia em diante a sorte começava a virar. Muita gente acertando, e acertando alto. O novo banqueiro estranhava mas insistia e ia pagando para ver, até a **quebra**. Só quando estava arruinado é que desistia, achando

que êsse negócio de ganhar fácil bancando bicho não era bem assim.

Mas êle estava longe de imaginar que o fundo do cofre era falso e dava para a sala ao lado, que pertencia aos dois bicheiros seus sócios. Assim que saía o resultado, um dêles corria, abria o fundo falso do cofre e enfiava entre as listas mais uma. Enquanto isso, do lado de cá, o outro distraía o banqueiro por alguns minutos, tempo necessário para a operação. Quando o primeiro estava de volta, o cofre era aberto. E os dois bicheiros, tristes, eram testemunhas do **azar** que estava tendo a sociedade.

No dia seguinte ao da desistência do ex-futuro banqueiro, o jornal já estava dizendo de nôvo: "Ótimo negócio, lucro certo..."

Um velho bicheiro paulista diz que até hoje ainda dá certo a chave do **ajuda ten irmão.** É um ajuste entre um bicheiro e dois investigadores da Delegacia de Jogos. Um dêstes dois deve ser amigo do banqueiro e o outro faz o papel do **durão.** Num dia de jôgo forte — sábado ou véspera de algum santo mais popular depois que o bicheiro já recolheu o jôgo de todos os seus clientes, o **durão** prende-o, com listas, dinheiro e tudo. O investigador **bonzinho** corre a avisar o banqueiro, de quem é **amigo:**

— Prenderam o Luís Fininho, com todo o movimento.

O banqueiro, para poder pagar os eventuais ganhadores e manter assim a lenda da honestidade da sua banca, só pensa numa coisa:

— Dá um jeito de salvar o jôgo. Corre à delegacia e vê se me traz o envelope com as listas.

O golpe é sempre dado na hora em que o resultado está para sair. O investigador **bonzinho,** então, volta para junto do bicheiro. Assim que sai o resultado, os dois fazem ràpidamente vários jogos com o bicho que deu, enfiam tudo no envelope que chega às mãos do banqueiro uns poucos minutos depois do resultado. O pequeno atraso fica por conta do trânsito, "muito ruim" naquele dia. Por medida de segurança, o bicheiro só reaparece para o banqueiro no dia seguinte, com cara de vítima. É êle mesmo que vai **fazer os pagamentos.** E a honra da banca está salva.

Mesmo levando pequenos ou grandes golpes, a banca de jôgo do bicho dá muito lucro para quem entende do assunto. Sòmente entre São Paulo, Rio e Niterói, joga-se perto de 500 milhões de cruzeiros por dia. Para controlar êsse movimento todo, são empregados aproximadamente 60 mil homens. Os chamados apuradores, coletores e fiscais são assalariados do banqueiro. Recebem por mês e cuidam da parte burocrática nas **fortalezas** — centro coletor das apostas e da apuração. Cambistas — ou bicheiros — são os que recolhem o jôgo na rua, que mantêm o contato entre o jogador e a banca. Êstes recebem uma comissão (15 a 20%) sôbre o movimento bruto do dia, mais um prêmio (10%) sôbre o lucro líquido mensal que seu jôgo tenha dado.

E dá lucro o jôgo do bicho?

Em abril de 1964, a polícia invadiu a fortaleza do banqueiro Ivo Noal, em São Paulo. Ao processo que condenou o banqueiro a um ano de prisão, foi juntado o livro-caixa da fortaleza. Em três meses de atividade, Noal tinha arrecadado 736 milhões de cruzeiros e obtivera um lucro líquido de 80 milhões. E êle nem fazia parte da **Coligação.**

A organização do bicho em São Paulo e Rio é impecável. Um pequeno banqueiro — o **peneira** — sabe até onde vai sua capacidade de pagar. Êle aceita, porém, tôdo o jôgo que lhe venha às mãos. O seu centro coletor retém apenas a parcela de jôgo que seu capital suporta. O restante é **descarregado** numa **câmara de compensação,** dirigida pelos grandes banqueiros. Em São Paulo essa câmara se chama coligação ou quadra (é formada por quatro banqueiros). Além da parte financeira, a câmara funciona como associação de classe, para cuidar de seus interêsses tanto na área política como policial. Nesta, principalmente para acertar o **pedágio,** isto é, a quantia destinada mensal, quinzenal ou semanalmente para a devida **compreensão.**

Em 70 anos a roda da sorte só parou na greve

Consta que em março dêste ano, numa tarde, o ginásio do Pacaembu foi local de um exótico congresso: os banqueiros de São Paulo ali se reuniram para debater o aumento da taxa de proteção, do pedágio, que a polícia estava exigindo. Ao final dos trabalhos, chegou-se à decisão: com o nôvo pedágio, não haveria jôgo em todo o Estado. Os jornais noticiaram a estranha greve, e, realmente, o bicho parou. Só voltou a funcionar dias depois, quando a Coligação — dizem — chegou a um acôrdo com a polícia.

A Coligação cuida também de outras coisas. Recolhe contribuições dos associados para doações a entidades beneficentes, junta verbas para campanhas políticas de candidato de seu interêsse, obtém **cobertura** de imprensa, e até oferece serviço de assistência, principalmente jurídica, a bicheiros perseguidos, presos ou foragidos.

O poder financeiro da Coligação é muito grande. No seu livro **Inflação, Crédito e Desenvolvimento**, o professor Eugênio Gudin afirma: "Os banqueiros particulares emprestam mais fàcilmente um milhão de cruzeiros a um bicheiro do que a uma metalúrgica ou a um agricultor. A garantia é melhor."

E um banqueiro de bicho, Francisco Durso, que chegou a se eleger vereador no Rio, com os votos dos bicheiros, disse numa entrevista:

— O Brasil só tem três coisas organizadas: futebol, corpo de bombeiros e jôgo do bicho.

Vamos ao jôgo

O jôgo do bicho tem 25 **grupos**, 100 **dezenas**, 1.000 **centenas** e 10.000 **milhares**.

Cada bicho tem seu grupo: o grupo 1 — avestruz — compreende os números 01, 02, 03 e 04. Ao grupo 2 — águia — correspondem 05, 06, 07 e 08. Os bichos seguem em ordem alfabética, até a vaca. O grupo da vaca — o último — tem os números 97, 98, 99 e 00. Cada grupo tem, assim quatro dezenas. Isso quer dizer que quando um jogador aposta no grupo, está jogando com quatro dezenas das 100 existentes, ou seja, tem uma chance em 25. Vamos dizer que jogue, por exemplo, no grupo 3 — burro. Para se chegar às quatro dezenas de qualquer bicho, multiplica-se o número por quatro e baixa-se mais três casas. Burro: 3 vêzes 4 = 12, 11, 10, 09. Camelo é 8; 8 vêzes 4 = 32, 31, 30 e 29. O jogador apostou no grupo do burro. Deu o número 4310, êle ganhou. Ganharia também se tivesse dado 4312, 4311 e 4309.

Na dezena é mais simples. O jogador escolhe a dezena 02, por exemplo. Dando o número 9802, êle ganhou. Na centena é a mesma coisa. Êle joga na 802 dando 9802, ganhou. No milhar: jogou no 9802, dando o próprio, não há dúvida.

No jôgo do bicho valem sempre os últimos quatro números quando êle corre pela loteria (às quartas e sábados). A loteria tem cinco números. O jogador apostou no 3119, quarta ou sábado. De tarde vem o resultado da loteria: 83119. Êle ganhou. O primeiro número da esquerda é sempre eliminado. Nos outros dias da semana — menos aos domingos, quando não há jôgo — o resultado do bicho é direto, apenas com os quatro números necessários.

Assim, quem joga num grupo tem uma chance em 25; na dezena, uma chance em 100; na centena, uma em 1.000; no milhar, uma em 10 mil. Aquêle que acertar ganha: no grupo — 20 cruzeiros por cruzeiro apostado; na dezena — 70 por 1; na centena, 700 por 1; no milhar, 5.000 por 1.

Pode-se jogar em cinco prêmios. O resultado vem assim:

1.º prêmio — 3118
2.º " — 0013
3.º " — 4987
4.º " — 3656
5.º " — 6652

Se o jogador apostou na dezena 87 no primeiro prêmio, não ganhou nada. Mas se apostou de primeiro ao quinto, acertou. Assim com o grupo, a centena, o milhar e uma série de outras combinações, que começaram a ser criadas a partir do momento em que o barão de Drumond inventou o jôgo do bicho: **duque** — jogar em duas dezenas; **duplas** — jogar em dois grupos; **ternos** — jogar em três grupos ou três dezenas. E ainda dezenas, centenas ou milhares combinados, invertidos ou em repetição. Isso tudo parece muito complicado, mas não é importante para quem quer jogar. É só ter um bom palpite, pois a partir de um cruzeiro êle pode jogar fácil e tranqüilamente, em qualquer canto do Brasil.

FIM

Rural?

Um carro com êsse aspecto forte e chamado Rural, só pode ser para trabalho pesado, estrada ruim, serviço no campo. Nem por isso, a Rural tem "alergia" ao asfalto. Até pelo contrário.

A Rural modêlo 4x2 (tração em duas rodas) tem suspensão dianteira independente. Roda firme. E macio. Na estrada de terra ou de asfalto.

A Rural leva muitos passageiros, confortàvelmente, sem escolher caminho. Vai onde fôr preciso. Afinal, nem tôdas as ruas são bem calçadas. Na cidade também há ladeiras, buracos e lama. A Rural sempre passa.

Então, a Rural é rural? É, quando precisa ser. E para ser rural, a Rural tem modêlo com tração nas quatro rodas. Dá o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de desempenho, — o dôbro de confiança.

RURAL '66

Produto da Willys Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

O DRAMA DAS SETE COPAS

Por Nélson Rodrigues

1934: Leônidas dribla o goleiro espanhol e só não marca porque o beque defende com as mãos. O juiz não deu o pênalti.

Teatrólogo, cronista, torcedor quase doentio, jornalista desde os 13 anos, Nélson Rodrigues tem seu jeito especial, poèticamente truculento, de contar histórias do futebol. Nélson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, em 1913. Filho de Mário Rodrigues, um dos jornalistas mais respeitados do Nordeste e do Rio, dono de A Manhã e da Crítica, Nélson ainda garôto mergulhou no bas-fond, para uma série de reportagens policiais que muito depressa lhe deram fama. Em 1940 deixou a reportagem e passou ao teatro, com a peça Mulher sem Pecado. Foi o primeiro êxito de uma longa série: Album de Família (1945), Anjo Negro (1946), Dorotéia (1950), A Falecida (1953), A Senhora dos Afogados (1956), Perdoe-me por me Traires (1957), Vestido de Noiva (1957), Valsa Número 6 (1957), Viúva, porém Honesta (1958), Sete Gatinhos, (1958), o Beijo no Asfalto (1961), Oto Lara Resende (1962), Tôda Nudez Será Castigada (1965). Nélson Rodrigues continua escrevendo para jornais, como colunista esportivo e como cronista. Publica, além disso, uma série de folhetins em capítulos, sob o pseudônimo de Suzana Flag. Escreveu ainda dois romances: Asfalto Selvagem (1951) e O Casamento. Êste último, ainda inédito, foi encomendado a Nélson Rodrigues pela Editôra Nova Fronteira, dirigida por Carlos Lacerda. O ex-governador da Guanabara, porém, desistiu da publicação. Para contar os dramas e glórias do Brasil nas sete Copas do Mundo, Nélson Rodrigues escreveu esta reportagem, que é muito mais do que uma simples evocação.

O primeiro campeonato mundial foi em 1930. Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-latas entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações. Tínhamos futebol, tínhamos talento, tínhamos gênio. Mas nenhum de nós acreditava em nós mesmos. Do nosso lábio, pendia a baba elástica e bovina das humildades abjetas.

Lá fomos nós para Montevidéu. Eis a casta, a singela verdade: já trazíamos a derrota encravada na alma. Ainda por cima, o Brasil não levou todo o seu poderio. Os paulistas não foram e o que se viu, na primeira Copa, foi o nosso futebol mutilado ou, para ser mais exato, pela metade. Convém insistir no óbvio e lembrar que o futebol brasileiro é um centauro de Rio e São Paulo.

Bem me lembro do nosso escrete. Dizer que era mau, não é verdade. Era bom. O brasileiro, porém, não se sabia genial. Diante do estrangeiro, tremia nos seus alícerces. De mais a mais, não tínhamos nenhuma espécie de organização. Hoje, se o craque tem uma dor de dentes, aparece o dentista; uma cólica, aparece um clínico fantástico; uma angústia, e vem o psicanalista ou o capelão. Naquela época, porém, que nos parece contemporânea de Noé, ou anterior a Noé, havia casos de jogadores que tinham hemoptises em campo.

Por exemplo: um dos craques daquele escrete era Fausto, que os uruguaios chamariam de **A Maravilha Negra.** Poucos anos depois, êle morria com cavernas medonhas nos dois pulmões. Vejam vocês: estava todo escavado e não sabia. Não sabia êle, nem sabia o clube, nem o público, ninguém. Um dia êle pula para cabecear uma bola. Fazia um sol de rachar catedrais. Fausto salta e sente na bôca o chamado gôsto esquisito. Cospe e vê a coisa escarlate. Assim começou a hemoptise.

Mas voltemos ao campeonato do mundo de 1930. Fomos e perdemos. Perdemos em nossa primeira audição. Na realidade, ninguém esperava a vitória. Tínhamos uma longa e terna convivência com a derrota.

E o pior é que éramos melhores, muito melhores do que o adversário. Mas aconteceu o que era comum e, mesmo, inevitável: fora do Brasil, o brasileiro caía numa inibição de **Belo Antonio.**

Eu me lembro da volta. Não havia nem tristeza, mas um fatalismo bovino. No fundo, no fundo, só estávamos preparados para perder. Eu era um dos poucos delirantes que dizia, pelas esquinas, apesar de os uruguaios terem sido campeões:

— O Brasil é o melhor futebol do mundo.

1934: nossa velha conhecida, a derrota

O segundo campeonato foi o de 1934. O ano da grande cisão entre a Confederação Brasileira de Desportos e Federação Brasileira de Futebol. Hoje, não há mais ressentimento, não há mais nada. Todavia, a implantação do profissionalismo desencadeou, entre os clubes, um ódio de guerra de secessão ou de guerra civil espanhola. Os dois lados só falavam em descascar a carótida do outro para chupá-la como laranja.

Está claro que, em tal clima, que papel podíamos fazer num campeonato do mundo? Já em 1930, o futebol carioca vivia no caos mais frenético. Em 1934, o caos piorou e muito. Assim mesmo, tivemos o caradurismo, digamos assim, o caradurismo de ir disputar a Copa na Itália. Como da primeira vez, entramos por um cano deslumbrante. E, como sempre, a nossa velha conhecida e, eu quase diria, cumpincha — a derrota — não espantou ninguém. Os campeões foram os italianos.

1938: muita gente começou a desconfiar do Brasil

Mais quatro anos e eis que o Brasil, pela primeira vez, teve uma chance real de vitória. E justiça seja feita: o escrete brasileiro amadureceu e, não só isso, também a torcida. Já se insinuava uma dúvida na nossa humildade. Muita gente começava a desconfiar que talvez o futebol brasileiro fôsse o melhor do mundo.

E, de fato, fizemos duas seleções de altíssima categoria. Quem não se lembra de um Leônidas, de um Tim, de um Romeu?

Não há a menor dúvida de que o Romeu foi um dos maiores craques do Brasil e do mundo, em qualquer tempo. O tratamento quase lascivo, que êle dava à bola, fazia de cada lance um momento de arte.

Um time esculpido em água, lama e vento

1938: Brasil x Checoslováquia. Válter defende, auxiliado por Domingos da Guia.

O craque autêntico não joga de primeira, senão em circunstâncias muito especiais. E Romeu sabia cultivar a bola como uma orquídea rara.

Outro era Leônidas, chamado **O Diamante Negro.** Um jogador rigorosamente brasileiro, brasileiro da cabeça aos sapatos. Tinha a fantasia, a improvisação, a molecagem, a sensualidade do nosso craque típico. Bem me lembro do dia em que Leônidas fêz, pela primeira vez no mundo, um gol de bicicleta. Jogavam Brasil x Argentina, em São Januário (era tempo em que São Januário conseguia ser maior do que o Maracanã). Atacavam os brasileiros. Veio uma bola alta, lá da extrema, e Leônidas estava de costas para o gol. Sem tempo de se virar, êle deu o salto mais lindo que já se viu. Tornou-se leve, elástico, alado. Lá em cima, deitou-se e fêz um maravilhoso movimento de pernas. A jogada, por si mesma, foi um deslumbramento. Mas além da beleza, da plasticidade, houve o resultado concreto: o gol.

O goleiro argentino nem se mexeu, batido miseràvelmente. O que houve em seguida só pode ser descrito no largo e cálido tom homérico.

Sabemos que jogador argentino, com uma vaidade de Sarah Bernardt, não é de cumprimentar ninguém. Pois bem. Êles voaram por cima de Leônidas e quase o carregaram na bandeja, e de maçã na bôca, como um leitão assado. Sim, Leônidas foi abraçado e beijado pelo companheiro e pelo inimigo. Nas gerais e arquibancadas, a multidão estêve para cantar o Hino Nacional.

Outro estilista fabuloso foi Tim. Talvez tenha sido o futebol mais plástico, mais bonito já feito por um brasileiro. Não era de marcar gols. Êle se entretinha em fazer dança ou música, sei lá. Como preservava, como protegia a bola! Amigos, a imortalidade do velho Tim está assegurada.

Bem: citei, ao acaso, três jogadores daquela maravilhosa representação brasileira de 1938, que foi disputar a Copa na França. E poderia lembrar outros de extraordinária classe.

Mas falei também que o torcedor amadurecera. E, de fato, o homem de arquibancada começava a perceber as potencialidades do nosso futebol. Quando jogamos com a Polônia, o Brasil inteiro parou. Ganhamos, embora por um escore de bola de meia: 6 a 5. Aconteceu um imprevisto, entretanto, que quase comprometeu o êxito inaugural: a atuação de Batatais. Verificou-se, então, que sendo um formidável goleiro de clube, êle tremia no escrete.

O jôgo seguinte, com a Checoslováquia, foi um drama. Fazia um mau tempo do quinto ato do **Rigoletto.** Os dois times pareciam esculpidos em água, lama, vento. O nosso escrete teve de jogar com dez durante quase todo o tempo. Aqui, numa torcida desvairada, a Nação inteira pagou alguns pecados capitais. Empatamos, o que foi um resultado deslumbrante.

Veio o segundo jôgo com os checos. Pimenta pôs em campo o outro escrete, só conservando, ao que me lembro, Leônidas. Vitória linda, linda embora por um escore sóbrio: 2 x 1. Quando acabou o **match,** houve um carnaval medonho por todo o Brasil. O brasileiro só faltou subir pelas paredes como uma lagartixa profissional.

E veio o jôgo com a Itália. Se a vencêssemos, era o título, era a taça. Eu me lembro do dia da batalha. Um turista que passasse

pelo Rio haveria de anotar em seu caderninho: "Esta cidade enlouqueceu."

Pela manhã, um brasileiro esfaqueou e matou um italiano. A torcida começava com sangue. O Brasil entrou com um desfalque trágico. E, com efeito, Leônidas contundido não jogou. Pode-se dizer, hoje, que a sua ausência foi fatal.

Perdemos por um escore digno: 2 x 1. Foi nesse **match** que Domingos, o grande Da Guia, cometeu um êrro dramático. Irritado com um adversário, cometeu o mais inútil, o mais gratuito, o mais infantil dos pênaltis. Não havia perigo de gol, não havia nada. Apenas, o formidável zagueiro agiu e reagiu como numa pelada, agredindo um atacante provocador. O arbitro marcou a penalidade, decidindo contra nós a peleja.

Acabado o jôgo, um gaiato qualquer disse, na rua, que a partida fôra anulada. O Brasil inteiro se levantou. Nas esquinas, grupos cantavam o Hino Nacional. Mocinhas choravam. Mas durou pouco a euforia cívica. Logo viria a notícia definitiva: valera mesmo a derrota brasileira. Os italianos eram de nôvo campeões.

1950: a inesquecível humilhação que pagou nossos pecados

A frustração, todavia, não foi das piores. Afinal de contas, o Brasil oferecera um futebol admirável. Cronistas europeus pareciam impressionadíssimos com os nossos jogadores.

1950: dois suecos, sentados, assistem à jogada de Ademir — gol com bola e tudo.

1954: Brasil 2, Hungria 4. Não adiantou o esfôrço de Castilho, Pinheiro e Bauer.

A guerra de 1939-45 interrompeu as lutas pela Copa. Quando a disputa recomeçou, veio a grande, a inesquecível humilhação. Foi em 1950, com efeito, que cada um de nós pagou todos seus pecados nas últimas quarenta e cinco encarnações.

Tivemos tudo para ganhar a Copa, tudo. O nosso escrete, embora não representasse a nossa fôrça máxima, era, nitidamente, o melhor. Fizemos uma campanha apaixonante. Não falo do tristíssimo empate com a Suíça. Nesse **match** fizemos um papel melancólico. Menos por culpa dos craques que pelos erros da direção técnica.

Mas a partir do jôgo com a Iugoslávia o escrete desabrochou. Hoje, fazendo uma crítica retrospectiva, sabemos que a seleção tinha falhas graves. Já naquele tempo, Newton Santos devia ser o titular. Juvenal não era o homem. Não tínhamos extremas e, sobretudo, não tínhamos ponta-direita.

Em compensação, o Brasil apresentou um trio atacante como nunca se vira desde o Paraíso. Zizinho, Ademir e Jair justificavam o título. Mas como eu ia dizendo, ganhamos da Iugoslávia e não paramos mais. Contra a Suécia, foi um **show** encantado, com silfides, repuxos, fundo musical, o diabo. Mas o grande momento do Brasil aconteceu contra a Espanha. Os cronistas estrangeiros, na sua admiração, davam arrancos de cachorro atropelado. E como se não bastasse o futebol em campo, houve outro espetáculo incomparável: o da torcida. Com gente até no lustre, o Maracanã viveu a sua tarde de touros.

Éramos 180 mil brasileiros cantando e dançando **Touradas em Madri.** Depois disso, quem podia duvidar, por um instante, da vitória brasileira na decisão?

Na véspera da final, eu ouvi o **speaker** Gagliano Neto jurar: — O Brasil vai ganhar de 8 x 0.

Não fazia por menos. Não era, porém, um otimismo isolado, solitário. Milhões de brasileiros tinham a mesma certeza fanática. O **já ganhou** instalara-se na alma do povo. E não queríamos uma vitória apertada. O escore pequeno seria humilhante para o nosso orgulho. Queríamos a goleada faraônica. E, por isso, quando, diante de 200 mil patrícios, o escrete fêz 1 x 0, não bastou para a nossa sêde e a nossa fome. Exigíamos quatro, cinco, meia dúzia. E aconteceu o que se sabe.

Cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950. O adversário vinha fazendo uma campanha de evidente mediocridade. E a nossa seleção estava mais brilhante, mais incandescente que um poente de folhinha.

Por que perdemos? Ainda hoje, fazemos a pergunta, sem achar a resposta. Dir-se-ia que o Brasil alcançara o seu limite, o seu teto de brilho, de talento, de imaginação, de potência criadora no jôgo com a Espanha. Pode-se lembrar que entramos sem êsse mínimo de mêdo que qualquer luta exige. Tivemos mêdo da Espanha e a massacramos. Do Uruguai, não. Nenhum mêdo.

A saída do Maracanã, naquela tarde, oferecia um espetáculo dantesco. Milhares e milhares de automóveis, em gigantesca procissão, e nenhuma buzina. O já citado turista poderia fazer no seu caderninho esta anotação: "Êsse deve ser o acompanhamento do entêrro de Inês de Castro."

SINTEX
Esmalte sintético para interiores e exteriores.

CANÁRIO
Tinta a óleo, brilhante, para madeira.

MEB-O-LINE
Tinta à óleo, brilhante, econômica, de grande durabilidade.

MSA
SÍMBOLO DE QUALIDADE

SUPER FLATEX
Tinta plástica, fosca, acetinada, à base de P.V.A., para interiores.

MSA
Tinta plástica acetinada para uso geral à base de P.V.A. para interiores.

SUPER SINT-O-CRIL
Tinta plástica, de acabamento fosco, para uso interiores, resistente às intempéries.

FLATEX
Tinta de emulsão, fôsca, para interiores.

CAIÇARA
Tinta fôsca para interiores.

SINT-O-LIN
Esmalte sintético, brilhante, para uso geral.

NIULAC
A base de nitrocelulose, é a tinta ideal para autos e outras superfícies metálicas.

escolha as côres da beleza

Em tintas e vernizes, a linha MSA oferece vantagens surpreendentes. Lindas côres modernas, para todos os ambientes e todos os fins, com maior facilidade de aplicação. Num instante a tinta seca. E é lavável. Qualidade, côr e alto poder de cobertura, você prova na prática ... e vê na hora o resultado ... com tintas e vernizes M.S.A.

Mesbla

Emprêsa 100 % Nacional mais de Meio Século a Serviço do Brasil.

RIO - S PAULO - P. ALEGRE - B. HORIZONTE - RECIFE - SALVADOR - BELÉM - NITERÓI - PELOTAS - FORTALEZA - MARÍLIA - VITÓRIA.

verbo

Onze homens com cara de quem já perdeu

Quero falar, ràpidamente de 1954. Eu diria que 1954 foi 1950 sem o consôlo das maravilhosas atuações anteriores. O jôgo com a Hungria foi de uma melancolia hedionda. Durante os 90 minutos, não podíamos ousar coisa alguma e por um motivo muito simples: pertencíamos, psicològicamente, ao adversário. Contra o Uruguai, faltara-nos um mínimo de mêdo. Com os húngaros, tivemos, inversamente, mêdo demais. Há uma fotografia de nossa entrada em campo que é um lúgubre documento. O escrete está de cabeça baixa e com a cara, exatamente, a cara da derrota prévia e consentida.

Perdemos e voltamos. E não sabíamos, nem desconfiamos, que o jôgo com a Hungria fôra o adeus à derrota. Imperceptìvelmente, começamos a crescer para 1958. A Suécia foi a ressurreição do futebol brasileiro.

1958: um campeão ousa golear duas vêzes

Claro que começamos a jogar, em 1958, com o escrete errado. Com Djalma Santos em plena forma, escalamos De Sordi. Nada de Zito, de Garrincha, de Pelé. Assim mesmo, ganhamos da Áustria por 3 a 0. Mas contra a Inglaterra, empatamos de 0 a 0 e andamos beirando o abismo. Até que veio a prova crucial, que seria o jôgo com a Rússia.

Na véspera, perguntei a um jornalista:

— Quem ganha amanhã, Brasil ou Rússia?

Êle me respondeu com uma dessas certezas patéticas e inapeláveis:

— Ganha a Rússia, porque brasileiro não tem caráter.

Acontecera na Suécia, porém, uma coisa maravilhosa: o lançamento de Garrincha. Por mais estranho que pareça, a Comissão Técnica não gostava do Mané e preferia o Joel. Para Garrincha entrar houve todo um complô.

Mas começa o **match**. A seleção estava tensa, vagamente apavorada com a Rússia. Até que Mané recebeu a primeira bola. Vejam vocês: a primeira. E não foi preciso mais. Apanhou a bola e saiu estraçalhando russos. Driblou um, dois, três, quatro e carimbou a trave com uma bomba medonha. A escapada dionisíaca de Mané liberou os companheiros de velhas e tremendas inibições. O Brasil passou, então, a dar tudo de si. A Rússia dava pena. Ao soar o apito final, dizia o placar: Brasil 2, Rússia 0.

Foi ali, contra os russos, que a seleção começou a ser campeã do mundo. Ganhamos de 1 a 0 do País de Gales, que passou o tempo todo a fazer ferrôlho. A semifinal e a final, contra a França e contra a Suécia, pareciam apoteoses de revista, no Teatro Recreio. Pela primeira vez, na história do campeonato, um país ousava conquistar o título com duas goleadas homéricas: 5 a 2 com a França e 5 a 2 com a Suécia.

Com a vitória de 1958, o brasileiro mudou até fisicamente. Lembro-me de que, ao acabar o jôgo Brasil x Suécia, eu vi uma crioulinha. Era a típica favelada. Mas o triunfo brasileiro a transfigurou. Ela andava, pela calçada, com um charme de Joanna D'Arc. E assim os crioulões plásticos, lustrosos, ornamentais, pareciam fabulosos príncipes etíopes.

Sim, depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-latas entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações.

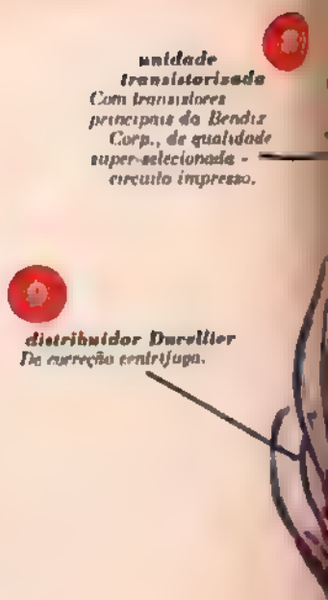
1962: até a cordilheira dos Andes caiu de joelhos

Em 1962 foi outra doçura. Ganhamos do México. Mas logo no segundo jôgo, aconteceu a catástrofe: Pelé se contundiu e ficou fora da Copa. A Nação chorou o músculo doente como se fôsse um defunto. SEGUE

1958: Vavá e Zito preparam-se para o abraço de mais um gol. Brasil 5, França 2.

SOB O SIGNO DO PROGRESSO

A Simca do Brasil apresenta o nôvo e sensacional super-motor



Emi-Sul V8 130 e 140 hp

o primeiro V8 com câmara de combustão hemisférica fabricado no hemisfério sul.

O motor Emi-Sul foi projetado, desenvolvido e industrializado pelos engenheiros da SIMCA DO BRASIL, em S. Bernardo do Campo. É o primeiro motor produzido em série inteiramente criado pela indústria automobilística brasileira.

O motor Emi-Sul foi especificamente estudado para as condições brasileiras, tais como: elevadas temperaturas, constantes variações de altitude e gasolina com características não uniformes. Graças às soluções básicas e radicais introduzidas no nôvo motor, o Emi-Sul:

- *aproveita ao máximo qualquer tipo de gasolina,*
- *jamais esquenta, mesmo trabalhando nas mais elevadas temperaturas.*

O Emi-Sul é um motor de classe internacional. Apresenta um conjunto de aperfeiçoamentos que poucos motores no mundo possuem e é construido com os melhores e mais adequados materiais, o que lhe permite:

- *potência elevada (130 a 140 HP),*
- *elasticidade excepcional e rápida subida de rotação,*
- *robustez e longa vida.*

O automóvel Simca, cuja estabilidade, freios e docilidade já eram incomparáveis, agora, com o nôvo super motor Emi-Sul, atinge, indubitàvelmente, o nível dos carros de grande classe internacional

Sinta como é excitante dirigir um carro de classe internacional.

Experimente o nôvo Simca Emi-Sul nos Revendedores Autorizados.

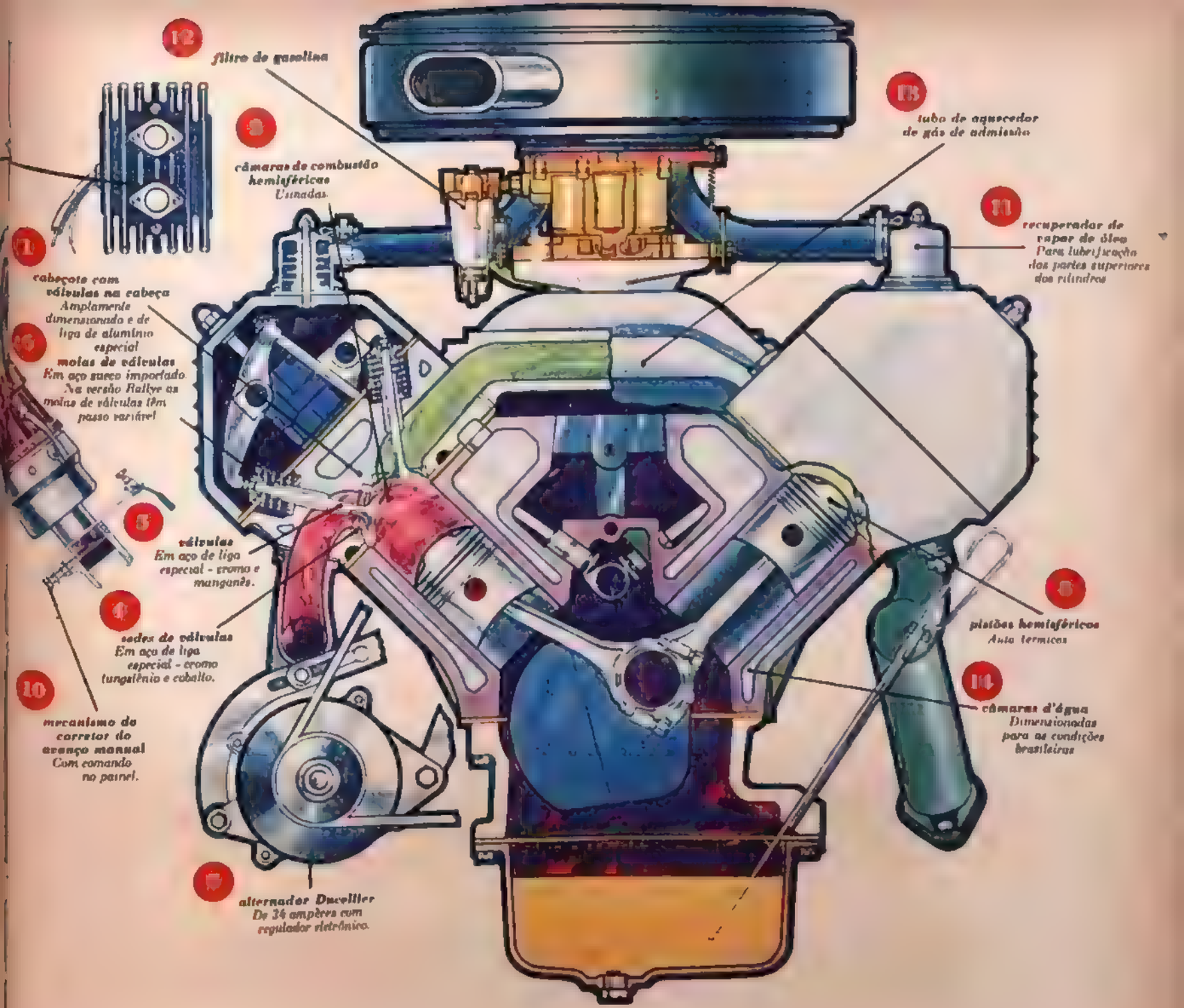
A mais completa linha de automóveis de luxo do Brasil. Linha Tufão: Chambord e Jangada • Linha Emi-Sul: Chambord, Rallye e Présidence

o mais veloz, o mais valente, o de mais deslanche.

Especialmenie criado para as condições brasileiras

SIMCA Emi-Sul V8

um carro de classe internacional, cuja performance iguala ou ultrapassa as das mais famosas marcas mundiais.



O Simca Emi-Sul tem nôvo teto e vidro traseiro mais amplo e é apresentado em novas e fascinantes côres.

No lugar do **Divino**, entrou Amarildo, que seria o **Possesso**.

Depois do empate com a Checoslováquia, passamos por uma provação só comparável à de Jó: o jôgo com a Espanha. O time jogava mal e os adversários corriam em campo como coelhinhos de desenho animado. A Espanha pôs 1 a 0 na nossa frente. Aqui, a angústia nacional era inacreditável. E, súbito, acontece o cínico, o deslavado milagre. Zagalo centra e o **Possesso** entra por uma muralha de pernas espanholas e enfia o gol do empate. Depois, Garrincha apanha a bola e sai driblando o inimigo. Os nossos locutores se esganiçavam: Garrincha não solta a bola! Garrincha prende a bola! Segundo o rádio e a televisão brasileiros, assim não era possível. Pois bem, depois de quatro defensores adversários, Mané levanta para Amarildo enfiar de cabeça. Era o segundo gol, era o triunfo dramático, suadíssimo. E a provação transformou-se, afinal, numa euforia gigantesca.

Quando vencemos o Chile por 4 a 2, até os Andes dobraram os joelhos para o escrete do Brasil. Garrincha estêve apenas deslumbrante. E veio a final com a Checoslováquia. Tivemos um susto apocalíptico. É que os checos fizeram o primeiro gol. Pouco depois, porém, o **Possesso** apanha a bola e corre. O goleiro adversário, considerado o melhor do torneio, afasta-se para interceptar o centro provável. Com o seu movimento, abriu um corredor por onde Amarildo enfiou sua bomba mortífera. Gol, empate!

Mais tarde um pouco, o mesmo **Possesso** avança. Coberto por dois adversários corta um e outro. Zito vem lá de trás berrando:

— Passa, passa!

Amarildo cruza na medida. Zito, na corrida, enfia de cabeça o segundo gol. E não foi só. Minutos depois, Djalma Santos levanta para a área. O goleiro checo quis posar para a posteridade. Larga a bola. Vavá toca para o fundo das rêdes. E assim se consumou a mais pura, a mais perfeita, a mais irretocável das vitórias.

1966: existe uma santa e límpida verdade

Assim foi 1958, assim foi 1962. Pode-se dizer que as duas vitórias se geraram da grande derrota de 1950. Agora chegou a vez do formidável teste: o tri.

Se ganharmos na Inglaterra, a Copa será eternamente brasileira. E vamos admitir a santa e límpida verdade: temos o melhor futebol do mundo. Nunca apareceu na Terra nada que se comparasse a um Pelé, a um Garrincha. Qualquer brasileiro, vivo ou morto, já deu botinada. Ninguém merece mais a posse da **Jules Rimet** do que a seleção brasileira.

E eu sei que o escrete vai jogar, na Inglaterra, de esporas e penacho como um dragão de Pedro Américo.

O grande gol do tri está amanhecendo para o Brasil. FIM

Esporas e penachos, armas de uma seleção

1962: Brasil 2, Espanha 1. Zagalo abraçando Amarildo, Paulo Amaral gritando.

energia que faz o desenvolvimento

60% da produção industrial brasileira saem das fábricas da região Rio-São Paulo

A energia da LIGHT, fornecida à região Rio-São Paulo, aciona fábricas que empregam 48 % de nossa mão-de-obra industrial e produzem 60 % dos bens e mercadorias consumidas pelo povo brasileiro. Ocupando apenas 0,4 % de nosso território, a região Rio-São Paulo servida pela LIGHT produz mais da metade de tôda a riqueza nacional e proporciona a seus habitantes o mais alto padrão de vida do país. Êste quadro começou a formar-se entre 1901 e 1908, quando a LIGHT inaugurou suas primeiras usinas hidrelétricas, no curso do rio Tietê, em São Paulo, e no ribeirão das Lajes, no Estado do Rio.

A LIGHT — que se orgulha de ter lançado as bases de formação do maior centro manufatureiro da América Latina — está ampliando ainda mais sua contribuição ao desenvolvimento industrial da região Rio-São Paulo: desde 1965 e até 1970, ela está investindo 273 milhões de cruzeiros por dia, na expansão do seu sistema de transmissão, transformação e distribuição de energia.

LIGHT

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

São Paulo tem 80 mil prostitutas, 30 mil ladrões, quase mil hotéis clandestinos, 4 mil bicheiros e milhares de malandros, viciados, homossexuais, cáftens, vigaristas, vagabundos. Êste é o mundo do crime. O mundo onde vive

O TIRA

Reportagem de Narciso Kalili

Três horas da madrugada, a velhinha ainda estava acordada na cama, pensando na morte. O marido, de 74 anos, tinha ido naquela noite para o Hospital das Clínicas, depois de uma crise de asma e ela ficara sòzinha. O cachorro latiu no quintal. Depois voltou o silêncio. De repente, veio um barulho da cozinha. Mexiam na fechadura. A velhinha levantou-se, acendeu a luz, atravessou o quarto lentamente. Quando entrou no corredor escuro, dois braços agarraram-na pelo pescoço. Quase sufocada, ela percebeu mais dois vultos à sua frente e estava desmaiando quando os braços a soltaram. Eram de um negro alto e forte, de olhos muito abertos. Atirada no chão ela viu a luz sumir quando alguém, aproximando-se de seu rosto, ameaçava:

— Vamos, vovó. Fique quietinha.

Antes de perder os sentidos a velhinha ouviu outra voz:

— Vamos matar a velha, acho que ela viu a gente.

O Sol já estava alto quando ela acordou, ainda no chão do corredor, o corpo dolorido. Conseguiu levantar-se e arrastar os pés até o quarto. As gavetas tôdas abertas, as roupas e objetos espalhados sobre a cama e o chão. O relógio sumira. Ela precipitou-se para a sapateira: dentro do pé direito da botina marrom do marido não estavam mais nem a escritura da casa que o velho comprara com o dinheiro ganho na loteria nem os 2 milhões de cruzeiros que sobraram.

O crime não tem código de honra

O carro 156 do setor de assaltos da Delegacia de Roubos chegou às 10 horas. O plantão, naquela manhã de segunda-feira, era da equipe 4, chefiada pelo investigador Moura.

Êle encontrou a velha deitada na cama, o pescoço estava rodeado de manchas que começavam a ficar azuis. Ajudada pelos vizinhos que enchiam o quarto, ela repetiu a história do assalto, apontando repetidas vêzes para a botina marrom.

A porta dos fundos, por onde entraram os ladrões, não mostrava sinais de violência: fôra aberta com chave. Moura estava na soleira da porta quando lhe trouxeram um homem:

— Sou o padeiro do bairro. Estava passando por aqui e vi três homens correndo. Um dêles era prêto e alto, e os outros dois brancos. Um com bigodinho e cabelo comprido, o outro gordo e meio careca.

Enquanto o padeiro falava, desfilavam pela cabeça de Moura rostos e nomes de ladrões que êle catalogara na memória durante aquêles 18 anos de serviço. Havia alguns que êle seguira desde os primeiros passos quando ainda praticavam pequenos furtos ou faziam arruaças nas favelas. O gordo e careca, tinha quase certeza, era um dêles:

— Manèzinho, o Piranha.

Piranha começou com 12 anos

O Piranha tinha história quase igual à de todos os ladrões que vivem em São Paulo: nascera em favela, começara a vida mendigando, envolvera-se em brigas logo aos 12 anos e aos 14 já começara a roubar. Depois veio a Polícia, o Recolhimento de Menores, novos roubos, a Penitenciária. Do pai, nunca soubera o nome, sua mãe vivera com muitos homens antes de morrer numa briga de faca e muita cachaça. Quando saiu do Buraco Quente, favela perto do aeroporto de Congonhas, ficou amigo de um negro alto e forte, que nascera e começara a roubar na Barra Funda. O Piranha e Beto, o negrão, passaram a trabalhar juntos e a especialidade da dupla ficou sendo o assalto a mão armada.

Sentado no carro 156, Moura voltava ao caso da velhinha, reconstituindo o que já sabia do assalto:

— Os ladrões sabiam o que queriam roubar — o dinheiro e a escritura. Sabiam onde estava o que procuravam e também que a velha estava sòzinha. Conheciam a casa e usaram chave falsa. Se um dos ladrões fôr o Piranha, o outro é Beto. Descobrindo quem é o terceiro, como ficaram sabendo do dinheiro, da escritura e também de onde veio a chave, a coisa vai ficar mole.

— Os vizinhos dizem que o marido da velha, o tal de 74 anos, tem uma amante. É uma mulatinha chamada Doralice.

Um dos auxiliares de Moura saiu trazendo uma carteirinha de endereços. Na letra D, estava o de Doralice. Enquanto mandava o carro tocar para a casa de Doralice, Moura lembrou de Beto:

— Êsse prêto é perigoso. Se não estiver com maconha na cabeça, **ligado,** vai dar tiro para não ser prêso. Se tiver puxado fumo, se entrega fácil. Êle andava calmo depois que se amigou com aquela branca que se virava na praça João Mendes. Como será que entrou nessa?

Doralice vivia num quarto alugado, de cortiço, não muito distante da casa de seu amante. Levou um susto quando abriu a porta. Moura foi dizendo, com voz dura:

— Polícia! Vamos ter uma conversa.

Uma hora depois, saiu da casa de Doralice com uma boa história para a turma da equipe A:

— Essa mulata trabalhava na João Mendes. É amiga de um branco de bigodinho chamado Artur. Um dia o marido da velhinha assaltada saiu com ela, se embeiçou e passou a sustentá-la. Ela tirava dinheiro do trouxa e dava para o malandro. Com o tempo, o velho foi se abrindo e contou que tinha uma casa e dois milhões que ganhara na loteria. Artur ficou sabendo logo depois e fêz o plano do assalto: Doralice tirava a chave do bôlso do velho, mandava fazer uma igual e depois êle e mais dois amigos iam assaltar a casa. Ela ficaria com a escritura e os ladrões com o dinheiro. O velho não percebia nada e quando ficou doente — Doralice soube pelos vizinhos que havia sido levado para o Hospital das Clínicas — resolveram assaltar a casa. Só que até agora ela não viu a escritura, nem o amigo. Artur, que prometera voltar para casa depois do assalto, sumiu.

De volta à casa assaltada, Moura obteve mais um dado:

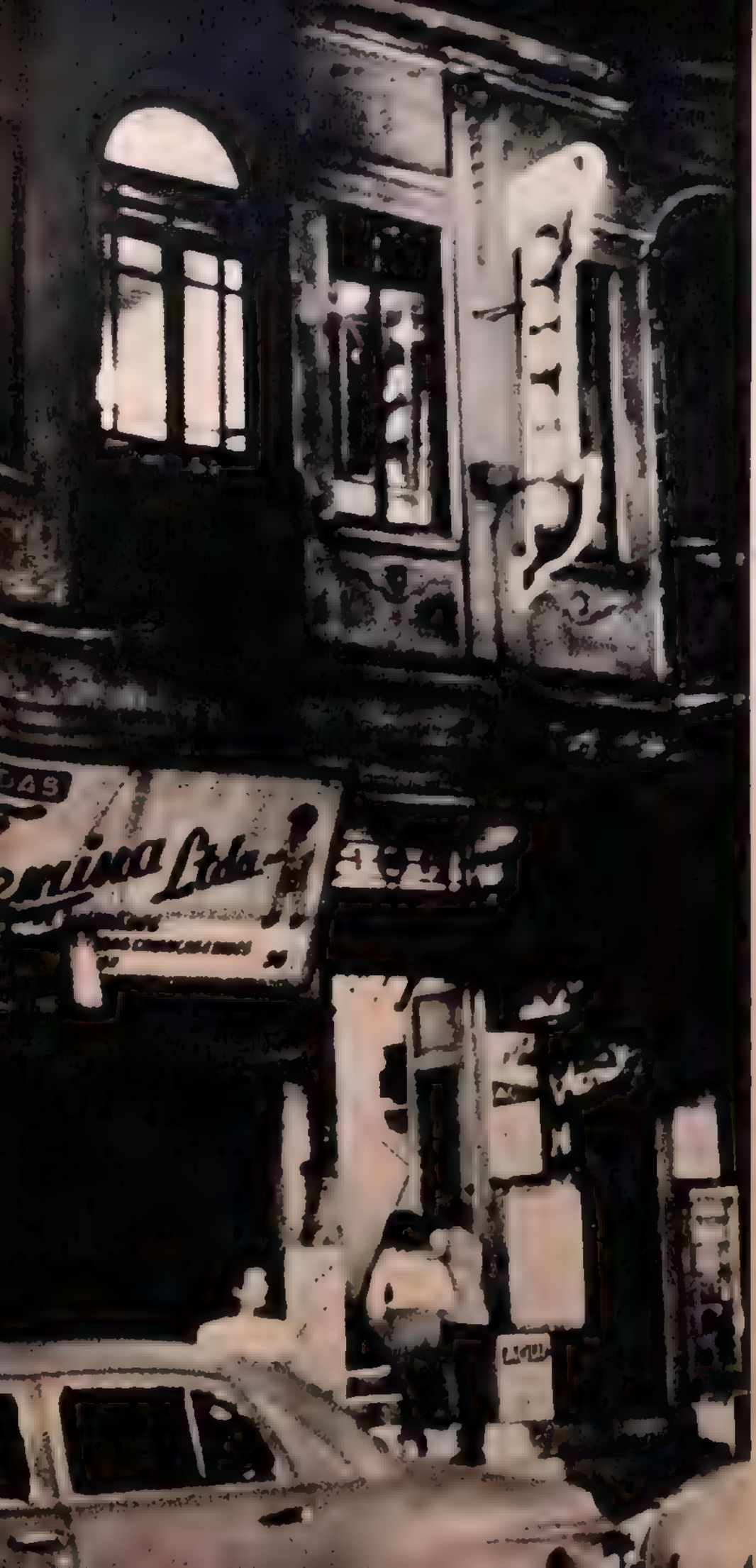
— Um menino encontrou a escritura jogada na rua. Também, era bobagem levar o papel, pois não ia dar lucro a ninguém.

Depois de providenciar a prisão de Doralice, Moura e sua equipe saíram para almoçar num restaurante. Enquanto comiam, numa espelunca do próprio bairro onde se dera o assalto — a Vila Mangalô, afastada do centro da cidade — discutiam o que fazer para prender os ladrões. À tarde era bobagem querer encontrar alguém. Isso só seria possível depois das sete da noite, quando as **bôcas quentes,** lugares onde se reunem malandros, prostitutas, vigaristas, ladrões e policiais, estivessem cheias de gente.

Em todo caso, Moura resolveu dar uma passada pelo **Maravilhoso,** salão de bilhar na Avenida Ipiranga, quase esquina com a São João. O **Maravilhoso** foi o **taxi-girl** mais famoso de São Paulo. Hoje é ponto de encontro dos melhores profissionais do taco e o dinheiro corre grosso em históricas partidas de sinuca.

Eram duas da tarde quando Moura chegou ao **Maravilhoso.** Deu uma olhada pelas mesas: o salão estava quase vazio. Com um movimento da cabeça, êle chamou Dudu, o em-

O tipo que os criminosos mais temem e odeiam não pertence à polícia. É o dedo-duro, o delator: êle vive pelos cantos, gravando rostos e conversas, fazendo amigos que mais tarde serão denunciados. O delator está em todos os lugares. No hotel clandestino, no salão de bilhar, na rua.



pregado que marcava o tempo e arrumava as bolas nas mesas. Dudu veio e parou ao seu lado junto do balcão para ver as fotografias de Beto e Piranha que o policial levantara no Departamento de Investigações.

— Conheço os dois, Moura, mas nenhum estêve por aqui hoje. Você sabe como é... Se um dêles chegar eu ligo logo pra você. Tá legal?

Moura sabia que Dudu conhecia seu trabalho. Nascera com a vocação de alcagüete, **dedo duro.** Outros, pelo mesmo serviço, recebiam, em troca de informações, proteção e até mesmo dinheiro da polícia. Mas êle não queria nada, sòmente sentir o prazer de denunciar ladrões e malandros.

— Bem Dudu, se algum dêles aparecer por aqui, você liga pra farmácia.

Doralice acreditou na história

Moura saiu e dirigiu-se para seu apartamento. Morava perto do centro, numa rua sossegada. Estava lá há mais de dez anos. Alugara-o aos 25 anos de idade, depois de ter começado na polícia. Agora, aos 35, ainda môço, era um dos tiras com mais tempo de serviço no Departamento de Investigações. Foi pensando em Doralice que entrou debaixo do chuveiro:

— Mulher é bicho burro. Acreditou nessa história de escritura, deu todo o serviço aos malandros e ficou na mão, sem o velho coronel, sem Artur, sem dinheiro e ainda por cima em cana.

Depois do banho, Moura resolveu tirar uma soneca, até a hora de recomeçar a caçada; (passara a noite anterior acordado, tentando resolver o caso de um receptador de jóias). Sonhou com seu pai, o primeiro investigador civil de São Paulo. Reviu sua mãe pedindo ao pai para largar a polícia, repetindo quase as mesmas palavras que hoje ela lhe dizia, quando o visitava:

— Meu filho, deixa dessas coisas. Ficar lidando com essa gente ruim não é vida para ninguém. Abandona isso e arranja um emprêgo sossegado, num banco ou numa repartição pública.

Margô era uma mulata esperta

Depois que o pai morrera, êle começara a trabalhar num banco e chegara até a ter um cargo importante. Aos 18 anos, porém, resolveu fazer o curso de investigador e nunca mais saiu da polícia. Só uma vez pensou em abandoná-la: foi quando um seu amigo de infância se candidatou à Prefeitura de São Paulo. Moura seria convidado para ajudá-lo na administração. Mas o amigo não foi eleito e êle abandonara a vontade de deixar a polícia antes dos 25 anos de serviço, hora da aposentadoria. Com o salário atual — pouco mais de 200 mil cruzeiros por mês — ia vivendo e dizia que só ia fazer fortuna quando deixasse a polícia: ia montar, junto com outro amigo, um escritório no estilo dos que existem nos Estados Unidos, para organizar o serviço de policiamento de indústrias e casas comerciais. Tinha todos os planos prontos e em sete anos, se tudo desse certo, estaria iniciando novas atividades.

Aqui se escondem os fora-da-lei

Descansado, o revólver na cinta, por baixo da camisa esporte, Moura saiu de casa às 7 horas da noite. Repetindo um hábito de 10 anos, passou pela farmácia da rua Aurora, onde costumava fazer ponto e receber seus recados, e ligou para o DI. Falou com um dos homens da equipe A e recebeu a promessa que dali a 15 minutos a turma se encontraria com êle.

Moura conversava com o dono da farmácia sôbre as vantagens de ficar solteiro, quando dois de seus auxiliares chegaram com o carro 156. Resolveram começar pela praça João Mendes. Encostaram o carro perto do cinema, atrás da praça, e foram a pé até a esquina. Moura chamou Margô, uma mulata gordinha que lhe dava informações naquela **bôca**. Ela era amiga da mulher de Beto, a Conceição, que também se prostituía ali. Conceição não tinha aparecido, mas Margô sabia seu enderêço, lá na Vila dos Remédios. Moravam perto uma da outra e costumavam vir juntas para a **bôca**. Naquela noite, quando Margô batera à sua porta para chamá-la, Conceição dissera que não podia ir e Margô viu dentro do quarto um negrão que achou muito parecido com o Beto.

Margô era uma mulata engraçadinha, quase conseguira deixar a João Mendes para trabalhar nas boates da Vila Buarque. Quem tinha arrumado tudo era um tira da Delegacia de Costumes a quem ela dava 10 mil cruzeiros por semana para poder **funcionar** livremente. Êle gostava dela e queria levá-la para trabalhar em lugares onde os fregueses pagavam mais. Chegou até a comprar-lhe roupas e sapatos. Deu-lhe um **banho de loja**, como diziam os malandros. Os dois, porém, acabaram brigando por causa do dinheiro e ela não saiu da João Mendes. Era mulata esperta e conhecia todos os malandros daquela zona. Depois da briga com o tira, resolvera não sustentar mais homem nenhum. E, como tinha raiva dos homens, denunciava tudo quanto era malandro, ladrão e vagabundo que aparecia por ali.

Conceição tinha levado uma surra

Com o enderêço de Conceição, a equipe A partiu para a Vila dos Remédios. Invadiram a casa de arma em punho. Mas só a mulher estava em casa, e muito irritada: seu negro saíra com todo o dinheiro e ainda lhe dera uma surra. Estava tão revoltada que resolveu falar:

— Êle está com a maior nota e disse que ia gastar na casa da Teresa Gorda, no lixão. Êsse negro não presta. Faz sempre assim, mas hoje êle se estrepa. Quando está lesado, sem nenhum, vem correndo procurar a branca aqui e toma todo o meu dinheiro. Quando arranja uma bolada num escruncho qualquer, bota três ou quatro mulheres com êle num quarto e só volta pra casa duro. E ainda me dá pauladas. Mas hoje êle vai entrar bem.

Moura sabia onde era a casa de Teresa Gorda, ali na rua Guaianases, no centro da cidade. Trabalhavam para ela, na rua, mais de 15 mulheres.

Quando os três, depois de estacionar o carro longe da casa, foram chegando, as mulheres pensaram que fôssem fregueses. Trataram o preço e entraram na casa: Moura com uma menina loura oxigenada, os outros dois com duas morenas, uma gorda e outra miudinha, com cara de quem está sempre chorando. Dentro da casa, recebido por Teresa Gorda, Moura resolveu abrir o jôgo:

— Não queremos complicações, Teresa. Você tem um homem que nós queremos. É o Beto. Diz onde êle está e nós saímos sem escândalo e sem escama. Tá legal?

Mulher de quase 50 anos, Teresa Gorda sabia quando devia obedecer ou revoltar-se. Moura nunca lhe dera complicações e não era igual aos tiras que de vez em quando vinham ficar com suas meninas e não queriam pagar nada. A mulher achou melhor colaborar e apontou uma porta nos fundos. Moura mandou que ela batesse e ficou esperando, o revólver na mão. Uma loura desdentada apareceu, Moura empurrou-a e entrou. De cuecas, deitado na cama e fumando um cigarro de maconha, os olhos vermelhos, Beto tinha em volta de si mais três mulheres. Estava **ligado** e não esboçou reação. Vestiu a calça, a camisa e saiu descalço, enquanto os tiras recolhiam seu paletó e um pacote de dinheiro. As mulheres reclamaram o pagamento e os policiais mandaram-nas se queixar ao Secretário de Segurança.

Saíram direto para o Departamento de Investigações. Ali o negrão ia ter de falar. Por bem ou por mal.

E Beto falou. Por mal. Apanhou bastante até contar que sábado de madrugada encontrou Artur, um branco que conhecia da **bôca** da João Mendes, e foi convidado para o assalto à casa da velhinha, na Vila Mangaló. Disse que levara o Piranha junto e que depois do assalto e da divisão do dinheiro — Artur ficara com um milhão e o relógio da velha — fôra para casa de sua branca trocar de roupa. Não tivera tempo de gastar quase nada. Ainda tinha, no pacote, 480 mil cruzeiros. Não sabia onde estava Artur, mas o Piranha sim: êste lhe dissera que ia estourar o dinheiro em bolinhas e maconha. Beto sabia que êle comprava o material de uma mulher-macho que se vestia de homem, a Vandona, na **bôca das boates**, na Vila Buarque.

Quando acabaram de arrancar a informação de Beto, eram duas horas da manhã.

Dez minutos depois de o negro estar trancafiado no **chiqueirinho** da Delegacia de Roubos, o carro 156 do DI parava na esquina da Rua Major Sertório. Vandona estava lá, à vontade, passando fumo e bolinha. Não se

Três dos grandes problemas para os homens que defendem a lei: o jôgo, os entorpecentes e o homossexualismo, que se espalham por tôda a cidade e são caminhos para quem procura um criminoso. O tira tem certeza de que ali vai encontrar o homem que persegue.

abalou com a chegada do 156 pois conhecia todos os carros do Setor de Entorpecentes. A situação tinha piorado, o nôvo delegado era dureza, mas ainda dava para ela ir se arranjando. Vandona era da mesma opinião que os policiais do Setor de Entorpecentes: enquanto não se parasse de fabricar bolinhas, era impossível impedir o tráfico e o aumento de viciados. Ela havia começado com maconha, há muitos anos. Depois, apareceram as bolinhas. Hoje, embora um **pacau** de maconha esteja custando 1.500 cruzeiros, é mais vantajoso vender um tubo de psicotrópico, que chega a valer mais de 10 mil cruzeiros

Vandona não gostava de tiras

Moura desceu da perua e chamou Vandona. Ela apontou o outro lado e êle atravessou a rua. Alguns minutos depois, a voz grossa, o cabelo curto e o andar de malandro, ela foi ao seu encontro. Não houve cumprimento nem meias conversas. Moura não gostava de mulher-macho, nem Vandona de policiais.

— Quero o Piranha. Êle te procurou hoje?

— Já, mas faz tempo. Êle deve estar ligado por aí. Levou 10 tubos de bola e pagou adiantado. Disse que hoje ficava louco. Deve ter ido ver Teresa Zoinho, no lixo, mulher dêle.

— A mulher dêle não é uma branca, da São João, do 83?

— Aquela é uma trouxa. O negócio dêle é mesmo com a Zoinho, que se vira na Gusmões.

— Onde é que êle fica?

— No bar do Pé de Chumbo

Não houve despedidas, mas os dois compreenderam que a conversa tinha terminado. Vandona voltou para seu ponto e Moura entrou no carro:

— Vamos para a Gusmões. O Piranha deve estar por ali.

Moura não gostava nada de ir para aquêles lados. Era o lugar mais encrencado da cidade, onde se junta tôda a espécie de marginais. Entre a Rua dos Gusmões e a Rua dos Protestantes, perto do Departamento de Ordem Política e Social e da Estação Rodoviária, fica o que tôda a polícia conhece por **lixão**. Ali é que está o maior aglomerado de hotéis para **curta permanência**. São Paulo tem quase mil dêles. Naquele pedacinho da cidade, também trabalham cêrca de 1.500 das 80 mil mulheres que vivem de prostituição em São Paulo. Os hotéis não fecham e os bares nunca ficam vazios, funcionam dia e noite. Num dos bares, o mais famoso, o do Pé de Chumbo, estava sentado o Piranha.

Teresa Zoinho veio xingando

Quando Moura e seus dois homens se aproximaram, Piranha estava numa roda contando porque não era possível deixar de fiscalizar as mulheres:

— Você deu folga à mulher, ela te passa pra trás. Não entrega o dinheiro da viração e se você bobear ainda se entrega no amor para qualquer trouxa. Eu conto quantas vêzes a Zoinho entra e sai do hotel. Se o dinheiro não vier inteiro, dou-lhe a maior biaba

— Chega de farol, Piranha. Tá prêso. Vamos saindo sem dar show que é para a coisa não engrossar.

Êste homem toma conta da cidade

Na porta, quando Teresa Zoinho viu seu homem entre os dois tiras, veio correndo, gritando palavrões. Piranha quis aproveitar a chance para escapar, levou uma gravata enquanto a mulher era segura. No bôlso do paletó de Piranha havia 370 mil cruzeiros: além das bolinhas, êle comprara sapatos vermelhos para Teresa Zoinho.

De Artur ninguém sabia nada. Nem Doralice, nem Beto, nem Piranha. E êle é que estava com a maior parte do dinheiro e o relógio de cabeceira da casa da velhinha.

André Sujeira contou tudo

No DI, Moura voltou a conversar com Doralice. Ela repetiu sua história e já estava quase chorando — não lhe davam folga no interrogatório e às vêzes chegavam a ser violentos — quando resolveu contar que Artur tinha acertado no jôgo do bicho, sábado, e devia ter recebido o dinheiro de um cambista na esquina do cine Oásis, na Avenida São João. O nome do cambista ela não sabia, mas tôda noite êle ia até a Praça João Mendes recolher jôgo para o dia seguinte. Era só perguntar no bar do abrigo que todo mundo o conhecia.

Moura achou que estava tendo muita sorte no caso; tudo andava mais depressa do que esperava. Às 4 da manhã estava conversando com o dono do bar na João Mendes e já sabia o nome do homem que procurava. Era o André Sujeira, um dos 4 mil cambistas — corretores que recolhem o jôgo do bicho — em tôda a cidade, com a complacência da polícia. Segundo o dono do bar, Sujeira devia andar pelos lados da Praça da República, ou na **prainha** — São João esquina com Ipiranga, do lado do Bar do Jeca — porque gostava de homossexuais e ali era o ponto de encontro de quase todos êles.

O carro 156 ficou perto do largo Paiçandu, com um dos três tiras. Moura e o outro desceram a São João, a pé, rumo à **prainha**. Carioca, um homossexual muito conhecido, conversava com um grupo de colegas, gesticulando e dando gritinhos para chamar a atenção. Moura ia interrogá-lo, mas foi Carioca quem falou antes:

— Como vai, queridinho? Há muito tempo que não converso com você. Cada vez mais lindo, o que é que manda?

Moura sorriu e perguntou pelo Sujeira.

— Olha êle lá, conversando com aquela louca da Sandra. Perto do cinema.

Os dois tiras chegaram perto do bicheiro e o convidaram para um papinho, no saguão do cine Ipiranga, enquanto Sandra ia juntar-se aos colegas.

Sujeira reclamou:

— Que história é essa? Não se pode mais conversar com uma bicha?

— Calma Sujeira. Queremos saber se você pagou o joguinho do Artur, um branco de bigodinho que tem uma mulher trabalhando pra êle na João Mendes.

— Paguei sim. Êle até me vendeu um relógio de cabeceira e disse que hoje arrebentava a banca de um tal de Deodato que tem um jogo de crepe no Bexiga.

— Onde está o relógio?

— Deixei no bilhar, no Maravilhoso.

— Vamos buscar.

Enquanto atravessavam a rua, Sujeira respondia a outras perguntas:

— Onde é êsse crepe?

— Não sei. Nunca fui lá. Tem uns malandros no bilhar que devem saber. Por que você não pergunta ao Dudu? Êle com certeza sabe.

Bastou Moura aparecer, para Dudu vir correndo.

— Você sabe onde é o crepe do Deodato?

— Não, mas aquêle mulato, o Fala Macio, sabe. Êle vai sempre lá.

Fala Macio, um nortista especialista no conto do vigário — trocava um pacote de papel picado por muito dinheiro — jogava numa mesa dos fundos. Sòmente atendeu depois de dar a sua tacada:

— É na Rua Rocha, perto da Simca, numa casa assombrada amarela e bem velha. O crepe é no fundo, no porão.

Artur ainda quis correr

Quando chegaram, o dia estava clareando. A porta estava fechada e êles saltaram o portão. Sem fazer barulho, Deodato, o dono daquele jôgo de dados, quisera fazer há algum tempo um acêrto com a polícia, para funcionar, mas a resposta foi negativa. Soube que a polícia recusara, porque a **cabrinha** do bicho resolvia o problema de dinheiro. E assim a polícia poderia apresentar serviço, prendendo a turma do crepe e dos cassinos clandestinos. Na casa de Deodato, já havia dois dias que a mesma turminha jogava sem parar. Eram quatro, com o branco de bigodinho atirando os dados e ganhando uma atrás da outra. Um bôlo de dinheiro estava debaixo do seu joelho, e mais uma vez o dado deu sete. Êle recolhia o dinheiro quando a porta estalou e os três tiras apareceram de revolver na mão:

— Ninguém se mexe, senão vai bala. Artur, pega a grana e vem para cá. Não temos nada contra ninguém. Só queremos você.

Os outros recuaram e Moura arrastou Artur pelo paletó. Na rua, Artur quis correr. Levou um murro na testa e outro no estômago. Depois de algemado, sossegou. O caminho para o DI foi rápido. Já estava amanhecendo quando entraram no prédio. Na sala do Setor de Roubos, os dois contaram o dinheiro de Artur: 1.300.000. Êle tivera sorte no jôgo.

Depois de interrogado, Artur foi fichado e recolhido ao xadrez. Moura ia saindo, na porta esbarrou com o delegado, curioso:

— Tudo bem?

— Tudo. Resolvemos o caso da Vila Mangalô. Os vagabundos estão presos. Deixei os depoimentos dentro da gaveta de cima da escrivaninha. À noite vamos ver se encontramos aquêle receptador de jóias. Tchau.

VÁ À EUROPA E VOLTE VIA NOVA YORK PELA BRITISH UNITED

Em sua próxima viagem à Europa inclua em seu roteiro de volta uma visita aos Estados Unidos. Viaje pelo VC 10, o mais moderno jato comercial e desfrute da tradicional cortesia britânica, preferindo os serviços da BRITISH UNITED, a mais avançada frota aérea da Europa. Aproveite bem sua estada em Londres, utilize, se quizer, as conexões que oferecemos para as principais capitais européias e depois "dê um pulinho" a Nova York completando o roteiro mais agradável para suas férias ou conveniente para seus negócios. E não se esqueça: voar pelo VC 10 da BRITISH UNITED é viver uma experiência inesquecível, um autêntico privilégio. Os motores são Rolls-Royce. O vôo, o mais silencioso e tranqüilo, tal como você deseja

Passageiros de São Paulo serão transportados para o Rio em vôo especial pelos "Dart-Herald" da Sadia.

BRITISH UNITED

Consulte seu agente de viagens ou nossos escritórios - Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 251-B - Tel. 42-4046; São Paulo: Rua São Luiz, 258 - Lojas 32/33 : Tels. 33-7715 e 37-5768.

Os primitivos atiravam flechas na mulher
para demonstrar seu interêsse;
nossos avós davam o golpe do lencinho caído no chão;
mas, desde então, as coisas evoluíram muito.

A ARTE DA

Chama-se cantada, entre nós, a arte de estabelecer uma aproximação rápida e a mais íntima possível com um elemento do sexo oposto.

Salvo raríssimas e mais ou menos heróicas exceções, a iniciativa da cantada pertence ao sexo masculino. A mulher, em geral, não canta o homem: ela o seduz.

A diferença não está apenas nos métodos mas, principalmente, nos objetivos: a cantada visa ao agradável imediato, a sedução tende ao útil duradouro.

A cantada é, pois, como a linha reta: o caminho mais curto que vai do homem à mulher. Mas êsse caminho é pista de mão dupla: assim como serve para a ida, também pode servir para a volta. Uma volta precipitada, ressentida, sem graça, de mãos vazias e amor-próprio murcho. Demonstrar tais reações é de péssimo gôsto: manda a boa educação disfarçá-las com um sorriso e ar mundano.

É importante não confundir a cantada com o galanteio. O galanteio é a cantada não utilitária, um simples exercício de estilo, um jôgo mais de salão do que pròpriamente erótico. Não compromete nem a quem o faz nem a quem o aceita — e, sem dúvida, *tôdas* o aceitam de bom grado. Quando Charles Chaplin, ao se defrontar com Sofia Loren, lamentou não ter *só* 60 anos, fêz-lhe um grande galanteio.

O genuíno galanteador não vê na mulher um ser de carne e osso, com suas naturais imperfeições e fraquezas. Não a vê bonita ou feia, inteligente ou não tanto, agradável ou cha-

CANTADA

Texto de
Carmen da Silva

Desenhos de
Hamilton de Souza

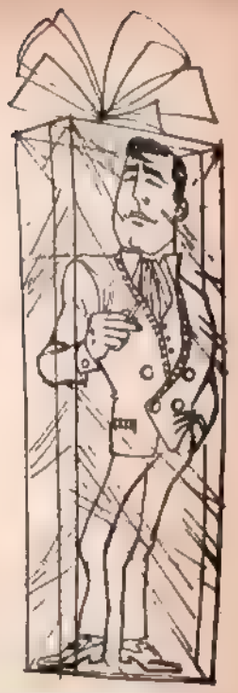
ta. Isto é, não a vê real. Para êle, a mulher é um monte de abstrações: a Feminilidade, a Beleza, a Delicadeza, a Graça. O galanteador coloca a mulher num pedestal, fora do alcance de suas próprias — talvez grosseiras, certamente recalcadas, quem sabe incestuosas — mãos. E admira-a como quem admira um quadro, uma escultura, uma paisagem. Por isso certos homens galanteiam outras mulheres abertamente diante de suas próprias espôsas, sem que estas sintam o menor ciúme. Quando muito, há uma queixa:

— A mim êle nunca diz coisas assim tão lindas.

Mas é uma queixa sem azedume — ela, a espôsa, carnal, tangível, não idealizada, sabe que talvez seja a única mulher de *verdade* para êle

O ARDENTE

O DISFARÇADO



O VAIDOSO

O segrêdo está no estilo de cada um

O galanteador faz a mulher sentir-se bela, importante, mas o amor não entra em cogitação. No galanteio entram apenas a lisonja, a reverência e um profundo temor ao fracasso. Ou ao sucesso. Os dois mêdos se equivalem e qualquer dêles basta para inibir iniciativas eróticas tendendo **realmente** a um fim.

O galanteio, porém, tem caído em desuso. Os homens de hoje usam disfarces menos requintados para esconder seus mêdos. Só mesmo os contemporâneos de Chaplin ainda se dedicam a tão delicado exercício.

Outra fórmula aproximada da cantada é a piadinha de rua. Como o galanteio, não persegue pròpriamente a conquista. Mas não se pode dizer que seja totalmente desinteressada. A piadinha largada no ouvido da mulher que passa tem objetivos claramente exibicionistas. O homem posta-se na rua, na porta do cinema ou num ponto movimentado; no interior é na praça, à saída da igreja. Quando vem uma mulher êle arma seu **showzinho**: inclina-se, gesticula, assobia, declama, trombeteia a frase feita:

— Isso é justamente o que o médico me receitou!

Se tem pretensão à originalidade, espeta uma frase de sua própria lavra — em geral, sempre a mesma.

A finalidade do piadista de rua é mostrar ao público como êle é sensível aos encantos do sexo feminino:

— Olhem como sou, não posso ver mulher. Vejam como sou viril, vejam como sou audaz e desinibido, sou mesmo o tal!

Essa necessidade de tirar patente de segurança e macheza revela o contrário do que procura mostrar: êle se sente profundamente inseguro de sua virilidade.

Existe ainda o gracejador de rua discreto. Êsse não usa mímica nem faz barulho. Sem mover um músculo da face, quase sem descerrar os dentes, murmura a cada mulher que passa:

— Boa! Belezoca! Simpática! Posso acompanhá-la?

Êsse resmungo, quase inaudível, não se destina ao público e nem sequer à mulher abordada. Solitário, desligado de tudo quanto o cerca, perdido em suas próprias fantasias, êle utiliza a mulher como **pretexto** para repetir as frases de seu monólogo interior.

Entre os mais antigos povos da África já havia uma tribo — os boximanes — onde a cantada tinha forma realmente original: com uma seta, os homens flechavam a mulher nas nádegas. Isto demonstrava um profundo e urgente interêsse erótico.

Com a evolução e, principalmente, com a instituição do casamento monogâmico, foi preciso adotar métodos de cantada que não deixassem marcas. Foi abolido, pois, o uso de instrumentos cortantes, perfurantes ou contundentes. Claro, há certas coisas que mesmo sem deixar marcas dão na vista: iates, automóveis, jóias, peles, veraneios em St. Tropez, excursões a Paris, temporadas de esqui em St. Moritz. Mas êsse é um ponto altamente controvertido: pode-se considerar tudo isso como instrumental de cantada? Alguns homens sustentam que sim: guerra é guerra, dizem, neste jôgo vale tudo. Outros, porém, encaram o assunto com mais amor-próprio profissional: cantador que se preza, afirmam, não utiliza êsses meios que são de subôrno e não de conquista.

A objeção é justa. Os iates, as jóias e o turismo elegante estão ao alcance apenas de uma minoria — e a cantada deve ser como o voto: democrática, universal e mais ou menos secreta.

Disparada à queima-roupa, a cantada transforma-se numa vulgar **proposta desonesta**, e isso a desqualifica ante as mulheres que têm por princípio não aceitar tais pro-

O DRAMÁTICO

O INTELECTUAL

O OPORTUNISTA

O LAMURIENTO

postas. Uma cantada em bom estilo exige um tipo de abordagem que não provoque reações defensivas. Já se sabe que mulher é teimosa: depois de ter dito **não** é pràticamente inútil mudar de tática para arrancar-lhe um **sim**. Contra a vontade, por capricho, ela manterá a negativa. Para não comprometer o êxito, o ideal é o cêrco aparentemente desinteressado: inicia-se o diálogo em tom mais ou menos neutro, que inspire confiança e vai-se, lenta e gradativamente, levando as coisas ao ponto desejado.

Êsse processo requer pretextos mais ou menos válidos; já o sabiam nossos avós. Êles nunca saíam de casa sem levar no bôlso alguns lencinhos de renda e luvas de pelica, para **achá-los** no caminho:

— Senhorita, perdeu o lenço?

— Senhorita, isto deve ser seu: luva tão diminuta só pode caber em mãozinha tão bela como a sua.

O golpe do lenço e da luva já não pega. Isso porém não quer dizer que os pretextos tenham desaparecido: a vida moderna e os fenômenos meteorológicos proporcionam inúmeras oportunidades. Ninguém deixa sem resposta um comentário simpático sôbre a chuva, o vento, o calor. Na praia surgem advertências sôbre a temperatura da água ou a braveza do mar; ajuda-se a instalar a barraca; pede-se ou dá-se fósforo para acender o cigarro. Na condução, auxilia-se a abrir ou fechar a janela, facilita-se o trôco, comentam-se os problemas de trânsito. Na rua pergunta-se um endereço, um ponto de ônibus; nas repartições oferece-se a cola para os selos. Pode-se mesmo, em horas de apêrto, compartilhar um táxi: êste é um dos melhores quebra-gelos que existem.

Às vêzes as circunstâncias criam condições excepcionalmente favoráveis. Uma trombada, um incêndio, qualquer acidente serve como ótimo pretexto. O diálogo, nesses casos, surge espontâneamente em ambiente de alta tensão emotiva! chega-se à conclusão filosófica de que "não somos nada, a vida é curta, a morte é certa". Premissa ideal para a cantada apocalíptica.

Do automóvel nem é preciso falar. Oferecer-se carona em dia de chuva, na hora do **rush**, é o lugar comum da cantada. Outro importantíssimo elemento é o cachorro. Mulher que sai a passear com o totó é **barbada** para o cantador:

— Que engraçadinho! De que raça êle é?

O clima então torna-se quase irresistível. Fala-se de raças e cruzamentos, elogia-se a inteligência do animal, a dona conta suas habilidades e gracinhas. Quando o cavalheiro afirma que "o cão é o melhor amigo do homem", ela sente que encontrou sua alma gêmea. A essa altura já vai tudo de vento em pôpa.

Mas se em vez de um totó fôr um boxer, um policial, um buldogue, é preciso ir com mais cuidado. Não convém começar perguntando se êle é bravo, pois se a dona responder simplesmente "é!", a conversa não irá adiante.

Seria impossível descrever todos os estilos de cantada. Cada homem tem o seu e mesmo quando imita alguém não pode evitar o toque pessoal. Pode-se, entretanto, descrever alguns dos mais usados entre nós:

O **ardente** é de inspiração mediterrânea. O homem trata por todos os meios de demonstrar à mulher que, ou a consegue imediatamente, ou morre vítima de apoplexia. Arregala os olhos, dá suspiros, fala em tom entrecortado; suas mãos se descontrolam e se multiplicam. Impressiona, mas o desgaste de energia é muito grande, principalmente num clima quente como o nosso.

O **dramático** é calcado no modêlo mexicano. Intenso, exigente, feroz, ameaçador: "Não queres? Pois nunca mais quererás nada na vida!" Usa as grandes palavras, os juramentos altissonantes: "sempre", "tôda a vida", "eternamente", "jamais", "por essa luz que me alumia", "pela alma de minha mãe" e "pelo manto da Virgem de Guadalupe".

O **disfarçado** é um dos estilos tìpicamente brasileiros. O rapaz não quer nada, mas nada mesmo: só a companhia e o papo. Convida para o apartamento, acha até que a família está em casa (não está). Pega no queixo mas não quer nada: só observar certo ângulo do rosto. Desce a alça do vestido mas não quer nada: só ver se ela vai à praia. E vai indo, vai indo — tudo sem querer nada.

O **lamuriento**, pobre rapaz, tão infeliz no casamento, tão frustrado em suas aspirações, sua carreira, seus amôres, tão perseguido em casa e no emprêgo, tão insone e inapetente, tão necessitado de compreensão e consôlo, tão apegado a essa última esperança de conseguir um grãozinho de felicidade. Com as mulheres de forte instinto maternal, é tiro e queda.

O **vaidoso** é agente de propaganda de sua própria virilidade, de seus talentos eróticos, de suas conquistas, de sua irresistibilidade — e até de sua falta de paciência para tolerar demoras. Parece um vendedor oferecendo à freguesa a última chance de comprar um artigo da melhor qualidade a preço de liquidação: se não aproveitar hoje, amanhã não tem mais.

O **oportunista** utiliza razões práticas: se ela aceitou um drinque, um cinema, uma boate, assumiu uma obrigação. Afinal, por que aceitou? **Para quê** pensa que êle a convidou? Conforme as circunstâncias, torna-se frenético: a espôsa regressa amanhã, o amigo lhe emprestou o carro ou o apartamento por um dia só. Êle tem de quebrar o galho agora, já, imediatamente e se essa não dá pé vamos partir para outra. acaba

O feitiço pode virar contra o feiticeiro

O **intelectual** acredita piamente que a História, a Sociologia, a Psicanálise devem fatalmente desembocar em seu leito. Mulher inteligente e evoluída tem de ser sexualmente livre... em benefício dêle. Por lógica, por coerência doutrinária, pela lei de causa e efeito, ela tem de dizer sim. E, se não disser, é uma recalcada cheia de conceitos burgueses, produto de uma sociedade em decadência, uma subdesenvolvida.

Existe um tipo de homem que faz da cantada uma verdadeira obra de arte. Dominando tôdas as técnicas, é senhor de um estilo pessoal e flexível, duma lábia segura e apurada. Nunca vamos encontrá-lo em período de intervalo: está sempre em ação, cantando — ou, como êle diz — **trabalhando** alguma mulher. Opera sem precipitação, com a delicada paciência de um ourives. Aproxima-se da candidata, estuda-lhe a personalidade e, espreitando-lhe as fraquezas e os pontos vulneráveis, traça um plano de ataque aos flancos mais desguarnecidos. Fica atento aos mínimos detalhes que indiquem a conveniência de mudar de tática, mantém um cêrco inflexível, dia a dia, hora a hora. O pior que a mulher pode fazer-lhe é ceder depressa demais: êle não quer resultados rápidos. Quer vencer resistências, superar obstáculos. Escolhe as mulheres mais difíceis, mais austeras e, se possível, acrescenta alguns ingredientes de angústia e tensão: que ela seja a mulher do patrão ou do melhor amigo, por exemplo. Enfim, quanto mais problemas, melhor.

Age exatamente como um jogador: faz a aposta consigo mesmo e espera. Não admite perder. Porque na verdade o que está em jôgo não é a conquista de tal ou qual mulher, mais ou menos indiferente, mais ou menos inacessível, mais ou menos merecedora dos esforços que fêz para obtê-la. O que está jogando são suas primitivas ânsias infantis; é o mais antigo e mais importante amor de sua vida; é a fantasia que domina sua estrutura sentimental: êle não abandonou a esperança de conquistar a própria mãe. Daí só se dedicar às mulheres difíceis. Daí se decepcionar cada vez que a aventura se consuma. Se a mulher ceder, então é porque não era comparável à sua mãe — e tudo recomeça: é um círculo vicioso.

Até agora viu-se a cantada apenas pelo lado masculino. Mas, como não há cantada sem mulher, é necessário comentar sua posição na história.

A cantada implica numa atitude fundamentalmente agressiva contra a mulher. Nega-lhe a condição de pessoa dotada de livre arbítrio, reduzindo-a a simples objeto erótico, sem vontade própria, fácil de ser dirigida mediante a astúcia, a lábia, a conversa fiada. Freqüentemente a mulher serve de pretexto para a auto-afirmação viril: êle tem de conquistar para sentir-se homem.

Assim mesmo, muitas mulheres precisam ser cantadas para reforçar sua segurança feminina, ficam felizes por despertar o desejo, ou o espetáculo do desejo masculino — o homem pendente de um **sim** ou de um **não** de seus lábios.

Outras encontram na intensidade do cêrco uma desculpa para fugir à responsabilidade de seus atos: elas **queriam** resistir mas não puderam, a pressão foi forte demais. Mas isso é fantasia, pois a mulher **tem** vontade própria e só cede quando quer.

Aliás, é o lado agressivo que diferencia a cantada do flêrte. Neste, não se trata de embromar o outro ou servir-se dêle; a atração é mútua, espontânea e genuína — não é unilateral e artificial como na cantada.

O melhor sistema conhecido até hoje para desanimar um cantador é o que se baseia no princípio homeopático **similia similibus curantur**, ou seja, veneno de cobra cura-se com veneno de cobra. Trata-se de virar do avêsso o jôgo masculino.

Por exemplo: o homem elogia a beleza da mulher e ela responde:

— Sim, sou belíssima, isso não é novidade para ninguém.

Evidentemente, não é a resposta que êle esperava: desconcertado, já perdeu um ponto.

Se êle fôr do tipo lamuriento, ela será mais desgraçada ainda. Se êle se queixa de desdita conjugal, ela se queixará do custo da vida e da saúde: sofre do fígado, de reumatismo crônico, sinusite e furunculose, e os remédios estão pela hora da morte. Para infeliz, infeliz e meio. Dá resultado.

Se êle é ardente ou dramático, ela o será ainda mais: está furiosamente apaixonada, será capaz de matá-lo se êle olhar para outra mulher, quer tê-lo ao seu lado noite e dia, possuir até seus pensamentos. Tudo isso a partir de amanhã. Hoje ela está esgotada de emoção. Amanhã, com certeza, êle não volta. Ao intelectual, ela espetará uma tese avançadíssima, provando que sexo é coisa superada. Dá trabalho inventá-la, mas funciona. E assim por diante.

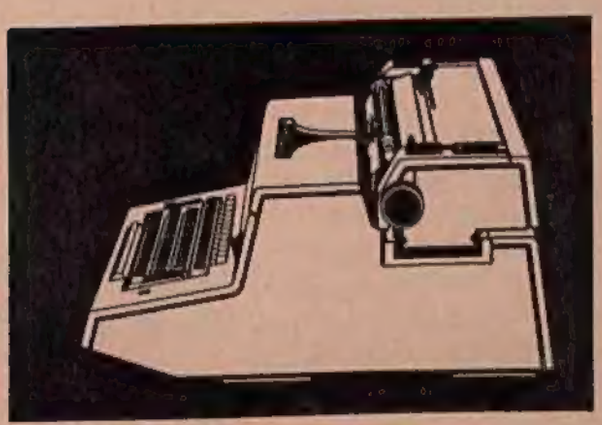
Mas a proeza realmente artística é a que consiste em fazer virar o feitiço contra o feiticeiro, transformando em boas as péssimas intenções que o cantador alimentava. A cantada que termina no registro civil é o melhor atestado da habilidade feminina — e uma advertência que os homens não devem ignorar. FIM

olivetti

tek

3

máquina de escrever elétrica



Olivetti Industrial s.a.
sede central: São Paulo - fábrica: Guarulhos (S. P.)
escrit. de representação: Rio de Janeiro
filiais em: Rio de Janeiro - São Paulo - Belém - Belo Horizonte
Brasília - Campinas - Curitiba - Duque de Caxias - Fortaleza
Goiânia - Juiz de Fora - Niterói - Pôrto Alegre - Recife
Salvador - Santos - Vitória.
Agentes exclusivos e revendedores em todo o território nacional

É VERDADE QUE, NO BRASIL, TODO O PODER ESTÁ NAS MÃOS DOS MILITARES?

SIM

Infelizmente, sim. Pela estrutura do nosso regime caberia aos militares brasileiros uma posição modesta e digna, de guardas das nossas fronteiras e de defensores das instituições. Entretanto, alguns preconceitos injustos, embora arraigados, levam os militares intermitentemente a incursionar em campo alheio, com o fito de "salvar o Brasil do abismo em que quase ia sendo lançado..." O primeiro preconceito, da parte do civil, consiste em considerar o militar arbitrário e violento. Por seu lado, o militar encara o **paisano**, em regra, como displicente e sem civismo. Resultado: o militar subestima o **paisano**; o civil teme o militar. É engano dos militares pensar que são admirados pelos civis. Há, pelo contrário, da parte dêstes, um mal disfarçado temor. Evidentemente êsse juízo recíproco não é unânime, mas é muito comum. Quando, por exemplo, lembramos a figura admirável de Benjamin Constant, o fundador da República, sentimos bem que os grandes militares brasileiros são, antes de tudo, verdadeiros cidadãos, isto é, civis fardados. Em outro exemplo, quando recordamos o Presidente Campos Salles, pasmamos de ver como um grande civil soube resolver, sem violências, sem revolução, sem arbitrariedades, sem injustiças, mas civilizadamente, o agudo problema econômico-financeiro que então desafiava seu saber e seu patriotismo. Os militares, porém, desconfiando dos civis, vivem apreensivos com a sua atuação, na indústria, na política, etc., e prontos a arrebatar-lhes as funções, para corrigir os erros fatais que, no seu entender, o **paisano** estaria cometendo... Esta infeliz atitude de **vestal, tutor** e **messias**, do militar, recrudesceu recentemente gerando os acontecimentos a que todos estamos assistindo. Outro preconceito bem grave refere-se à segurança nacional. Sôbre ela existe uma definição — aliás bastante contestável — formulada na Escola Superior de Guerra. A segurança nacional se presta a sofismas, dispondo os militares ao exagêro. Chega-se até ao requinte de encaixar na segurança nacional o feijão, a cebola, a política, a moral, a religião... tornando assim os militares árbitros supremos de tôdas as questões nacionais, sejam elas quais forem... Isso explica a Revolução e o motivo pelo qual, efetiva e abusivamente, todo o poder está nas mãos dos militares. Oxalá os bons militares meditem sôbre isso, reconsiderem e retornem, com humildade e patriotismo, para a singela posição que a Constituição lhes aponta.

Contra-almirante
Norton D. Belleux

NÃO

Tanto o Poder Judiciário como o Poder Legislativo estão funcionando em tôda a sua plenitude, em que pesem os Atos Institucionais surgidos com o advento da Revolução. O Judiciário teve a seu favor, inclusive, a ampliação de vagas no Supremo Tribunal Federal, permitindo que homens eminentes como Aliomar Baleeiro, Prado Kelly e outros passassem a pertencer à mais alta côrte do País. O Congresso, por sua vez, foi legitimado pela Revolução e aceitou essa legitimação, funcionando hoje em todo o seu esplendor. Um parlamentar disse, há pouco tempo, que o Congresso é o responsável pela situação política brasileira, porque é um Congresso amordaçado. Retruquei, então, que êsse amordaçamento não existe, pois os deputados falam o que querem e sentem. E lembrei a frase de Cavour: "É preferível uma péssima Câmara à melhor das antecâmaras". Não se pode negar, entretanto, que o Poder Executivo é um poder forte. Em decorrência dos Atos Institucionais, êle às vêzes funciona discricionàriamente. O Congresso, entretanto, sempre reage e a melhor prova disso é que ainda agora recusou a mensagem presidencial sôbre o voto vinculado, a respeito do qual êle fechara questão. E há a considerar, acima de tudo, que o govêrno Castelo Branco — justiça lhe seja feita — nos trouxe tranqüilidade. A imprensa é livre, os comícios aí estão, o povo é convocado nas praças públicas, os congressistas (apesar dos agentes do SNI) dizem o que pensam. Teremos eleições indiretas dentro de pouco tempo e elas terão de ser indiretas, porque não se pode mudar as regras de um jôgo, depois que elas são estabelecidas e a Nação já as aceitou. A participação dos militares no govêrno não é um fenômeno trazido pela Revolução de março. Desde a proclamação da República, os militares sempre ocuparam postos importantes. O militar é como o engenheiro, o advogado, o sacerdote, é brasileiro como outro qualquer. Por que não pode ocupar postos públicos? Em todos os países do mundo, encontram-se militares em cargos civis, por que não aqui? Quero lembrar, por fim, que o Presidente mais civilista e que mais respeitou a Constituição foi exatamente um militar, o Marechal Eurico Gaspar Dutra, cuja orientação sigo desde os bancos escolares. E acredito que o General Costa e Silva, eleito pela maioria absoluta do Congresso Nacional, será na Presidência da República um retrato fiel do Marechal Eurico Gaspar Dutra.

Anísio Rocha
Deputado Federal

Pergunta do leitor A.M. dos Santos — São Paulo, SP.

Há quem o prefira sòzinho, muitos o apreciam em calda de caramelo. Outros gostam mais com ameixa. Seja como fôr, é Flan Royal: basta.

FLAN ROYAL

Mais um produto de qualidade F R Fleischmann-Royal

Luz é vida, princípio.

Luz é alegria, palpitação, movimento.
Luz são côres. Princípio que é começo, com a descoberta da primeira lâmpada incandescente — herança intransferível da General Electric.
Mas, princípio que é também diretriz e meta.

Por isso, as conquistas da General Electric, o avanço sôbre o futuro, nas mais revolucionárias formas de iluminação. Por isso, os sábios cientistas e técnicos a serviço da luz na General Electric. Por isso, a liderança mundial G-E.

LUZ É VIDA, LUZ É G-E